



Casa Hikaru

Estudo Preliminar de Unidade Familiar
inspirada na Arquitetura Tradicional
Japonesa no município de Santa Cruz
do Capibaribe-PE



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

WANG FE LIAN

CASA HIKARU: Estudo Preliminar de Unidade Familiar inspirada na Arquitetura
Tradicional Japonesa no município de Santa Cruz do Capibaribe-PE.

São Luís

2024

WANG FE LIAN

CASA HIKARU: Estudo Preliminar de Unidade Familiar inspirada na Arquitetura Tradicional Japonesa no município de Santa Cruz do Capibaribe-PE.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão para o grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lúcia Moreira do Nascimento.

São Luís
2024

Lian, Wang Fe.

Casa HIKARU: Estudo Preliminar de Unidade Familiar inspirada na Arquitetura Tradicional Japonesa no município de Santa Cruz do Capibaribe-PE./ Wang Fe Lian – São Luís, 2024.

123 f.: il.

Monografia (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2024.

Orientador: Profa. Dra. Lúcia Moreira do Nascimento

1. Arquitetura japonesa. 2. Projeto. 3. Cultura. 4. Brasil. 5. Japão I. Título.

CDU: 72.001.183:930.85(52)(813.4)

Elaborada por Raimunda Aires - CRB 13/939

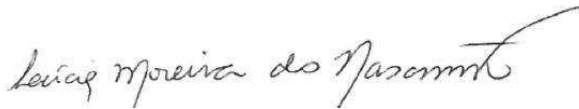
WANG FE LIAN

CASA HIKARU: Estudo Preliminar de Unidade Familiar inspirada na Arquitetura Tradicional Japonesa no município de Santa Cruz do Capibaribe-PE.

Monografia apresentada junto ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, para obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dr^a. Lúcia Moreira do Nascimento (Orientadora)

Doutora em Arquitetura e Urbanismo – FAU Lisboa (PT)
Universidade Estadual do Maranhão

Profa. Dr^a. Sanadja Souza de Medeiros (Coorientadora)

Doutora em Urbanismo
Universidade Estadual do Maranhão

Profa. Dr^a. Celia Regina Mesquita Marques (Avaliadora Interna)

Doutora em Urbanismo – UFRJ
Universidade Estadual do Maranhão

Arq. Ma. Tatyana Silva de Medeiros (Avaliadora Externa)

Mestre em Planejamento Urbano – Sorbonne Paris

Dedico este trabalho a todas as pessoas que me acompanharam até o momento presente, familiares e amigos! Vocês foram excepcionais.

AGRADECIMENTOS

A meus pais, que sempre estiveram presentes.

As minhas irmãs, que sempre foram um pilar essencial na minha vida e no trabalho.

E aos meus amigos, que me ajudaram a crescer, obrigado a todos!

“O mais corajoso dos atos ainda
é pensar com a própria cabeça.”

Coco Chanel

RESUMO

A religião desde muito cedo foi um dos pilares da construção da cultura japonesa, crenças como xintoísmo e budismo são alguns exemplos de religiões que fizeram uma grande influência da arquitetura japonesa. Ambos compartilham a visão de que os espíritos residem a natureza, elementos como: água, árvores, pedras e vegetações, encontram-se presentes nas casas e templos nipônicos. Além da natureza, outras características são marcantes, como o uso do estético do contraste de luz e sombra, a integração entre o interno e o externo, o uso diferenciado dos espaços e tudo isso torna esse estilo arquitetônico fascinante e foi a partir desse fascínio que uma família descendente de japoneses, composta por duas irmãs, Fernanda (30) e Thaís (27), fizeram a solicitação de um projeto, chamado Casa Hikaru, para ser adaptado e construído em Santa Cruz do Capibaribe, Pernambuco. A partir de estudos sobre diversos fatores como o contexto histórico do Japão e como a geopolítica desse arquipélago afetava a arquitetura, as influências religiosas, o jardim japonês, as estruturas dessas casas orientais, além do estudo das características geográficas do município pernambucano, foi possível elaborar um projeto que se adaptasse a esse local. É importante ressaltar as divergências arquitetônicas entre o Brasil e o Japão, pois o primeiro, possui a alvenaria como a espinhal dorsal de sua construção, desde o período colonial, mantendo-se até os dias de hoje, com inovações tecnológicas do material, mas ainda sim, é usada a alvenaria. Já na arquitetura japonesa tradicional, o uso da madeira era o que compunha principalmente as estruturas das casas e templos, pois o Japão possui uma abundância de árvores, mas uma ausência muito grande de minérios, como o ferro para fazer parafusos, desse modo as casas japonesas eram construídas a partir de encaixes de madeira, por uma mão de obra extremamente especializada, por isso é difícil o acesso a uma construção aproximada dessa estrutura, pois a funcionalidade das mãos de obra de ambas as regiões são diferentes, sendo assim, o projeto é uma adaptação e releitura moderna desse estilo arquitetônico.

Palavras-chave: Arquitetura japonesa; Projeto; Cultura; Brasil; Japão; Santa Cruz do Capibaribe.

ABSTRACT

From an early age, religion was one of the pillars in the construction of Japanese culture, beliefs such as Shintoism and Buddhism are some examples of religions that had a great influence on Japanese architecture. Both share the view that spirits reside in nature, elements such as water, trees, stones and vegetation are present in Japanese houses and temples. In addition to nature, other characteristics are striking, such as the use of the aesthetic contrast of light and shadow, the integration between the internal and external, the differentiated use of spaces and all of this makes this architectural style fascinating and it was from this fascination that a family of Japanese descent, made up of two sisters, Fernanda (30) and Thais (27), requested a project, called Casa Hikaru, to be adapted and built in Santa Cruz do Capibaribe, Pernambuco. Based on studies on various factors such as the historical context of Japan and how the geopolitics of this archipelago affected the architecture, religious influences, the Japanese garden, the structures of these oriental houses, in addition to the study of the geographical characteristics of the municipality of Pernambuco, it was possible to elaborate a project that would adapt to that location. It is important to highlight the architectural differences between Brazil and Japan, as the former has masonry as the backbone of its construction, since the colonial period, continuing to this day, with technological innovations in the material, but still Yes, masonry is used. In traditional Japanese architecture, the use of wood was what mainly made up the structures of houses and temples, as Japan has an abundance of trees, but a very large absence of ores, such as iron to make screws, thus the houses Japanese structures were built from wooden fittings, by an extremely specialized workforce, so it is difficult to access an approximate construction of this structure, as the functionality of the workforce in both regions is different, therefore, the project It is a modern adaptation and reinterpretation of this architectural style.

Keywords: Japanese architecture; Project; Culture; Brazil; Japan; Santa Cruz do Capibaribe.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa do Japão.	18
Figura 2: Técnica construtiva de casa no período <i>Jomon</i>	19
Figura 3: Cerâmicas do período <i>Jomon</i>	19
Figura 4: Ilustração de estilo de vida no período <i>Yayoi</i>	20
Figura 5: Técnica construtiva de casa no período <i>Yayoi</i>	20
Figura 6: Cerimônia Xintoísta do festival <i>Ohitaki</i>	21
Figura 7: Espírito <i>Kami</i> , o espírito da escuridão.	21
Figura 8: Casa do período <i>Kofun</i> , Museu de História de <i>Osaka</i>	23
Figura 9: Cerâmica do período <i>Kofun</i>	23
Figura 10: O grande Buda, em <i>Kanagawa</i> , no Japão.	25
Figura 11: Construção do período <i>Asuka</i> , Templo <i>Horyuji</i>	26
Figura 12: Construção do período <i>Nara</i> , templo <i>Todaiji</i>	27
Figura 13: Construção do período <i>Heian</i> , templo budista <i>Byōdō</i>	28
Figura 14: A onda <i>Kamikaze</i>	29
Figura 15: Planta do Castelo <i>Iwamura</i> , período <i>Kamakura</i>	30
Figura 16: Cerimônia do chá.	32
Figura 17: Casa de chá <i>Ninomaru</i> em <i>Kakegawa</i> , Japão.	33
Figura 18: Gravura que retrata a sangrenta guerra civil entre os <i>Daimiô</i>	34
Figura 19: Exemplo de jardim <i>Zen</i>	34
Figura 20: Castelo do período <i>Azuchi-Momoyama</i>	36
Figura 21: Villa imperial <i>Katsura</i> , período <i>Edo</i>	37
Figura 22: <i>Fusuma</i>	41
Figura 23: <i>Shojin</i>	41
Figura 24: Esquema sobre a funcionalidade do espaço japonês.	43
Figura 25: Sala japonesa revestida de tatame.	43
Figura 26: Kanji <i>MA</i>	44
Figura 27: Tradução dos ideogramas do termo “ <i>MA</i> ”	45
Figura 28: Jardim japonês em <i>Kyoto</i>	46
Figura 29: Cena do filme <i>Meu amigo Totoro</i>	46
Figura 30: Imagem que demonstra a estrutura do <i>hisashi</i> e o <i>engawa</i>	49
Figura 31: Croqui esquemático com os elementos da arquitetura tradicional japonesa.	50

Figura 32: Gueixas apreciando a paisagem em cima do engawa.....	51
Figura 33: Imagem de casa japonesa com <i>genkan</i>	52
Figura 34: Jardim do templo <i>Ryoanji</i>	53
Figura 35: Jardim <i>Zen</i>	54
Figura 36: Jardim <i>roji</i>	55
Figura 37: Técnica <i>wabi-sabi</i> aplicada a cerâmica.....	55
Figura 38: Jardim <i>roji</i> em casa de chá.	56
Figura 39: Trilha de pedras no jardim <i>roji</i>	57
Figura 40: Jardim japonês de <i>Ojiya</i>	59
Figura 41: O Santuário de <i>Ise</i>	60
Figura 42: Ilustração de artesãos montando uma casa a partir de encaixes de madeiras.	61
Figura 43: Esquema de encaixe de vigas e pilares.....	62
Figura 44: Encaixe de madeira chamado de <i>Kawai Tsugite</i>	62
Figura 45: Exemplo de cômodo japonês iluminado pelo <i>Shojin</i>	64
Figura 46: A silhueta dos jardins exibidos nos <i>shojin</i>	65
Figura 47: Textura do tatame.	65
Figura 48: Textura da divisória do tatame.....	66
Figura 49: Detalhe de ouro na maçaneta.	68
Figura 50: Detalhe de ouro na maçaneta.....	68
Figura 51: Volumetria do projeto <i>Courtyard House</i>	69
Figura 52: Planta baixa do primeiro pavimento do projeto <i>Courtyard House</i>	70
Figura 53: Planta baixa do segundo pavimento do projeto <i>Courtyard House</i> . ..	70
Figura 54: Imagem do jardim do projeto <i>Courtyard House</i>	71
Figura 55: Projeto <i>Courtyard House</i>	71
Figura 56: Imagem do projeto <i>Courtyard House</i>	72
Figura 57: Imagem do projeto <i>Courtyard House</i>	72
Figura 58: Imagem do projeto <i>Courtyard House</i>	73
Figura 59: Casa de Jo Takahashi, jardim frontal.....	74
Figura 60: Casa de Jo Takahashi, ponte de acesso à casa.....	74
Figura 61: Casa de Jo Takahashi, riacho de pedras.....	75
Figura 62: Casa de Jo Takahashi, pavimento superior.	75
Figura 63: Casa de Jo Takahashi, quarto.	76
Figura 64: Casa de Jo Takahashi, banheiro com Ofurô.....	76

Figura 65: Casa de Jo Takahashi, terraço com gramado.....	77
Figura 66: Casa de Jo Takahashi, parede com escada.....	77
Figura 67: Casa de Jo Takahashi, sala de jantar.....	78
Figura 68: Casa de Jo Takahashi, terraço.....	78
Figura 69: Casa de Jo Takahashi, Hisashi.....	79
Figura 70: Casa de Jo Takahashi, escadaria externa.....	80
Figura 71: Mapa da distância de Santa Cruz do Capibaribe e Recife.....	81
Figura 72: Mapa Santa Cruz do Capibaribe.....	81
Figura 73: Mapa da topografia de Santa Cruz do Capibaribe.....	82
Figura 74: Gráfico de temperatura de Santa Cruz do Capibaribe no decorrer do ano.....	83
Figura 75: Gráfico de temperaturas e umidade média.....	83
Figura 76: Planta de situação do condomínio Jardins do Capibaribe na cidade.....	84
Figura 77: Planta de situação do lote no condomínio.....	85
Figura 78: Fluxograma primeiro pavimento.....	88
Figura 79: Fluxograma segundo pavimento.....	88
Figura 80: Plano de manchas.....	89
Figura 81: Plano de manchas e setorização do primeiro pavimento.....	89
Figura 82: Plano de manchas e setorização do segundo pavimento.....	89
Figura 83: Planta de cobertura com exemplos de estruturas.....	90
Figura 84: Planta de Layout com exemplos de estruturas.....	91
Figura 85: Fachada.....	94
Figura 86: Tartaruga de pedra na margem do lago.....	94
Figura 87: Área de lazer.....	95
Figura 88: <i>Hall</i> de entrada (<i>Genkan</i>).....	95
Figura 89: Sala de estar.....	95
Figura 90: Sala de estar.....	96
Figura 91: Sala de jantar.....	97
Figura 92: Corredor.....	97
Figura 93: Cozinha.....	98
Figura 94: Terraço, composto pelo <i>Hisashi</i> e pelo <i>Engawa</i>	98
Figura 95: Fachada dos fundos demonstrando o <i>Hisashi</i> e o <i>Engawa</i>	99
Figura 96: Escada.....	100

Figura 97: Vista da casa.....	100
Figura 98: Suíte 02.....	101
Figura 99: Banheiro.....	101
Figura 100: Varanda com gramado.....	102

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	O JAPÃO E A CONSTRUÇÃO DE SUA ARQUITETURA	17
2.1	Período <i>Jomon</i> (10.000 a.C. - 300 a.C.)	18
2.2	Período <i>Yayoi</i> (300 a.C. - 300 d.C.)	19
2.3	Período <i>Kofun</i> (300 - 538).....	22
2.4	Período <i>Asuka</i> (552 - 645)	26
2.5	Período <i>Nara</i> (710 - 794)	27
2.6	Período <i>Heian</i> (794 - 1185)	27
2.7	Período <i>Kamakura</i> (1185 - 1333).....	28
2.8	Período <i>Muromachi</i> (1336 - 1582).....	33
2.9	Período <i>Azuchi-Momoyama</i> (1582 - 1603).....	35
2.10	Período <i>Edo</i> (1603 - 1868)	36
3	A ARQUITETURA JAPONESA	40
3.1	Conceitos da Arquitetura Japonesa.....	40
3.1.1	Espaços Livres e Flexíveis	40
3.1.2	O Termo <i>Ma</i>	44
3.2	O Espaço japonês	48
3.2.1	<i>Hisashi</i>	49
3.2.2	<i>Engawa</i>	50
3.2.3	<i>Genkan</i>	51
3.3	O Jardim	52
3.3.3	O <i>Karesansui</i>	53
3.3.4	O <i>Roji</i>	54
3.3.5	Os <i>Tsukiyama</i>	57
3.4	A Madeira.....	59
3.5	A Luz e a Sombra.....	63
3.6	O Ouro.....	67
4	REFERÊNCIA PROJETUAL DE CASA JAPONESA	69
4.1	Projeto: <i>Courtyard House</i>	69
4.2	Casa de Jo Takahashi.....	73
5	SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE	81
5.1	Informações geográficas sobre Santa Cruz do Capibaribe	82

5.2	A casa Hikaru	84
5.3	Normas construtivas do Condomínio de Jardins Capibaribe	85
5.4	Afastamento da construção do lote no condomínio Jardim Capibaribe .	86
5.5	Programa de necessidade.....	86
5.6	Fluxograma, Plano de Mancha e Setorização	87
5.7	Memorial Justificativo	90
6	CONCLUSÃO	103
	REFERÊNCIAS.....	104

1 INTRODUÇÃO

As origens que moldaram a nação japonesa contrastam profundamente com as brasileiras, levando a distinções significativas em suas concepções espaciais e filosóficas. A proposta da Casa Hikaru explora a arquitetura japonesa com o objetivo de criar uma residência unifamiliar harmonizando elementos nipônicos¹ com o cotidiano de uma família em Santa Cruz do Capibaribe, Pernambuco. Essa demanda surgiu a partir de uma solicitação de um projeto arquitetônico, para uma família composta de apenas duas irmãs de ascendência japonesa, que desejam uma habitação que reflita a arquitetura única de sua cultura e atenda às suas necessidades diárias no Brasil. Para alcançar tal feito, foi necessário realizar estudos bibliográficos sobre o contexto histórico do Japão, logo em seguida, uma análise das estruturas residenciais japonesas, além de investigar as características geográficas do município pernambucano e por fim, finalizar com o projeto.

Para o estudo bibliográfico do contexto histórico, foi necessário primeiramente o entendimento da geopolítica local da época, para isso foi usado um vídeo documental sobre a história do Japão, apresentado por Nostalgia (2022), a partir disso foi feito um estudo bibliográfico da religião japonesa através do trabalho de Carlos Solano (2000) e principalmente de Helena Karpouzas (2003), essa segunda autora, também traz um estudo amplo sobre a arquitetura japonesa.

O estudo do espaço japonês foi dividido em duas partes, a primeira alguns termos espaciais da cultura japonesa foram explicados através de estudos bibliográficos de Rodrigo Maia (2016) que explica a flexibilidade do espaço japonês e Michiko Okano (2007) (2013-2014) e Karpouzas (2003) que descodificam o uso do termo *Ma* para o entendimento ocidental, a segunda parte consiste em estruturas mais internas da casa, como a explicação de elementos presentes das casas japonesas por Okano (2007) como *engawa*, *genkan* e *hisashi*. O jardim japonês, foi necessário o uso de uma entrevista pela *Flock Finger Lakes*, com Sandi Polyavok (2022), jardineiro-chefe da *Shofuso Japanese House* na Filadélfia, e Luiza Brainer (2023). Entrando ainda mais nas casas japonesas, o estudo das estruturas de sustentação de madeira, foram possíveis através de estudos bibliográficos como o de Larissa Comelli (2018) e Heloisa Akiyama (2018) e não poderia faltar o conceito estético japonês da luz e da

¹ Nipônico: Vem da palavra Nipon que significa Japão, desse modo nipônico é japonês.

sombra, no qual o levantamento dos dados foram disponíveis pelo Jornal Japonês (NHK WOLRD JAPAN, 2022) que faz referência a obra de Tanizaki, *In praise of Shadow*, e junto com a entrevista da *Flock Finger Lakes* com Polyavok (2022) esclarecem como o ouro complementa essa concepção estética.

Santa Cruz é o município em que o projeto em estudo será executado, e para que isso seja possível as informações geográficas do local foram coletadas a partir dos sites *Climate Data* e *Topographic map*, no qual o primeiro fornece informações de temperatura e pluviosidade e o segundo o relevo local. Por fim, a partir dos estudos acima foi possível a construção de um projeto nomeado Casa Hikaru, que é um projeto residencial unifamiliar que possui o objetivo de integrar e adaptar a arquitetura japonesa a uma residência município de Santa Cruz do Capibaribe.

Essa monografia está estruturada em seis capítulos, o primeiro capítulo, o presente, iniciando com uma introdução ao Japão, o segundo o contexto histórico. O terceiro capítulo mergulha na arquitetura japonesa, esclarecendo conceitos espaciais únicos do país e detalha estruturas típicas das residências, incluindo uma análise do jardim japonês, a madeira, o conceito de luz e sombras no Japão e o uso do ouro na arquitetura. O quarto capítulo traz a referência arquitetônica da casa *Courtyard House*, que é uma casa australiana com traços da arquitetura *Zen*. O quinto capítulo foca nas características geográficas de Santa Cruz do Capibaribe, preparando o terreno para o último capítulo que é a apresentação do projeto.

2 O JAPÃO E A CONSTRUÇÃO DE SUA ARQUITETURA

Toda arquitetura tradicional, é reflexo do contexto histórico de uma nação e o Japão não é diferente, a arquitetura japonesa, sempre foi adaptada para o modo de vida japonês, desde os primórdios essa sociedade percebeu que o arroz se adaptava muito bem a áreas com muita água e, assim as pragas não conseguiam entrar em contato com essa plantação, em contraponto, foi necessária a elevação da casa japonesa pelo alagamento vindo do cultivo (Numazawa, 2009), da mesma forma pode ser notada a mudança brusca na arquitetura com o surgimento de diversos conflitos e guerras, como é o caso da rápida construção de muralhas e castelos (Karpouzas, 2003), além de ser notável a velocidade que a sociedade japonesa se adapta ao contexto que está inserido, como é perceptível a sua rápida globalização, tornando um país que era tradicional e isolacionista, hoje um polo influenciador de tendências.

Antes de explanarmos sobre a história e a arquitetura do Japão é interessante ter em mente as informações geográficas dessa região. O Nipon é um arquipélago formado por mais de 6000 ilhas de origem vulcânica, situado na região conhecida como Círculo de Fogo do Pacífico, uma região repleta de encontros de placas tectônicas, o que provoca terremotos, vulcões ativos e tsunamis, é o que comenta a professora Larissa Mesquita (2020) da instituição Brasil Escola.

O país situa-se no Extremo Oriente da Ásia formado por quatro ilhas principais: *Hokkaido*, *Honshu*, *Shikoku* e *Kyushu*. Este país é notável por suas paisagens naturais, compostas de florestas densas e com o relevo acidentado com montanhas íngremes (Figura 1). As estações da região são bem definidas com verões longos e úmidos e com baixas temperaturas no inverno, o clima é temperado ou subtropical, o arquipélago sofre influência de duas correntes marítimas “*Kuro Shivo*” que é a corrente quente e a “*Oyashivo*” que é a corrente fria (Mesquita, L. 2020).

Figura 1: Mapa do Japão.

Fonte: Brasil escola, 2021.

O Japão (Figura 01) possui uma história muito antiga, há estudos que relatam a ocupação das ilhas japonesas desde o período paleolítico, com registros de habitações desde o neolítico, é o que indica Noboru Kawazoe na publicação da *International Society for Education Information* e mencionados por Karpouzas (2003). A linha cronológica que conhecemos sobre o Japão, vem a partir do *nengō*, o Calendário Imperial Japonês, que divide a história japonesa em “períodos” ou “eras” (Comelli, 2018). O período tradicional japonês é considerado da Era *Jomon* até a Era *Edo*, desse modo o estudo histórico irá até o ano de 1868, uma vez que a história japonesa é caracterizada por diversos conflitos internos e externos e muitos imperadores tiveram um governo relativamente curto, dessa forma as “eras” são marcadas a partir de eventos históricos e não com a partir do reinado de um imperador.

2.1 Período *Jomon* (10.000 a.C. - 300 a.C.)

O período *Jomon* (10.000 a.C. - 300 a.C.) é composto por arquitetura primitivas, como modo de vida vindo da caça e da pesca, com habitações semienterradas e localizadas próximo a essas áreas (Figura 02), nesse período já havia a evidência do uso e produção de cerâmica (Figura 03) (Numazawa, 2009).

Figura 2: Técnica construtiva de casa no período *Jomon*.



Fonte: Coisas do Japão

Figura 3: Cerâmicas do período *Jomon*.



Fonte: Coisas do Japão

2.2 Período *Yayoi* (300 a.C. - 300 d.C.)

O modo de vida nesse período começa a se tornar agrícola (Figura 04) e por consequência as construções começam a serem elevadas, apesar de ainda ser encontradas construções semienterradas ou no nível do solo, contudo a característica da elevação era mais comum para evitar a umidade vinda dos campos alagados de arroz (Figura 05) (Numazawa, 2009). Nesse período já existia uma manifestação religiosa, o Xintoísmo (Figura 06).

Figura 4: Ilustração de estilo de vida no período Yayoi.



Fonte: Hanasu

Figura 5: Técnica construtiva de casa no período Yayoi.



Fonte: Japan House

O Xintoísmo (Figura 06) é considerado a religião nativa do Japão, contudo só ganhou realmente essa nomeação de “religião” no século XVIII, pois anteriormente era visto apenas como uma cerimônia que mudavam de um local ao outro. O Xintoísmo faz reverência ao Kami² (Figura 07), que é um espírito que habita diferentes aspectos do mundo natural e conceitos com um foco particular na escuridão, a presença desse espírito é o que torna a natureza tão sagrada para os japoneses

² *Kami*: Espírito da escuridão de origem da religião xintoísta, representa uma divindade sagrada.

xintoístas, muito diferente da religião ocidental, o Kami não é considerado um deus centralizado, com códigos e condutas (Karpouzas, 2003).

Figura 6: Cerimônia Xintoísta do festival *Ohitaki*.



Fonte: Got2Globe

Figura 7: Espírito *Kami*, o espírito da escuridão.



Fonte: Japan House

A essência do Xintoísmo reside na busca por um "coração verdadeiro" (*makoto-no-kokoro*), enfatizando a importância de realizar bem as tarefas escolhidas e manter boas relações interpessoais. Esta orientação espiritual valoriza a sinceridade

e a simplicidade, influências que permeiam a arte e a arquitetura xintoístas, caracterizadas pela sua estética despojada.

De acordo com Karpouzas (2003), a prática xintoísta se entrelaça profundamente com a vida cotidiana japonesa, desde os rituais místicos que visam preparar os indivíduos para o encontro com os *Kami*³, até a concepção de espaços sagrados, muitas vezes situados em locais isolados como cumes ou declives de montanhas, cuja construção é precedida por cerimônias de purificação. Essa ênfase na purificação estende-se além do espiritual, influenciando práticas culturais como o ato de embrulhar objetos, visto também como um ritual purificador. Intrigantemente, a valorização da escuridão no Xintoísmo moldou a percepção japonesa do espaço, não em termos de sua geometria, mas pela interação de luz e sombra, refletindo uma profunda apreciação do vazio e da profundidade da escuridão, o que define o caráter único do espaço vivencial japonês.

No ocidente, principalmente no Brasil, os espíritos não possuem uma boa conotação, normalmente são associadas a assombrações e a morte, contudo no Xintoísmo, apesar de referir-se à *Kami* como um espírito da escuridão, ela é considerada na cultura japonesa uma divindade e um símbolo de ótimos presságios.

2.3 Período Kofun (300 - 538)

No século V d.C., Chineses chegam ao Japão e ocorreu uma grande influência da cultura chinesa sobre a japonesa Karpouzas (2003), relata que talvez seja a maior influência estrangeira que o Japão já recebeu. Tais como o Taoísmo, o Confucionismo e o Budismo.

³ *Kami*: Espírito da escuridão de origem da religião xintoísta, representa uma divindade sagrada.

Figura 8: Casa do período *Kofun*, Museu de História de Osaka.



Fonte: Japan Photo Archive

Figura 9: Cerâmica do período *Kofun*.



Fonte: Japan Photo Archive

O Taoísmo é uma influente corrente do pensamento chinês que valoriza a observação da natureza, a busca pela harmonia e a realização humana através do "caminho perfeito", que em japonês se pronuncia "*Tao*". De acordo com Solano (2000), o Taoísmo está longe de ser uma filosofia popular, pois era praticado principalmente

por patriarcas e seus discípulos, constituiu a elite intelectual e espiritual da época, o que ressalta a natureza etilizada e profunda dessa tradição filosófica.

O *Tao*, conceito central do Taoísmo, é compreendido tanto como um estado subjetivo de experiência espiritual, uma maneira de "revelar o absoluto" ou simplesmente "ser", quanto de forma objetiva, como um processo dinâmico de "vir a ser" ou alcançar o caminho perfeito, relata Solano (2000). Essa dualidade reflete a abordagem taoísta da realidade, vista não como uma entidade divina nos moldes ocidentais, mas como o fundamento de toda a criação universal.

Tal perspectiva foi crucial para que a sociedade da época pudesse entender o respeito pela paisagem e seus elementos, enfatizando uma compreensão filosófica e mística da vida que, através de uma observação atenta da natureza e do desenvolvimento da intuição, permitiu aos mestres taoístas acessar um conhecimento profundo sobre o universo e suas leis (Solano, 2000).

Já o Confucionismo surgiu na China e, é uma filosofia focada na orientação do comportamento dos indivíduos, priorizando formação ética pessoal e profissional. Essa, concentrava-se na educação das crianças sobre as normas sociais, explica Solano (2000). As virtudes do Confucionismo auxiliaram o Japão na construção de diversas leis para a sociedade. Essa corrente filosófica incluía a empatia, a justiça, o amor expresso através de rituais e sabedoria, visando a realização pessoal alinhada aos desejos do coração e à vontade divina (Nostalgia, 2022).

O Budismo (Figura 10) surgiu na Índia e se difundiu na China através do Tibete, desde o século I d.C., incorpora elementos das culturas por onde passa, enriquecendo suas práticas e sua filosofia. De modo geral, o Budismo, através do seu desenvolvimento e assimilação de diversas práticas culturais, surge como uma religião profundamente integrativa e enfatiza a conexão espiritual, a compreensão e a tolerância, explica Solano (2000).

Ao promover práticas e preceitos voltados para o aprimoramento moral e espiritual, importância do Budismo para a arquitetura japonesa, de acordo com Karpouzas (2003) se dá a partir de que a introdução do Budismo no Japão teve um impacto significativo na arquitetura religiosa e residencial do país. O surgimento da arquitetura budista monumental marcou o início das construções arquitetônicas de grande porte no Japão. Os impressionantes templos e as magníficas imagens de Buda surpreenderam os japoneses, levando os seguidores do Xintoísmo a também construir seus próprios templos.

Figura 10: O grande Buda, em *Kanagawa*, no Japão.



Fonte: Wikipedia (2022)

Karpouzas (2003) comenta que além de exercer influência espiritual sobre a população, o Budismo desempenhou um papel importante na unificação do território japonês, bem como na educação das elites do Estado. A disseminação dos templos budistas serviu como um meio de unificar as regiões do país e promover a educação da classe dominante.

Os templos possuíam muitas utilidades, não era apenas a funções religiosas, mas também funcionavam como museus, abrigavam obras de arte preciosas e artesanato. Essas estruturas arquitetônicas eram consideradas espaços culturais, um patrimônio e um ambiente de difusão do conhecimento artístico e artesanal.

Essa combinação de elementos religiosos, culturais e educacionais tornou a arquitetura dos templos budistas um símbolo de identidade nacional, um importante centro de conhecimento e de apreciação artística no Japão.

2.4 Período Asuka (552 - 645)

Este período teve forte influência dos chineses. De acordo com Karpouzas (2003) o contato com os chineses trouxe novas técnicas e estruturas de arquitetura, a influência dos grandes templos budistas construídos nessa época, pelos imigrantes budistas chineses, trouxe mudanças para a arquitetura residencial japonesa (Figura 11).

Figura 11: Construção do período *Asuka*, Templo *Horyuji*.



Fonte: Coisas do Japão

Esse período também foi marcado pelo controle do Clã *Yamato*, que foi considerado a primeira centralização do governo japonês, além do mais, nessa época todo soberano, ao ascender ao trono, deveria fixar a residência imperial em um local previamente escolhido, o qual poderia ser trasladado para outro local, conforme as necessidades circunstanciais, talvez isto esteja relacionado com o fato de o Japão ter sido unificado e organizado por uma classe de guerreiros nômades.

Desse modo, as estruturas das casas eram montadas para que não durassem, tendo em vista a grande transição de lugares, isso acarretava também ao não crescimento urbano da cidade, pois não havia tempo hábil para que a malha urbana se desenvolvesse. Entretanto, nesse período, com o patrocínio do Budismo e da imperatriz *Suiko*, a cidade de *Asuka* estava estruturada para se tornar a capital, pois possuía diversos prédios públicos, residências, templos e santuários budistas (Tamburello, 1974 *apud* Karpouzas, 2003).

2.5 Período Nara (710 - 794)

Este período compreende o momento da fundação da primeira capital permanente do Japão, *Heijo-kiō* (hoje *Nara*), em 710 durante a Era *Nara*, sendo um marco na história japonesa. Influenciada pelas dinastias chinesas *Sui* e *Tang*, a arquitetura da cidade se caracterizava pela simetria e jardins internos. Karpouzas (2003) explica que o templo *Todaiji* (Figura 12), uma notável realização arquitetônica dessa época, foi construído por ordem do Imperador *Shōmu*.

Figura 12: Construção do período *Nara*, templo *Todaiji*.



Fonte: Wikipedia (2019)

Em 784, o Imperador *Kammu* mudou a capital como uma forma de tentar escapar da influência dos templos budistas na política, o que mostra a complexa relação entre religião e Estado no Japão antigo.

2.6 Período Heian (794 - 1185)

Considerada a nova Capital *Heian-Kiō*, localizada na região de *Yamashiro*, hoje conhecida como Kyoto. De acordo com o que explica Tamburello (1974), esse período foi marcado pela separação da influência chinesa sobre a arquitetura japonesa, surgindo assim as primeiras soluções originais japonesas, as tradições japonesas construtivas como o material, estruturas e técnicas são retomadas, com a

influência chinesa o material usados nas construções das paredes eram pedra e argila, no Período *Heian* voltou para a madeira, assim como as coberturas voltaram a ser compostas de casca de árvore e de palha de arroz.

Figura 13: Construção do período *Heian*, templo budista *Byōdō*.



Fonte: Freepik

Com a separação da influência chinesa da cultura japonesa, alguns elementos começaram a sofrer drásticas mudanças com o tempo e, um deles foi a construção dos templos budistas, Karpouzas (2003) explica, que tais mosteiros começaram a migrar para as áreas montanhosas do Japão e, como consequência desse acontecimento a simetria tradicional não foi mais possível em decorrência do relevo, sendo assim, os templos budistas esotéricos possuíam formas mais orgânicas e integrações mais naturais, adotando características mais simplistas típicas da arquitetura xintoísta.

2.7 Período *Kamakura* (1185 - 1333)

Os anos de 1274 e 1281, marcaram o Japão com confrontos contra mongóis, consequentemente o surgimento de muralhas para barrar a invasão inimiga cresceu e junto com ela a influência militar no poder, essa mudança política provou transformações profundas tanto na cultura, quanto na arte (Nostalgia, 2022).

Essa transição de poder teve um impacto significativo na arquitetura, caracterizada por uma virada em direção a um estilo mais sóbrio e funcional,

(Karpouzas, 2003). As estruturas se tornaram mais simples e desprovidas de adornos, refletindo as necessidades práticas e a estética da classe dominante.

Na Figura 14 abaixo há a representação da onda *Kamikaze*⁴, a qual sua tradução significa “Vento divino”. De acordo com a lenda japonesa, o exército japonês foi capaz de vencer os mongóis, pois a embarcação dos invasores foi afundada por um tsunami que apareceu de forma repentina, por isso, dizem que os deuses ajudaram os japoneses nessa guerra.

Figura 14: A onda *Kamikaze*.

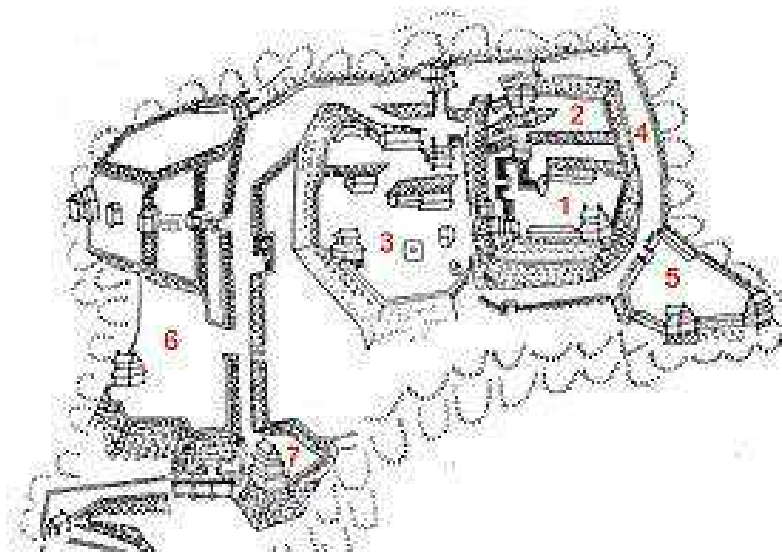


Fonte: Coisas do Japão

Neste contexto, emergiu o *Bukezukuri*, conhecido como estilo guerreiro, que se tornou predominante na construção de novas residências. Essas habitações eram projetadas com um foco maior em segurança, incorporando elementos como fossas e paliçadas, é possível ver na Figura 15 uma construção repleta de muros, contrastando com as construções anteriores que priorizavam a disposição ao redor de jardins. Os próprios jardins, antes centrais na arquitetura residencial japonesa, deram lugar a espaços dedicados a treinamentos de defesa.

⁴ *Kamikaze*: sua tradução significa vento divino, é o nome dado a grande onda que devastou o exército mongol, mas também é o mesmo nome dado para os pilotos de aviões japoneses da segunda guerra mundial.

Figura 15: Planta do Castelo *Iwamura*, período *Kamakura*.



Fonte: Coisas do Japão

De acordo com Karpouzas (2003), esta transformação arquitetônica mostra como as prioridades sociais e políticas da época de uma nação inteira mudaram completamente, onde princípios como a segurança e a funcionalidade, vinham antes da estética e da contemplação desse período.

Dois estilos de arquitetura chinesa começam a entrar em alta novamente o *Tenjikyūō* e *Karayō*, o primeiro traz a verticalização das construções, diminuindo o contato com o solo que era tão marcante e o segundo é a volta da simetria para as implantações. Esse último conceito é muito utilizado em uma modelo de vida que estava entrando em alta, que é o *Zen* Budista.

O *Zen* Budismo foi introduzido no Japão através da China por volta de 1200 d.C., representa uma expressão do Budismo e resultou do impacto na cultura e na espiritualidade japonesas (Karpouzas, 2003). A meditação e a autodisciplina com o intuito de chegar à iluminação, são os pilares básicos dessa filosofia, o *Zen* ofereceu ao Japão mais do que práticas espirituais, contribuiu significativamente para a evolução cultural e estética do país, essa religião, em particular, destaca-se como um caminho de transformação pessoal e social, enfatizando a necessidade de uma conduta ética alinhada com o bem-estar comum e a harmonia com o meio ambiente (Solano, 2000).

A tradição *Zen* budista evoluiu para adotar uma abordagem mais naturalista em sua estética. Esta corrente passou a rejeitar o uso de cores vivas, preferindo materiais em seus estados naturais:

Segundo o *Zen*, tanto o som do vento no topo dos pinheiros como o murmúrio dos riachos são a voz da leitura dos ensinamentos budistas. As figuras da montanha, flores, pássaros etc., são formas do próprio Buda. Todas as coisas da vida cotidiana, como refeições, limpeza, jardinagem, ato de beber chá, tomar banho, etc. são aprendizagens que levam ao caminho de Buda (Itoh, 1983 *apud* Karpouzas, 2003).

O costume de consumir o chá, que vemos no Japão atual, vem do *Zen*, inicialmente introduzida pelo mestre *Eisai* (1141-1215) e posteriormente aprimorada por *Sen no Rikyu* (1522-1591), o que antes era focado apenas para uma elite nichada, tornou-se popular no país inteiro, um mestre *Zen* Budista que influenciou profundamente a Cerimônia do Chá, tornando-a uma prática meditativa e um pilar da cultura japonesa (Karpouzas, 2003).

Além disso, o princípio estético do *Zen* influenciou diversas formas de arte japonesas sendo possível notar a diferença nas pinturas, nas caligrafias, na própria arquitetura e na arte dos arranjos florais, transformando-as em uma profunda sensibilidade espiritual e estética. Conseqüentemente a influência do *Zen* introduziu conceitos como os jardins da Casa de chá (*roji*), que área de passagem o qual compõe parte do ritual das cerimônias de chá. Assim, tanto a prática de atravessar o jardim, quanto a de beber chá são vistas como exercícios de concentração e clareza mental, refletindo o profundo entrelaçamento entre a prática *Zen* Budista e a vida cotidiana no Japão (Karpouzas, 2003).

No contexto dos séculos XV e XVI, por intermédio dos comerciantes de *Sakai*, o *Zen* Budismo, o qual normalizou o consumo do chá, esse costume progrediu para um ritual muito comum no Japão da época: a Cerimônia do Chá. Essa prática não apenas tinha como objetivo elevar o nível cultural da sociedade, era o ambiente de encontro da aristocracia e de samurais, mas também era realizada em espaços pequenos e rústicos, refletindo os princípios *Zen* de simplicidade e harmonia com a natureza. Os mestres *Zen*, ao introduzirem a Cerimônia do Chá no Japão (Figura 16), não só estabeleceram uma nova tradição, mas também influenciaram a concepção da arquitetura residencial (Numazawa, 2009).

Figura 16: Cerimônia do chá.



Fonte: A Quadra

Este novo paradigma arquitetônico enfatizava a simplicidade, a ausência de decoração desnecessária, modestas proporções, amplas superfícies que se abriam para o exterior e uma profunda integração com o ambiente natural. Essas características refletiam os ensinamentos *Zen* de minimalismo e a apreciação do momento presente (Karpouzas, 2003).

Além disso, essa mudança de ideais teve um impacto na arte de criar jardins no Japão, pois trouxe a simplicidade para um espaço que antes era extremamente complexo com diversidades de plantas e arranjos, promovendo um estilo que estimulava a contemplação e a conexão espiritual com a natureza, o que ocasionou no resultado de uma nova forma de Arte de jardim que se harmonizava com os ideais *Zen* de estética e filosofia (Karpouzas, 2003).

Figura 17: Casa de chá *Ninomaru* em *Kakegawa*, Japão.



Fonte: Japan endless discovery

2.8 Período *Muromachi* (1336 - 1582)

O Japão vence a batalha contra os mongóis, contudo, esse contexto desestabilizou o governo gerando conflitos internos. O ano de 1333, de acordo com Nostalgia (2022), marcou o fim do *shogunato Kamura* e apesar de em 1392 a corte japonesa se tornar unificada novamente, em 1464 diversos *Daimiô*⁵, termo genérico que se refere a um poderoso senhor de terras no Japão, começam a disputar o cargo de *Shogun* do novo governo, a Figura 18 mostra a sangrenta batalha entre esses senhores de terra que acreditavam que o vencedor desse confronto mostraria seu prestígio para o governo.

É importante lembrar, que paralelamente a todo esse contexto histórico do Japão, a Europa em 1500 estava passando pelo período de grandes navegações, desse modo em 1542, alguns portugueses chegam à ilha nipônica e trazem algumas influencias arquitetônicas, religiosas, além de estabelecerem pequenas rotas comerciais com algumas ilhas (Nostalgia, 2022).

⁵ *Daimiô*: nome dado a proprietários de terra.

Figura 18: Gravura que retrata a sangrenta guerra civil entre os *Daimiô*.



Fonte: Wikipedia

Figura 19: Exemplo de jardim *Zen*.



Fonte: Viva decorar Blog

Nesse período, o *Zen* começa a influenciar a vida dos moradores, a simplicidade, a redução de adornos e a preferência de por espaços abertos que são voltados para o exterior, são alguns exemplos de mudanças da arquitetura da época

influenciada pela filosofia Zen Esta abordagem visa promover uma interação harmoniosa entre o ambiente construído e o mundo natural (Karpouzas, 2003).

Desse modo surgem os jardins *Zen* (Figura 19), que é um conceito totalmente diferente, transformando os jardins tradicionais. A configuração dos jardins foi repensada para proporcionar uma experiência diferente de contemplação, através de lagos, ilhas e pontes, dispostos de maneira a permitir a observação a partir de vários pontos. Essa abordagem minimalista ao design de jardins simboliza a essência *Zen* de introspecção e simplicidade, destacando a capacidade do minimalismo em evocar beleza e serenidade (Karpouzas, 2003).

2.9 Período *Azuchi-Momoyama* (1582 - 1603)

Durante esse tempo, o Japão experimentou uma unificação política e em 1592, elaborou uma estratégia para invadir a China. Nostalgia (2022) explica que esta estratégia, no entanto, envolvia atravessar a Coreia, quando a essa negou a permissão para a passagem, levou ao início de um conflito.

Este período houve dois confrontos principais, começando com a batalha de 1592, neste primeiro confronto, a Coreia, com o suporte da China, resistiu à invasão japonesa, o que resultou em um impasse, levando a diversas tentativas de negociações de paz e após um longo período sem qualquer acordo definitivo, o Japão lançou o seu ataque contra a Coreia em 1597, essa novamente, com o apoio chinês conseguiram defender seu território, impedindo os japoneses de alcançar qualquer forma de vitória (Nostalgia, 2022).

De uma forma inversamente proporcional, o surgimento de castelos (Figura 20) e fortalezas com decorações de luxos, muito adorno e jardins decorados, provoca um empobrecimento dos templos da época (Itoh, 1983 *apud* Karpouzas, 2003).

O ano de 1542 é conhecido pela chegada dos europeus no arquipélago japonesa, sua influência na ilha trouxe alguns conhecimentos como o uso da pólvora e o auxílio na construção de castelos que se integra a arquitetura japonesa (Tamburello, 1973 *apud* Karpouzas, 2003).

Esta introdução de elementos arquitetônicos defensivos representou uma novidade para o Japão, que até então não possuía uma tradição nesse tipo de construção, tanto em termos de hábitos quanto arquitetônicos (Tamburello, 1973 *apud* Karpouzas, 2003).

Figura 20: Castelo do período *Azuchi-Momoyama*.



Fonte: Instituto Guan-Yu

No entanto, a falta de tradição em tais práticas levou a uma rápida transformação desses modelos iniciais. Apenas vinte anos após a sua introdução, a arquitetura dos castelos japoneses começou a perder suas características originais, com os blocos de edifícios separando-se e distribuindo-se em jardins, divergindo significativamente dos protótipos europeus. Essa evolução demonstra uma adaptação e uma reinvenção local dos conceitos importados, refletindo a singularidade da estética e das necessidades japonesas (Karpouzas, 2003).

Apesar de os castelos não se estabelecerem como uma tradição arquitetônica duradoura no Japão, eles tiveram um impacto profundo na organização espacial do país, pois houve um desenvolvimento urbano notável ao redor das muralhas, com cidades crescendo ao seu redor e formando novos centros, sendo assim os castelos são serviram historicamente apenas para a proteção e para trazer uma nova estética à arquitetura japonesa, mas também, foi um forte influenciador do crescimento da malha urbana (Karpouzas, 2003).

2.10 Período *Edo* (1603 - 1868)

Durante este período, os japoneses começaram a adotar um sistema isolacionista, fechando seus muros para as influências externas. O poder crescente

dos jesuítas no país, os quais recebiam ordens diretamente do Papa Gregório XV, o qual possuía influência tanto religiosa quanto política, ameaçava o modo de vida tradicional nipônico. Como resultado, o contato com estrangeiros foi severamente limitado, restringindo-se apenas a uma pequena ilha japonesa. Esse período marcou uma era de desenvolvimento autóctone na arquitetura japonesa, conhecido pela ausência de influências externas e pelo aprimoramento das *minkas*⁶ (habitações populares), que são as residências tradicionais do povo japonês (Nostalgia, 2022).

A arquitetura civil durante a Era *Edo* experimentou uma evolução significativa que resultou no estilo *sukiya* (considerado o ápice do desenvolvimento da arquitetura residencial japonesa, que remetia as bases da arquitetura tradicional japonesa). Este estilo não apenas moldou o conceito de moradia da época, mas também estabeleceu as bases para as residências tradicionais contemporâneas no Japão (Tamburello, 1973 *apud* Karpouzias, 2003).

Figura 21: Villa imperial *Katsura*, período *Edo*.



Fonte: Wikipedia (2024)

Existem três características arquitetônicas que são consideradas inovadoras que foram introduzidos nessa era, a primeira a construção de casas sobre bases bem elevadas, variando de 70 a 100 centímetros do solo, o que incluía a implementação de segundos pisos, a segunda característica marcante é o uso de

⁶ *Minkas*: habitações populares.

paredes externas móveis, conhecidas como *shojin*⁷ (ou *shōin*) (Figura 23), que, compõe junto com os pilares e os pisos de madeira estética dos espaços, e por último os interiores das residências passaram a ser divididos por painéis deslizantes (*fusumas*)⁸ (Figura 22) e biombos, permitindo uma divisão de espaços tanto funcional quanto decorativa (Karpouzas, 2003).

Uma inovação particularmente significativa foi a padronização das dimensões das esteiras tatames, com medidas de 0,918 por 1,837 metros. As medidas dos tatames desde muito cedo são utilizadas como uma unidade de medida, dessa forma um novo padrão de tamanho significa uma nova organização espacial (Karpouzas, 2003). Mudanças nas estruturas também podem ser notadas, como os pontos de apoio das estruturas começaram a localizar-se nas extremidades dos espaços. Essa nova configuração espacial, proporcionou uma liberdade ainda maior nas casas japonesas, com uma melhor distribuição dos espaços internos e introduziu complexidades adicionais nas estruturas de apoio das coberturas, surgindo assim um estilo de arquitetura conhecido como *sukiya*, concepção de moradias até os dias atuais.

Até antes de 1853, o Japão era conhecido por sua política isolacionista, até a visitação do oficial naval Matthew Calbraith Perry, que ao desembarcar na Baía de *Edo*, obrigou o Japão abrir seus portos atracando 4 navios armados nessa Baía. Esse acontecimento teve um impacto significativo na diminuição do poder político japonês da época, que já estava decadente, culminando no término do shogunato Tokugawa em 1867 (Nostalgia, 2022).

Esse evento virou a sociedade japonesa do avesso, o Japão começou um processo de globalização, as influências externas que anteriormente eram evitadas, começam a entrar na ilha e provocam uma mudança em diversos setores como na o arquitetura. A arquitetura ocidental ocasionou à adoção de novos estilos e funcionalidades em suas edificações. Este período houve uma grande construção de edificações com novos usos, como: universidades, bibliotecas, museus, usinas,

⁷ *Shojin*: divisórias externas da casa, feitas de papel, madeira ou bambu, normalmente essas estruturas são móveis, podem ser retirados.

⁸ *Fusuma*: divisórias internas da casa japonesa, normalmente são estruturas moveis que também podem ser retiradas.

fábricas e estações ferroviárias, refletindo um amplo processo de modernização e industrialização (Karpouzas, 2003).

O Japão sempre possuiu uma cultura muito forte de contato horizontal, ou seja, as construções sempre eram baixas para que a conexão com a natureza e com o chão fossem fortes, que antigamente era terra batida. Nesse período foi notável uma mudança significativa, para construções mais verticalizadas, alinhando-se às tendências globais de urbanização e otimização espaço urbano. A influência do Movimento Moderno Internacional, originário da Europa, foi transformador, uma vez que foi baseado nos princípios do racionalismo e do industrialismo, encontrou eco entre os jovens arquitetos japoneses, que passaram a elaborar projetos de vanguarda, inserindo o Japão com sucesso no cenário arquitetônico modernista global (Karpouzas, 2003).

Os arquitetos europeus e norte-americanos desempenharam um papel crucial nessa nova etapa, intercâmbios culturais e arquitetônico, do ocidente para o oriente, contribuiu para o design de edifícios públicos e instalações industriais com novas tecnologias e estilos (Karpouzas, 2003). A abertura após um longo período de isolamento permitiu ao Japão preservar sua essência cultural enquanto absorvia e adaptava influências externas, enriquecendo sua arquitetura com novas dimensões e possibilidades (Kawazoe [197-?] *apud* Karpouzas, 2003).

Desse modo, é possível observar que mesmo com as interferências externas que ocorreram no país, o Japão conseguiu integrar essas inovações estrangeiras e manter a integridade de sua identidade cultural.

3 A ARQUITETURA JAPONESA

A arquitetura japonesa por ser uma arquitetura muito tradicional, é notável que a visão dessa população sobre o mundo seja marcadamente diferente da perspectiva ocidental, tanto física quanto psicologicamente pois, toda a base que compunha a sociedade oriental como, as tradições, as culturais, os hábitos, as religiões e as filosofias se distinguem muito do que é visto comumente no Brasil, desse modo, para o melhor entendimento dessa arquitetura é necessário o entendimento de alguns conceitos espaciais japoneses. Karpouzas (2003, p. 34) comenta:

Se analisarmos todos os elementos religiosos e culturais que mudaram, ao longo do tempo, a cultura japonesa, compreenderemos que o pensamento e o sentimento estão incluídos de forma especial no conceito espacial japonês da casa tradicional japonesa, sendo que a mente e o corpo juntamente fazem parte deste processo. A casa tradicional japonesa é um espaço que reúne os aspectos psicológico e o físico, o cerebral e o sensual, é, pois, um espaço experimental, que é concebido através dos cinco sentidos. (A casa moderna ocidental e o Japão, 2003, Karpouzas p.34)

3.1 Conceitos da Arquitetura Japonesa

Neste capítulo, daremos início ao estudo das estruturas residenciais japonesas, porém, primeiramente é necessário entender a análise espacial dessa cultura, dessa forma será introduzido, como os japoneses usam o seu espaço e o conceito fundamental para os japoneses que é o termo *Ma*.

3.1.1 Espaços Livres e Flexíveis

Os quartos japoneses que normalmente são revestidos por tatames possuíam uma finalidade multifuncional e flexível, isso indica que o mesmo ambiente poderia servir para comer, dormir e reunir a família, Maia (2016) explica que isso ocorre pelas estruturas de divisão do ambiente como o *Shojin* (ou *Shōin*) (Figura 23) e o *Fusuma* (Figura 22), o qual o primeiro são as divisórias externa da casa, comumente encontradas de papel, madeira ou bambu, elas permitem a entrada da iluminação fria e difusa vindo dos jardins japoneses e o último são as divisórias internas, que funcionam como biombos para separar os quartos, normalmente possuem pinturas decorativas, ambas as estruturas são móvel, o que permite sua

retirada, auxiliando na flexibilidade de aumentar ou diminuir os espaços. Além do mais, o uso de tatames recobrendo todo o chão, permitia que o piso se torne um ambiente confortável de permanência, sendo assim o “chão” poderia ser usado como uma cama de descanso, um espaço para se sentar, descansar e muitas outras utilidades.

Figura 22: *Fusuma*



Fonte: Japanese Traditions and culture

Figura 23: *Shojin*



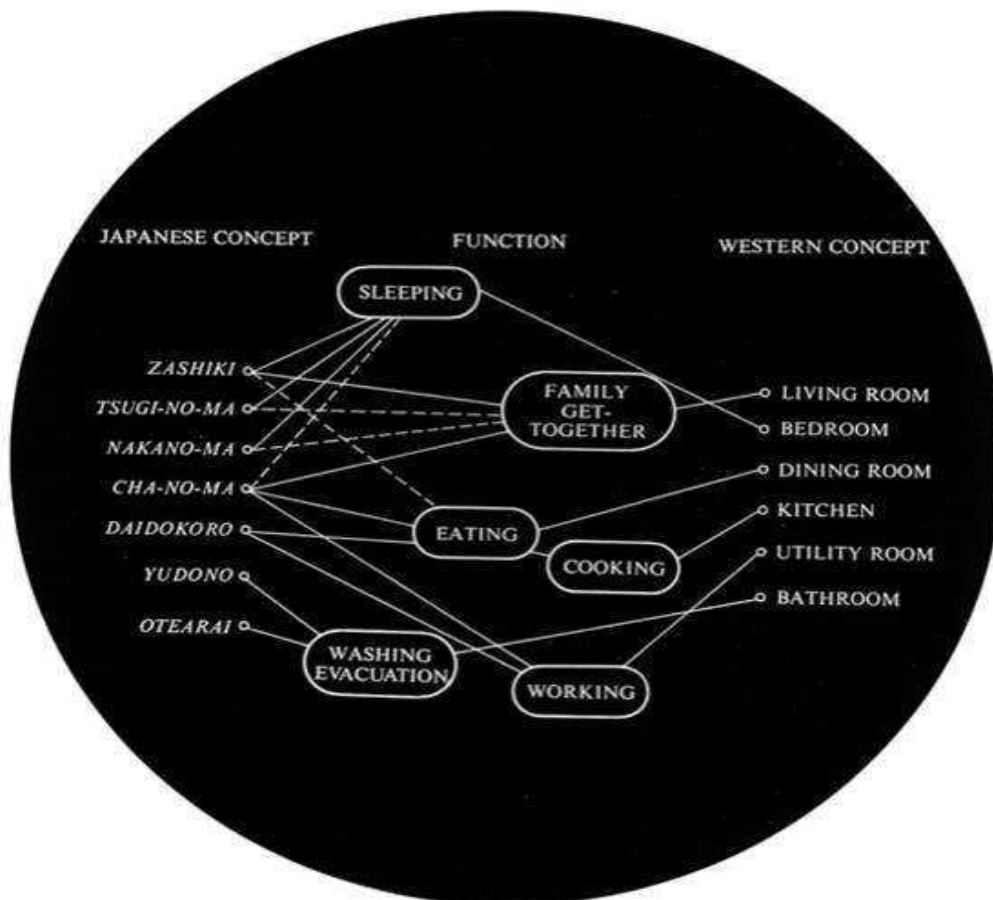
Fonte: Tanizaki Junichiro on Japanese Aesthetics - In Praise of Shadows. Youtube.

Um exemplo de uso livre do espaço é o *Chanoma*, que de acordo do website *JAANUS*, temos a seguinte definição:

Sala de chá. Uma sala de estar comunitária do período *Edo* geralmente contendo uma lareira **irori* 囲炉裏 e muitas vezes situada perto da área de chão de terra **doma* 土間. Seu caráter e uso variavam de acordo com a escala da estrutura. Em residências relativamente grandes de guerreiros de nível médio ou de importantes agricultores e comerciantes, o *chanoma* era usado principalmente pelas mulheres da casa ou pelas servas como uma espécie de sala comum, onde as refeições eram feitas, alguns alimentos preparados e conversas informais aconteciam ao redor da lareira. (...) Em residências menores, o *chanoma* era frequentemente usado de forma intercambiável com **ima* 居間 ou **daidokoro* 台所 para se referir à sala de estar comum principal. No nordeste do Japão, ao longo da costa do Mar do Japão, das prefeituras de *Niigata* e *Shimane*, em *Shikoku* 四国 e em partes da prefeitura de *Nagano*, o termo era usado em casas vernáculas tradicionais **minka* 民家 para se referir a uma grande sala adjacente, e muitas vezes aberto para a área de chão de terra. Geralmente a sala continha uma lareira em torno da qual a família se reunia para as refeições. O *chanoma* costumava ser aberto até as vigas, permitindo que a fumaça escapasse por um buraco de fumaça **kemuridashi* 煙出 no telhado. Originalmente, o piso era de madeira exposta sem tapetes **tatame* 畳. (...)

Essa especificidade de modo geral é um contraste com a arquitetura ocidental, geralmente cada uma dessas atividades é atribuída a um ambiente específico, dormir no quarto, comer na sala de jantar, preparar alimentos na cozinha e socializar na sala de estar. O *Zashiki*, é outro ambiente multifuncional, pois nele é possível reunir a família, comer e dormir, e este único ambiente pode se adaptar a diversas atividades cotidianas, como demonstrado na Figura 24. Esta abordagem reflete uma filosofia de vida que valoriza a economia de espaço e uma conexão mais íntima com o ambiente doméstico (Maia, 2016).

Figura 24: Esquema sobre a funcionalidade do espaço japonês.



Fonte: MAIA, Rodrigo, 2016, p.32.

Figura 25: Sala japonesa revestida de tatame.



Fonte: Japan guide (2024)

Existe um conceito espacial e sensitivo na arquitetura japonesa, que encontra-se enraizada na tapeçaria cultural do país, que é o termo “*Ma*” e está presente em distintos setores da cultura nipônica, segundo Coutinho (2015) como na literatura, na caligrafia, nas artes plásticas, na arquitetura, nos jardins japoneses, na música, na dança tradicional, nos arranjos florais e até mesmo nas artes marciais, e presente estudo focará principalmente na utilização desse termo, em sua aplicação arquitetônica.

3.1.2 O Termo *Ma*

Existe uma dificuldade de uma tradução literal desse conceito tornando-o de difícil alcance, pois essa expressão é intraduzível em toda a sua plenitude, principalmente por não ser um conceito existente na cultura ocidental, no entanto, isso não significa que o conceito *Ma* não possa ser compreendido por outras culturas, todavia inserido ou permutado em outras teorias e vivências.

Trata-se da expressão de algo próximo de um senso comum peculiar dos Japoneses: todos sabem o que é, mas não conseguem explicar com exatidão. (Okano, 2013-2014 *apud* Brainer, 2023, p.151)

Figura 26: Kanji *MA*.



Fonte: Arquitetura do entre-espço, Luiza Brainer. p.25. 2023

A tradução dos Kanji⁹ que compõe a escrita do termo *Ma* se traduzem da seguinte maneira:

Figura 27: Tradução dos ideogramas do termo “*MA*”.

Ma combina dois ideogramas:



Fonte: Arquitetura do entre-espaço, Luiza Brainer. p.24. 2023

Em meio ao estudo do conceito de *MA*, faz uma análise sobre o *Kanji* (Okano, 2013-2014 *apud* Brainer, 2023):

Juntos, esses dois ideogramas do *Kanji* representam uma "porta da qual a luz do sol espreita através da fenda". Ou um "momento delicado onde a luz flui por uma fresta na entrada". Ou de modo mais simples, "a luz que se vê entre as portinholas". Poético, não?! Porém, indico uma problemática na tradução desta palavra no título deste tópico, pois como quase todos os ideogramas, este possui múltiplas interpretações (arquitetura do entre-espaço, Luiza Brainer, 2022 pg.24)

No dicionário de língua clássica *Iwanami*, diz que o *Ma* corresponde a um espaço intervalar “*gap*” entre dois objetos contíguos existentes, como é o caso do espaço cercado por pilares e/ou biombos, Karpouzias (2003) explica, que o jardim frontal das casas de chá japonesas é um dos “espaços intervalar”, que fica entre a área externa e a área interna (os objetos contínuos). O *Ma* é um termo que se refere muito a sensações e sentidos, sendo assim mesmo que o ambiente em que o indivíduo esteja caminhando seja apenas um espaço intervalar, nesse pequeno trecho, ele será bombardeado de sensações, sendo assim, um jardim por exemplo é uma composição espacial que auxilia o indivíduo a fazer a contemplação na caminhada sintonizando a sua energia com a do ambiente.

⁹ *Kanji*: escrita japonesa.

Figura 28: Jardim japonês em Kyoto.



Fonte: 100 Kyoto Garden. Youtube.

Para exemplificar, um indivíduo muito eufórico entrou no jardim da Figura 28, no tempo da caminhada entre sua chegada e até a casa ou templo, essa pessoa vai ser bombardeada de sensações, como as cores vibrantes do jardim, o cheiro das flores, o vento passando pelo seu corpo, o som dos pássaros nas árvores e, tudo isso vai auxiliar que a sua energia seja sintonizada com a do espaço, trazendo o indivíduo para uma sensação mais calma alinhada com a casa ou com o templo em que ele vai adentrar.

O *Ma* vai muito além de um termo espacial, ele pode ser considerado no sentido temporal e, nesse caso ele é equivalente a uma pausa existente entre dois fenômenos contíguos, é o que explica Coutinho (2015), assim como os jardins, que permitem que o indivíduo aprecie o passeio, a “pausa” temporal do *Ma*, também é repleta de sensações e sentidos, como exemplificado nos filmes do *Studio Ghibli* (Figura 29) que trazem essa percepção.

Figura 29: Cena do filme Meu amigo *Totoro*.



Fonte: Studio Ghibli

Na Figura 29, a personagem principal está esperando seu pai em um ponto de ônibus e existe uma pausa de quase 5 minutos de cenas mais calmas em meio a um filme cheio de fantasia e euforia, esse tempo intervalar é repleto de sensações, como os passos molhados dos personagens, os pingos da chuva caindo, os sons do ambiente, a respiração dos personagens e a chuva sobre os guarda-chuvas e toda essa composição transmite a sensação da chuva para o espectador, como se ele também estivesse sendo molhado.

De acordo com Karpouzas (2003, p. 45):

Ma é aplicado em todas manifestações artísticas, podendo significar o intervalo entre as partes de um poema, como pode ser o intervalo entre o jardim e a casa de chá. *Ma*, na linguagem japonesa, é uma conceitualização conjunta de espaço e tempo. Esses dois conceitos são concebidos como intervalos, e isto se reflete na Arquitetura, nos desenhos de jardim, na música e no teatro.

Okano (2007) destaca que no conceito de *Ma*, intrinsecamente ligado ao intervalo espacial formado pelos portais que revelam a luz do sol, transcende a uma variedade de interpretações. Para além de sua qualidade estética singular, imbuí-se de uma essência particularmente japonesa. *Ma* se revela como um termo referente a espaço-temporal. Pode ser compreendido como uma fronteira sutil, um vazio-intervalar, um entre-espaço permeado de significados, um domínio de possibilidades e um instante de pausa. Nessa perspectiva, *Ma* emerge como um conceito multifacetado, aberto a uma riqueza de significados que capturam a profundidade e a complexidade da experiência japonesa.

O sentido do espaço japonês é o *Ma*, melhor descrevê-lo como a consciência do lugar. Esse sentido toma lugar na imaginação do ser humano que o experimenta (Nitschke, 1966, p. 152).

No contexto da ausência aparente, o "vazio" se entrelaça com a noção de possibilidade, desvinculando-se de uma perspectiva ocidental, na qual sua essência remete ao nada. Surge como uma manifestação de potencial, uma força latente, um espaço vazio em constante dinamismo, propício à movimentação e transformação. Aqui, o vazio é interpretado não como uma falta associada à ausência e morte, mas como um precursor do nascimento, um terreno fértil para a emergência de novas realidade

O *Ma* é essencial para ativar a consciência mental do indivíduo no ambiente, promovendo um entendimento detalhado de cada componente, que vai das sensações do toque aos ruídos ao redor, resultando em um reconhecimento integral da beleza do espaço. Este princípio, profundamente enraizado na arquitetura japonesa, não somente influencia a criação dos espaços, mas também intensifica a vivência do ambiente, proporcionando uma dimensão mais profunda de reflexão e valorização.

No Japão, de acordo com Yuichiro Kojiro (2001) *apud* Okano (2007), *Ma* teve três significados básicos na arquitetura:

1) distância linear entre dois pilares; 2) área formada por quatro pilares; 3) recinto. Nota-se, assim, que *Ma*, além de não ter uma medida fixa no início, porque dois pilares podem ter, a princípio, qualquer distância, significava simultaneamente o espaço unidimensional, bidimensional e tridimensional. *Hitoma* (um *Ma*) é o espaço constituído por quatro pilares, *futama* (dois *Ma*) o espaço compreendido por seis pilares, correspondente à área de dois *hitoma*; *mima* (três *Ma*) aquele cercado por oito pilares, com uma área de três *hitoma* e assim por diante.

Segundo Okano (2007) a dimensão do *Ma*, antes era ambígua, e agora essa medida foi de certa maneira padronizada, com a utilização de tatame, apesar de esta diferir dependendo da época e da região: um *Ma* é constituído de dois tatames que medem aproximadamente 1,80 x 0,90m cada.

Na linguagem cotidiana, o recinto tradicional no Japão recebe uma denominação genérica de *Ma* - um espaço de *tatami* geralmente desprovido de móveis, portanto, "vazio" na dimensão física, à espera de objetos e pessoas, com a possibilidade de se transformar em vários ambientes, determinado pela conexão estabelecida: um espaço contínuo (Okano, 2007, p.66)

3.2 O Espaço japonês

Após o capítulo sobre os conceitos do espaço japonês, o estudo segue para dentro das casas e dos templos, mostrar as estruturas para que seja possível a melhor compreensão dos espaços japoneses e entender como eles relacionam-se com o termo *Ma* explicado acima.

3.2.1 Hisashi

É o prolongamento da cobertura, é um elemento extremamente tradicional não só da arquitetura japonesa, mas de todo o sudeste asiático, explica Okano (2007). Esse espaço formado entre o beiral e o piso é chamado de *Nokishita*, que possuem uma importância térmica, no controle climático, impedindo a entrada dos raios solares e da chuva. Itoh (1995) *apud* Okano (2007), explica que em Tóquio, o estudo do *hisashi* era tão específico que a angulação dessa cobertura era projetada para a incidência solar de 77,46°, no verão e 30,57°, no inverno dessa região. Tanizaki afirmaria que *hisashi* é um aparato construído para produzir a penumbra no interior das construções (Figura 30 e 31).

Esse ambiente possui pilares mais finos e quadrangulares, contrastando com os pilares internos dos templos e casas, que são grossos e redondos. *Hisashi* pode vir acompanhado de um corredor-terraço denominado *engawa* (Figura 30 e 31), que separa o ambiente interno e externo da casa tradicional japonesa, segundo Okano (2007).

Figura 30: Imagem que demonstra a estrutura do *hisashi* e o *engawa*.

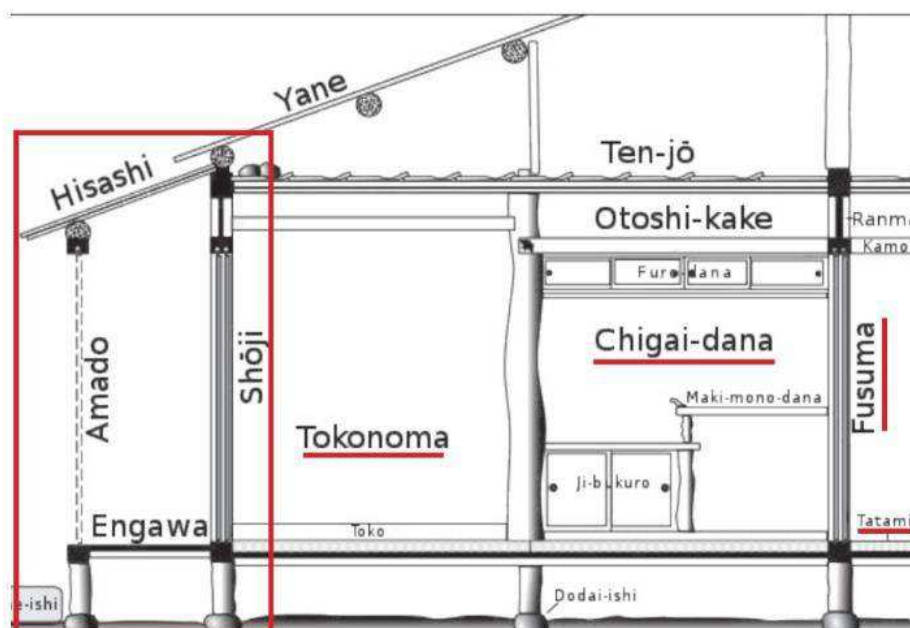


Fonte: Katsura Rikyu

3.2.2 Engawa

O *Engawa*, geralmente é de madeira e bambu, construído em um patamar elevado que de acordo com o ponto de vista pode ser considerado como um corredor/terraço, essa duplicidade significativa se dar justamente, pois existe um embate muito grande em relação a se esses espaços são classificados como internos ou externos (Okano, 2007). Esta estrutura que possui uma cobertura, encontra-se na mesma altura do piso da casa, tradicionalmente poderia ser considerada parte do interior de uma habitação, porém a paginação, ou seja, o revestimento desse espaço, normalmente é de madeira, se diferenciando do piso interno da casa, além de localizar-se logo após os *Shōji*, que são as paredes externas da casa, sugerindo uma conexão com o exterior. Durante a noite, uma dupla vedação é utilizada para segurança, consistindo de portas de madeira que se fecham sobre o *shōji*.

Figura 31: Croqui esquemático com os elementos da arquitetura tradicional japonesa.



Fonte: Arquitetura do entre-espaço, Luiza Brainer. p.44. 2023

O *Engawa* (Figura 32) serve a múltiplas funções, tornando-se assim um ambiente intermediário na casa, o qual mistura as sensações entre o interno e o externo, essa projeção era utilizada para receber visitas de maneira informal e, até proporcionar um espaço para brincadeiras infantis, descanso para os idosos, ou como um local de convívio para a família em noites quentes de verão, explica Okano (2007).

Na cultura japonesa, essa espacialidade pode ser um modelo do termo *Ma*, oferece um leque de possibilidades para a interação humana, estabelecendo um contato íntimo entre a natureza e a edificação e inspirando reflexões profundas.

Figura 32: Gueixas apreciando a paisagem em cima do engawa.



Fonte: Wikipedia (2023)

3.2.3 Genkan

O *genkan* (Figura 33) localiza-se na entrada da casa, considerado um *hall* de acesso da rua para casa, por ser um espaço de conexão entre o público e o privado, uma transição de um lado para o outro, o *Genkan* também entra no conceito do *Ma*. Esse espaço de entrada, onde se realiza o ato culturalmente significativo de remover os calçados antes de adentrar o lar, é uma manifestação física da espacialidade *Ma*, antigamente nas casas antigas japonesas, o *genkan* era um *hall* de terra batida, e a tradição de retirada do calçado fazia essa mudança do interno e externo, embora esteja separado do exterior por uma porta, o *genkan* situando-se no mesmo nível do chão exterior e necessitando subir degraus equivalente a 50 cm de altura, para adentrar no interior da casa (Okano, 2007).

Figura 33: Imagem de casa japonesa com *genkan*.



Fonte: Niseko project

Durante a Era *Edo*, o privilégio de construir um *genkan* era exclusivo dos samurais, o que sublinha a sua associação com o status e o divino. Somente na subsequente Era *Meiji*, o *genkan* tornou-se uma característica permitida nas residências dos cidadãos comuns (Okano, 2007). Assim, o *genkan* não é apenas uma área funcional para transição e higiene, ele carrega um peso simbólico e histórico, atuando como um portal entre dois mundos e refletindo uma prática que enfatiza a coexistência e o respeito entre os espaços interno e externo.

Elementos como *hisashi*, *engawa* e *genkan* nas casas tradicionais japonesas ilustram essa intersecção do interno com o externo e do privado com o público, criando desníveis que simbolizam uma hierarquia topográfica e social, sublinhando a importância de uma disposição espacial que valoriza a disponibilidade, a flexibilidade e a continuidade.

3.3 O Jardim

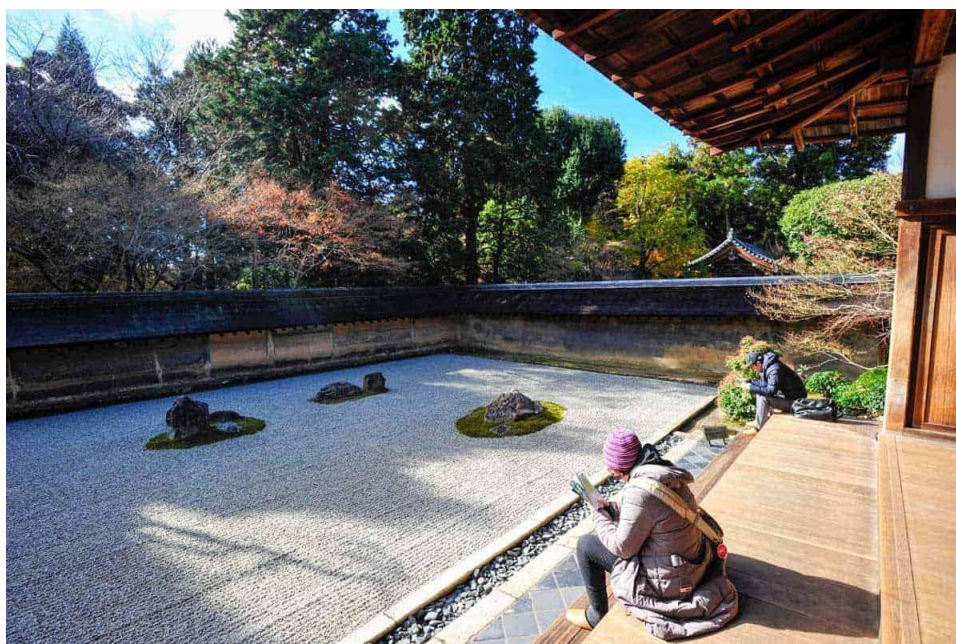
A história do jardim japonês é tão antiga quanto a história do próprio surgimento do Japão, pois o cultivo de plantas e a valorização da natureza, vem desde o Xintoísmo, que é considerada umas das religiões “mãe” do Japão. Existem três categorias de jardins japoneses principais, explica Okano (2012) *apud* Brainer (2023): o *karesansui*, o *roji* e os *tsukiyama*.

3.3.3 O *Karesansui*

Karesansui (Figura 34) se popularizou no Japão com a influência do *Zen* budista, desse modo é conhecido como Jardim *Zen*, formado por pedra e areia. Essa forma de arte paisagística reverencia os elementos naturais e ressalta a cultura pelo natural dos japoneses. De acordo com Brainer (2023), sua característica principal, é a ausência quase total de vegetação, sendo desse modo, focados a contemplação e a meditação.

O design destes jardins visa capturar a essência e a beleza intrínseca da natureza, porém, não de uma maneira realista, mas através de uma abordagem minimalista que convida ao silêncio e à introspecção. O jardim do Templo *Ryoanji*, ilustra essa ideia através do paisagismo, segundo Okano (2012) *apud* Brainer (2023), onde a areia meticulosamente rastelada simboliza o mar e as ondas (Figura 35), enquanto as pedras representam as ilhas do arquipélago japonês.

Figura 34: Jardim do templo *Ryoanji*.



Fonte: Alma de Viajante

Infelizmente, a autoria do design do Jardim seco de *Ryoan-ji*, é desconhecida, e apesar de diversos autores narrarem sobre o significado dos elementos, o verdadeiro propósito e significado do jardim são abertos a interpretações. O vazio central, por exemplo, é estrategicamente projetado de forma que, quando

observado através de linhas imaginárias, revela uma complexidade de formas e espaços menores. Assim, o que parece ser um espaço vazio é na verdade uma composição calculada de formas e significados, onde a ausência de elementos é tão expressiva quanto a sua presença.

Figura 35: Jardim Zen



Fonte: ED garden

3.3.4 O *Roji*

Os *roji* (Figura 36) são jardins que normalmente acompanham as casas de chá, para a realização da cerimônia do chá. Segundo Brainer (2023), usualmente possuem elementos em comum, como o arranjo de pedras, plantas e outros objetos pelos quais os hóspedes passam a caminho da casa de chá, normalmente as casas de chá japonesas, o possuem em todo o seu redor, sendo assim ao entrar em uma casa tradicional, o indivíduo caminha primeiramente pelo jardim.

Roji é uma representação paisagística de uma floresta, sendo assim as folhas e vegetações devem estar espalhadas no chão de modo que a terra não esteja a mostra. A tendência desse paisagismo é sempre passar a impressão de fresca e limpa, sendo assim é uma tradição a rega desses jardins antes da chegada de visitantes.

Figura 36: Jardim *roji*.



Fonte: Arquitetura do entre-espço, Luiza Brainer. p.48. 2023

Geralmente, os *roji* cultivam a ideologia *wabi-sabi* (Figura 37), baseada nos ideais *zen* budistas desenvolvida por volta do século XV no Japão. Brainer (2023), trata a ideologia *wabi-sabi* como uma abordagem estética centrada na valorização da beleza nas coisas imperfeitas, o belo que é permanente, imperfeito e incompleto. Esse conceito de estética é famoso quando é aplicado em cerâmicas.

Figura 37: Técnica *wabi-sabi* aplicada a cerâmica.



Fonte: Vogue (2017)

O conceito estético *wabi-sabi* é justamente ver beleza nas imperfeições, como na Figura 37 de uma vasilha de cerâmica que quebrou, suas peças foram coladas novamente e foi utilizado ouro para reparar os pedaços soltos, ao final dessa montagem, há uma vasilha com padrões de ouro que são únicas, pois nenhuma vasilha no mundo que quebre, vai ficar igual a esta. A valorização de sua imperfeição torna essa tigela ímpar.

A tradução desse termo, pode não trazer a significância completa desse tema que é exclusivamente japonês, mas de modo geral, podemos entender *wabi* como o que é simples e rústico e *sabi* como beleza na idade. Para Brainer (2023), a estética *wabi-sabi* conta com a assimetria, aspereza e autenticidade.

Figura 38: Jardim *roji* em casa de chá.



Fonte: Lanterna de pedra

Os jardins das casas de chá, são caracterizados por serem orgânicos, coloridos e vibrantes, diferentemente do conceito do jardim *zen*, o *roji* permite o passeio pelo espaço, essa caminhada é muito usada como uma forma de meditação, além do mais, a sensorialidade que o jardim fornece, sintoniza a energia do indivíduo com o local. De acordo com Polyavok (2022), em uma entrevista para *Flock Finger Lakes*, os caminhos do jardim são comumente de pedras (Figura 39), e segundo o autor, o tamanho e o espaçamento desses elementos são pensados, pois é como se

eles ditassem o ritmo da caminhada pelo paisagismo, desacelerando a velocidade de quem passa por ele.

Outro elemento usado no jardim é a representação direta ou indireta da tartaruga, existem muitas lendas sobre esse animal e contam que ele vive 10.000 anos, sendo assim, sua imagem é associada a longevidade e a sabedoria, é comum encontrar em jardins japoneses, a presença desse animal em lagos, ou a simbologia de seu formato em meio a paisagem das plantas (Polyavok, 2022 na entrevista da *Flock Finger Lakes*)

Figura 39: Trilha de pedras no jardim *roji*.



Fonte: Inter empresas

3.3.5 Os *Tsukiyama*

De acordo com Brainer (2023), o *tsukiyama* (Figura 40) é considerado o jardim com a maior organicidade dentre todos, pois possuem a presença de várias plantas, todas naturais e com cores vibrantes. Esse paisagismo possui algumas semelhanças com o jardim *roji* como: presença marcante de vegetação e por ambos serem jardins para passeios, por outro lado, o *tsuyama* se diferencia do *roji*, pois não está associada a nenhuma casa de chá, além disso, o jardim *zen* simula uma floresta, o *tsukiyama* simula miniatura de cenários naturais, incluindo lagoas, riachos com peixes, morros, colinas, pedras, ilhas, pontes, caminhos, árvores, musgos, flores e

pequenas plantas. Sakuteiki (2008) *apud* Brainer (2023), complementa, que também pode ser presente lanternas de pedra, portais, pontes, bambus além de carpas nos lagos, trilhas. Desse modo, o autor explica o simbolismo dos elementos presentes nos jardins:

- a) O cascalho e a areia possuem um simbolismo semelhante ao que é cultuado nas paisagens *zen*, que é usar esses elementos como a representação de água ou mares, esses mesmos materiais podem compor os caminhos trilháveis;
- b) As grandes pedras e rochas significam as ilhas, as montanhas e até colinas. Espaço de terra sagrado onde as divindades podem se manifestar;
- c) As lanternas de pedra eram utilizadas na iluminação dos caminhos do templo budista e logo se popularizaram nos templos xintoístas e nas residências japonesas. O material é composto por pedras esculpidas que são posicionadas como um spot que valoriza pontos específicos do jardim, a luz do conhecimento;
- d) A água representa o ciclo da vida desde o nascimento até a morte, que são os lagos, cascatas e riachos;
- e) As carpas que representam a prosperidade, a sorte e a resistência;
- f) As pontes, conhecidas como *Taiko Bashi*, constituem elementos cruciais nos jardins japoneses, servindo como transições simbólicas do mundano ao sagrado e representando a evolução espiritual. Fabricadas em madeira, pedra ou bambu, e variando em design, estas estruturas não apenas enriquecem a paisagem, mas também direcionam a atenção para aspectos notáveis do jardim, como os lagos de carpas, facilitando uma experiência contemplativa e introspectiva para o observador;
- g) A vegetação em jardins japoneses é meticulosamente selecionada para simbolizar conceitos como silêncio, eternidade e felicidade, incorporando árvores e arbustos perenes, como *sakuras*, bordo japonês e pinheiro-negro, além de espécies como *bonsai*. Arbustos específicos e flores perfumadas são empregados para criar uma atmosfera que repele energias negativas, enquanto cerejeiras celebram a vida com seu festival *Hanami*. A escolha de grama e plantas aquáticas, adaptadas à umidade dos lagos, como avencas e samambaias, complementa a harmonia e a beleza desses espaços serenos;

Figura 40: Jardim japonês de *Ojiya*.



Fonte: Arquitetura do entre-espaço, Luiza Brainer. p.52. 2023

3.4 A Madeira

A madeira como já foi mencionado anteriormente, é o material com a maior abundância no arquipélago japonês, em contraponto, o Japão possui uma ausência significativa de contato com metais para a construção de parafusos e pregos, principalmente pela sua política isolacionista no período *Edo*, sendo assim, basicamente a construção japonesa se dava a partir de encaixes de madeira, Polyavok (2022), na entrevista para *Flock Finger Lakes*, explica em uma entrevista que os encaixes de madeira possibilitam que os templos funcionem como um enorme quebra-cabeça (Figura 43 e 44), permitindo que a estrutura inteira possa ser desmontada e montada em outro local quando necessário, da mesma forma, ele explica que é possível ter um templo secular, onde sua estrutura são novas, pois as peças desse quebra-cabeça podem ser substituídas. Sendo assim nessa cultura a essência de um espaço não se encontra em seu material, mas no simbolismo desse ambiente (Comelli, 2018).

O Santuário de *Ise* do ano de 690 a.C. (Figura 41), é um exemplo de espaço que passa pela mudança das estruturas, pois possui uma prática ritualística de preservação e reconstrução na qual o complexo é inteiramente reconstruído a cada

20 anos no ritual do *Shikinen Sengu*. Esse processo, que envolve a comunidade local na preparação das madeiras e leva aproximadamente oito anos para ser concluído, visa preservar as técnicas construtivas ancestrais e a essência espiritual do santuário (Brainer, 2022).

Figura 41: O Santuário de Ise.



Fonte: Arte fora do Museu

O forte traçado marcado pela madeira na cultura japonesa, se dá pela qualidade e detalhismo da mão de obra, desse modo é importante destacar a arte da carpintaria japonesa.

Procedimento de construção de móveis, templos, interiores e ornamentações, vinham de escritas de pergaminhos antigos, guardados como um segredo familiar pelos mestres carpinteiros. Dado o caráter hereditário da ocupação, esses documentos eram passados de geração em geração, de pai para filho (Engel, 1987 *apud* Comelli, 2018).

No Japão, a natureza é um elemento sagrado, desde o período do Xintoísmo no qual a crença é que o espírito reside na natureza, acredita-se que, quando um mestre carpinteiro corta uma árvore ele fica em dívida com a natureza, para suprir essa dívida ele deve fazer o uso do material da melhor forma possível, aproveitando ao máximo e para que isso ocorra é necessário entender como ele se comporta (Akiyama, 2018).

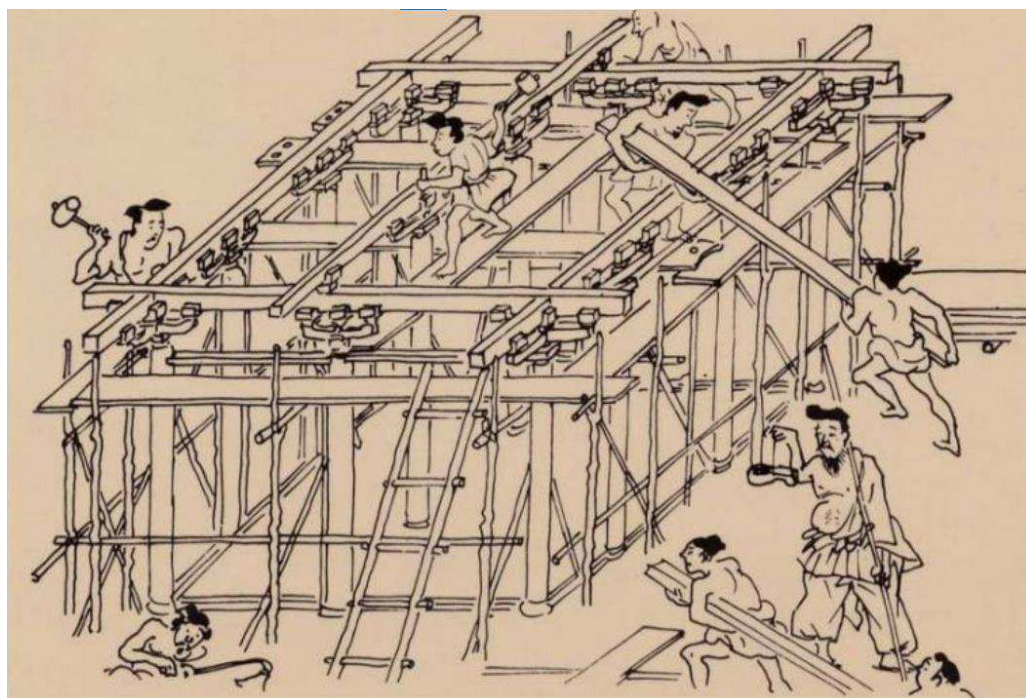
O *Shokunin*, além de reembolsar uma dívida à natureza incorrida por sua exploração dos recursos da terra, deve cumprir sua obrigação para a

sociedade, principalmente fazendo o que for necessário, rapidamente e sem desperdício. Este código ético e consciência social é cultivada desde o início do aprendizado (que antes dos dias de educação secundária obrigatória começou no início de nove ou dez anos) (Brown, 1989 *apud* Comelli, 2018).

A carpintaria japonesa era especializada, possuindo 4 categorias dessa modalidade profissional de acordo com Comelli (2018):

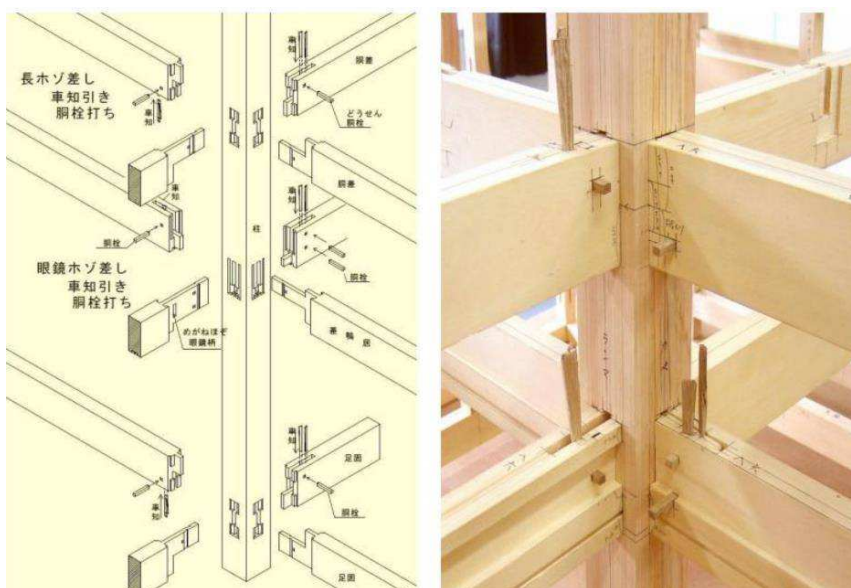
- a) *Miyadaiku*: prática de construção de santuários e templos, conhecidos pelo uso de juntas elaboradas para criar estruturas bem estruturadas e extremamente duradouras. Frequentemente encontrados como as estruturas em madeira mais antigas do mundo;
- b) *Sukiya-daiku*: famosos por construções delicadas e estéticas. Normalmente constroem casas de árvores e estruturas de tipo residencial, como escadas e caixilhos de janelas;
- c) *Tateguya*: especializados em acabamentos interiores que constroem *shojin* (portas de correr japonesas). Também criam baixos e altos relevos esculpidos e decorações de parede que são conhecidas como *ranma*;
- d) *Sashimono-shi*: semelhantes aos *Tateguya*, porém criam móveis, como sofás, cadeiras, armários entre outros.

Figura 42: Ilustração de artesãos montando uma casa a partir de encaixes de madeiras.



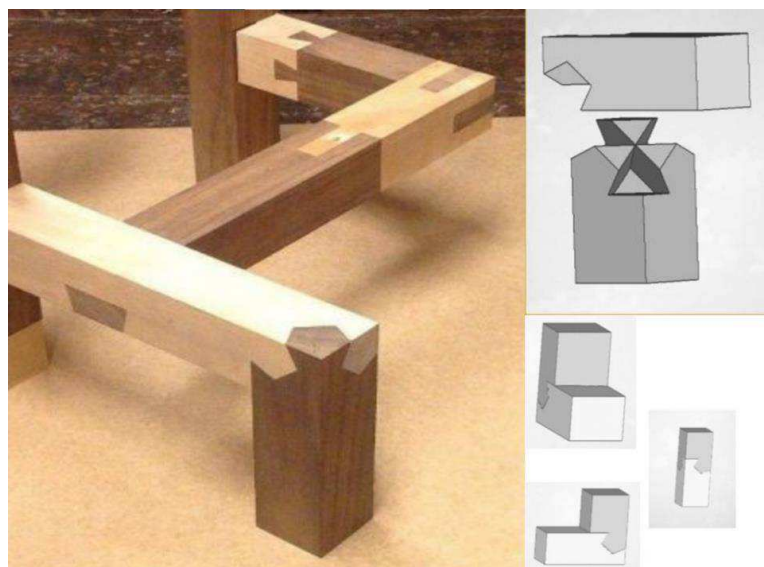
A madeira é um material que não é muito utilizado na construção de estruturas brasileira pela sua flexibilidade (Karpouzas, 2003) e é exatamente essa característica que a torna uma ótima matéria-prima para o Japão, pois junto com os encaixes dos artesãos formam uma construção que amortece os tremores recorrentes nesse arquipélago, tornando as edificações mais resistentes a essas intemperes (Comelli, 2018).

Figura 43: Esquema de encaixe de vigas e pilares.



Fonte: Arquitetura Japonesa: inventário do uso dos encaixes estruturais de madeira, Comelli, 2018, pg.39

Figura 44: Encaixe de madeira chamado de *Kawai Tsugite*.



Fonte: Arquitetura Japonesa: inventário do uso dos encaixes estruturais de madeira, Comelli, 2018, pg.123

3.5 A Luz e a Sombra

A cultura japonesa sempre foi muito vinculada a apreciação de sombras, do escuro e do mistério que os acompanha, Tanizaki traça um comparativo entre a cultura europeia e a japonesa, pois na Europa, existe um senso comum, que quanto mais iluminado o ambiente estiver, melhor será, maior é a sensação de clareza e nitidez que este espaço oferece, a brancura dos azulejos dos banheiros ocidentais e a excessiva claridade somadas à total exclusão da natureza, são características que fazem parte de um contexto cultural europeu, os quais a partir o século XIX, tudo que era escuro ficou vinculado a sujeira e doença, após uma consciência higiênica nesse período, subsequente de muitas pragas.

Em um contraponto, a sociedade japonesa não passou por um histórico de muitas doenças e pragas como na Europa, desse modo as sombras mantiveram-se como um elemento de valorização na arquitetura japonesa, essa nação possui uma predileção por penumbras, sombras, pelo rústico, pelo envelhecimento natural dos utensílios. Para a cultura japonesa é bonito ter um objeto com marcas de usos, marcas de manuseio, o desgaste sofrido com o tempo, pois tudo isso mostra uma história desse objeto (Pastana, 2019).

Tanizaki comenta que a sombra está entrelaçada na estética e na cultura tradicional japonesa. O projeto da casa tradicionais japonesas, possui uma maneira única de captação da luz. A luz que viaja pelo jardim, passa pelos beirais e pelos corredores (*Engawa*), chocando-se contra o *Shojin*, que por sua vez filtra a luz tornando a fria, entra nos cômodos e ilumina as paredes escuras do quarto, fazendo um contraste com a escuridão e os mistérios ali presentes e trazendo uma característica estética muito peculiar japonesa (Japan, 2022).

Figura 45: Exemplo de cômodo japonês iluminado pelo *Shojin*.



Fonte: Jornal NHK World - Japan, 2022

Ao adentrar um quarto tradicional japonês (Figura 45) no qual o chão é revestido de tatame (Figura 47 e 48), para olhos desorientado, é apenas um quarto com paredes, mal iluminado, sem nenhum ponto expressivo que chame a atenção, mas para os olhos experientes a beleza da estética do espaço japonês está nos detalhes sutis formados pelo contraste da luz e da sombra (Japan, 2022).

É possível a partir dessa fria luz vinda do *shojin*, ver a silhuetas do que se movimenta com o vento (Figura 46), esse mesmo contraste possibilita perceber todas as linhas traçadas pelos artesãos ao compor os tatames com palhas (Figura 47), o mesmo é válido para os sutis detalhes do rejunte entre as esteiras (Figura 48), que seu delicado alto-relevo forma desenhos que são revelados com a sombra e não seriam possíveis sua identificação em um quarto cheio de luz.

Figura 46: A silhueta dos jardins exibidos nos *shojin*.



Fonte: Tanizaki Junichiro on Japanese Aesthetics (Japan, 2022)

Figura 47: Textura do tatame.



Fonte: Quintessential japanese garden & architecture. Youtube.

Figura 48: Textura da divisória do tatame.



Fonte: Quintessential japanese garden & architecture. Youtube.

É essencial destacar que a sombra discutida por Tanizaki não se limita meramente à ausência de luz resultante da obstrução por um objeto, mas abrange um leque de elementos simbólicos que inclui desde a penumbra, até aspectos como o mistério, o oculto, a impureza, o primitivo, o feminino, o subconsciente, bem como as "criaturas e aparições espectrais" que povoam o interior de cada um, esses elementos mexem com o imaginário japonês e trazem a beleza do desconhecido e um enigma nas sombras. A sombra, conforme interpretada por Tanizaki, é uma entidade acolhedora e amante de tudo aquilo que é descartado pelo ocidente (Pastana, 2019).

Tanizaki em sua argumentação, destaca que o avanço tecnológico, com casas cheias de luzes e *led*, levou os japoneses a reprimirem suas próprias sombras, ameaçando assim a essência de sua identidade na tentativa de adotar um padrão estrangeiro de civilização. Ao concluir, ele salienta a relevância de abraçar essa sombra e admite que, na arte, encontra um refúgio para manifestar livremente sua valorização da obscuridade (Pastana, 2019).

3.6 O Ouro

Na antiga sociedade japonesa, a ausência de tecnologias modernas, como o uso de energia elétrica, exigia soluções inovadoras e práticas para a iluminação e orientação noturna. Uma dessas soluções envolvia o uso estratégico do ouro (Figura 49) em determinados pontos de objetos e espaços (NHK World Japan, 2022).

O metal precioso, conhecido por seu brilho intenso e reflexivo, era aplicado em pontos estratégicos como detalhes em maçaneta e em objetos que necessitava de uma visualização mais facilitada de noite. A propriedade refletiva do ouro tornava-o particularmente útil durante a noite, pois a luz disponível, seja da lua ou de fontes de luz tradicionais, como tochas ou lanternas de óleo, as chamas eram refletidas pelo ouro, fazendo com que ele brilhasse de maneira semelhante a um pequeno LED moderno, explica Polyavok (2022), na entrevista para *Flock Finger Lakes*.

Essa característica permitia que as pessoas encontrassem saídas ou se orientassem em ambientes escuros com maior facilidade. Assim, o uso do ouro não se restringia apenas ao seu valor estético ou econômico, ele também desempenhava uma função prática e vital no cotidiano das pessoas no Japão antigo, demonstrando a capacidade humana de adaptar recursos naturais para atender a necessidades específicas de forma criativa e eficiente. Desse modo, ainda é possível encontrar na arquitetura tradicional japonesa, casas com detalhamentos em ouro (Polyavok, 2022), na entrevista para *Flock Finger Lakes*.

Figura 49: Detalhe de ouro na maçaneta.



Fonte: Quintessential japanese garden & architecture. Youtube.

Figura 50: Detalhe de ouro na maçaneta.



Fonte: Quintessential japanese garden & architecture. Youtube.

O ouro não era apenas aplicado em pontos pequenos, em casas mais afortunadas os biombos poderiam possuir folhas ou pó de ouro em sua composição, desse modo a iluminação das velas refletiria nessas superfícies iluminando os quartos. Porém diferentemente da prata ou qualquer outro metal, o brilho reflexivo do ouro equilibra as sombras e as luzes no espaço, tornando-o um item cobiçado na arquitetura japonesa (Japan, 2022)

“(…) os antigos não consideravam ouro em pó ou em folha um artigo de luxo, tirando simplesmente proveito de seu poder reflexivo para obter a claridade da qual careciam” (Tanizaki, 2007, p. 37, *apud* Pastana, 2019, pg. 245).

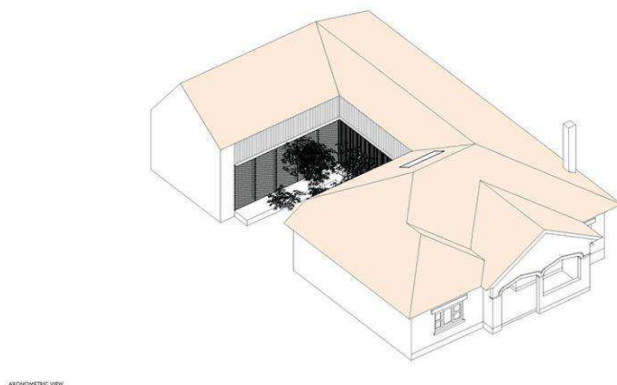
4 REFERÊNCIA PROJETUAL DE CASA JAPONESA

Os conceitos da arquitetura japonesa podem ser adaptados a qualquer tipo de ambiente, normalmente como resultado é gerado um projeto com características e sensações únicas. Desse modo, os tópicos a seguir abordaram a adaptação da dessa arquitetura oriental, no projeto *Courtyard House* que é uma casa localizada na Austrália, inspirada no Zen e no projeto da casa do produtor cultural Jo Takahashi, localizada no Brasil, com espaços que induzem a calma e meditação.

4.1 Projeto: *Courtyard House*

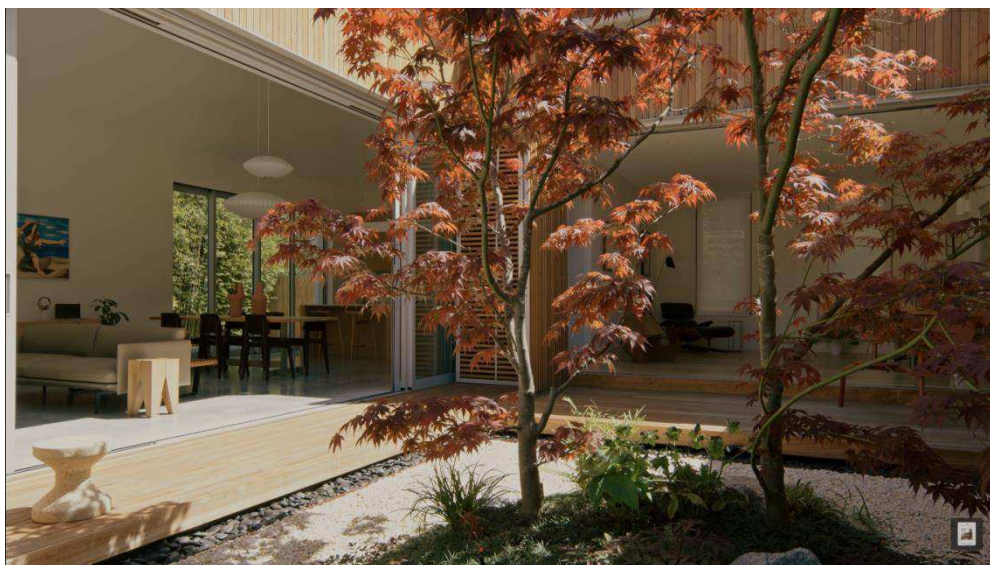
O escritório de *Hå Architecture* junto com o escritório de paisagismo *Kihara Landscapes*, foram os responsáveis pelo projeto *Courtyard House* (Casa Pátio), essa casa é um patrimônio do período entre guerras na Austrália, desse modo sua fachada original foi mantida. O desejo do casal proprietário, era por um refúgio minimalista e sereno, banhado em luz natural, aproveitando a orientação sul do terreno. A residência necessitava de amplas melhorias, mas o objetivo era criar uma casa compacta de três dormitórios, mantendo a metragem quadrada original de 220m². O projeto não se tratou de uma ampliação, mas sim de uma reestruturação completa (Arch Daily, 2022).

Figura 51: Volumetria do projeto *Courtyard House*.



Fonte: Arch Daily, 2022

Figura 54: Imagem do jardim do projeto *Courtyard House*.



Fonte: The Local Project, 2021. Youtube.

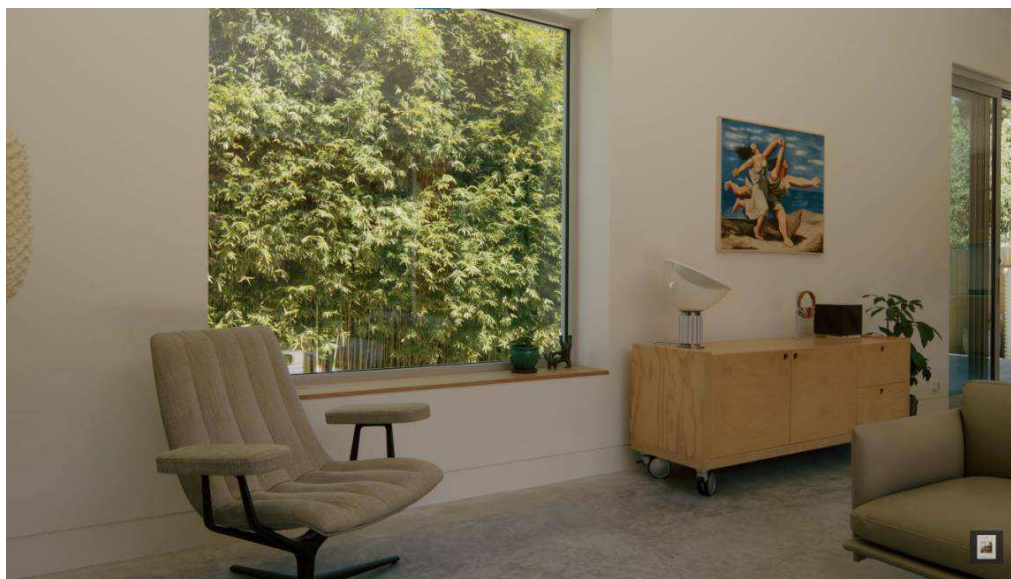
A casa foi modificada com inspiração na influência da arquitetura japonesa (Figura 55), principalmente dos ideais *zen*, o qual orientou a inclusão de um espaço dedicado à *ioga*, um jardim central de pedras e cascalhos (Figura 54) e a integração da natureza como o sussurrar do bambu ao vento, o som relaxante da água fluindo e a mudança da luz filtrada ao longo do dia criam uma tapeçaria de sensações (Arch Daily, 2022).

Figura 55: Projeto *Courtyard House*.



Fonte: The Local Project, 2021. Youtube.

Figura 56: Imagem do projeto *Courtyard House*.

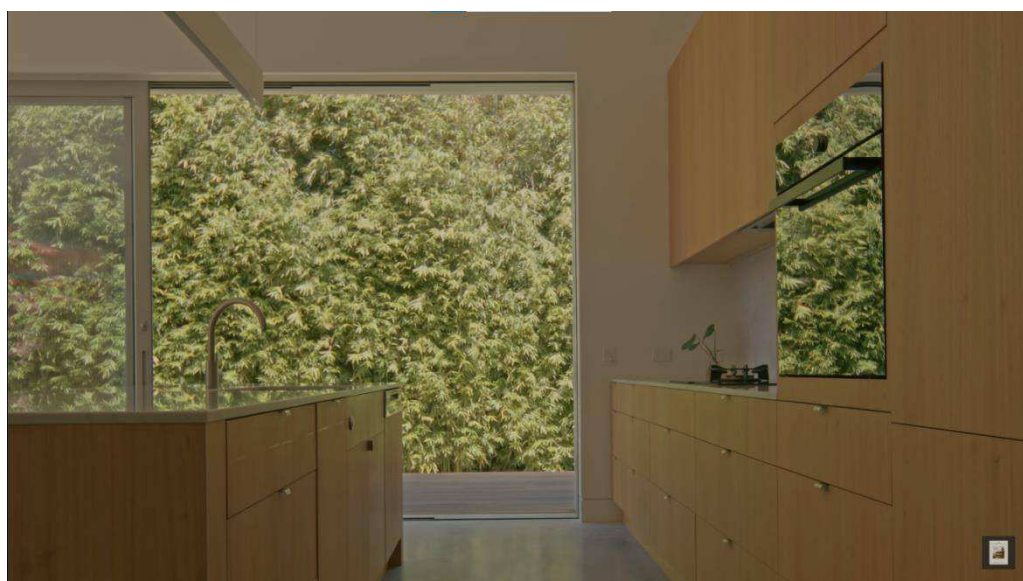


Fonte: The Local Project, 2021. Youtube.

Existe uma sensação de calma que emana logo na chegada, graças a um *hall* de entrada revestido de madeira, que remete aos elementos decorativos originais da casa japonesa. Portas discretas dão acesso a dois dos quartos antigos, sendo um restaurado em tributo ao design original (Arch Daily, 2022).

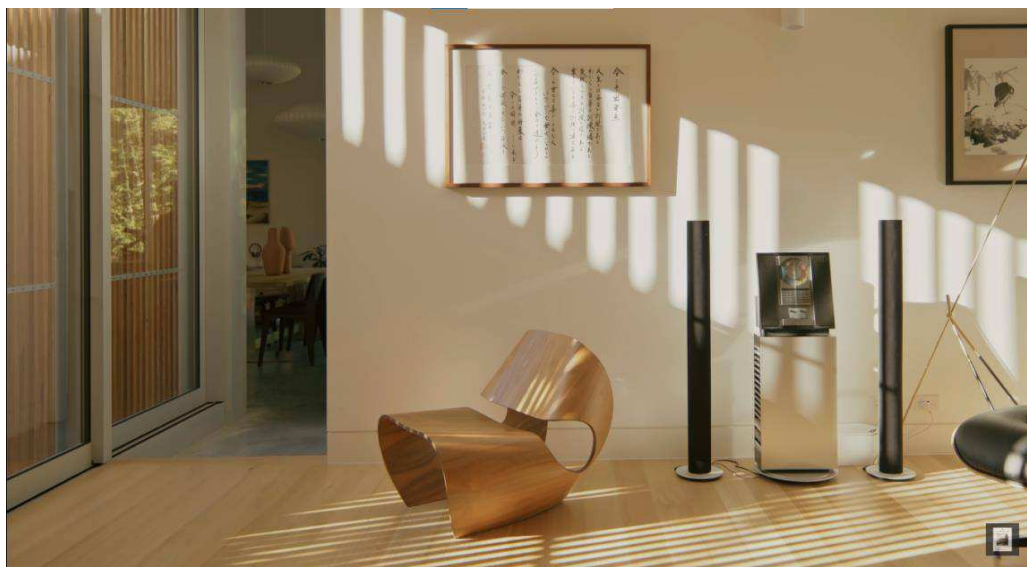
A casa possui uma presença do verde deslumbrante, os quais parecem quadros vivos espalhados pela casa (Figura 56).

Figura 57: Imagem do projeto *Courtyard House*.



Fonte: The Local Project, 2021. Youtube.

Figura 58: Imagem do projeto *Courtyard House*.



Fonte: The Local Project, 2021. Youtube.

Painéis e acabamentos de madeira móveis fazem o conforto térmico do ambiente (Figura 58), permitindo ainda a entrada da luz. Toda a propriedade, visões cuidadosamente enquadradas de áreas verdes sequenciais intensificam a sensação de serenidade almejada pelos proprietários (Arch Daily, 2022).

Kihara trouxe para o projeto uma abordagem de paisagismo tradicional japonesa, adaptada ao contexto australiano. O jardim de pedras criado demanda pouca rega, complementado por um sistema eficiente de coleta de água da chuva (Arch Daily, 2022).

4.2 Casa de Jo Takahashi

Jo Takahashi é descendente de japonês e mora em São Paulo, ele é produtor cultural e promove a relação de Brasil-Japão através da arte. É perceptível que suas raízes japonesas são muito fortes, tanto em sua personalidade calma e reverenciadora, quanto na construção de sua casa, que demonstra um traçado da arquitetura japonesa (Life by Lufe, 2017).

O *tour* pela casa de Jo Takahashi é feito através do canal de youtube *Life By Lufe*, apresentado por Lufe Gomes. Ele explica que logo na entrada a casa recebe os visitantes com um jardim frontal (Figura 59) com uma enorme árvore central, no qual Jo usa para brincar com seus cachorros e descansar. Para acessar a

casa é necessário passar por uma ponte de madeira que é contornada por árvores (Figura 60). Logo abaixo dessa ponte, existe um riacho de pedras (Figura 61), que permite a caminhada e a apreciação do espaço (Life by Lufe, 2017).

Figura 59: Casa de Jo Takahashi, jardim frontal.



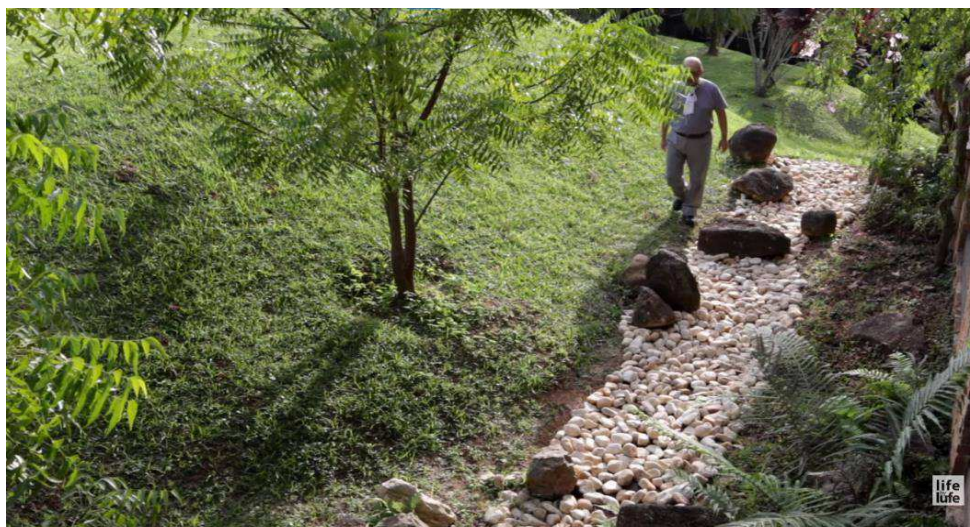
Fonte: Life by Lufe, 2017. Youtube.

Figura 60: Casa de Jo Takahashi, ponte de acesso à casa.



Fonte: Life by Lufe, 2017. Youtube.

Figura 61: Casa de Jo Takahashi, riacho de pedras.



Fonte: Life by Lufe, 2017. Youtube.

A Casa de Jo Takahashi encontra-se em um terreno com muitas declividades e é possível notar que a construção faz o uso desse relevo para compor o espaço e isso, que pode ser visto como um obstáculo na arquitetura, é usado como um ponto pé para aproximar a casa da natureza.

Figura 62: Casa de Jo Takahashi, pavimento superior.



Fonte: Life by Lufe, 2017. Youtube.

O pavimento superior (Figura 62) leva ao acesso ao quarto (Figura 63), que é revestido de tatame, com janelas com persianas para que a claridade seja filtrada, mas permita a entrada da luz, através dessas janelas é possível contemplar o jardim

que durante a floração das árvores formam uma paisagem colorida com flores rosas, as portas que levam a área externa são portas de correr, como se fossem Shojin¹⁰ (Life by Lufe, 2017).

Figura 63: Casa de Jo Takahashi, quarto.



Fonte: Life by Lufe, 2017. Youtube.

No banheiro (Figura 64) é possível ver o uso de Ofurô, que é uma banheira muito usada no Japão para banhos quentes que são muito apreciados nessa cultura (Life by Lufe, 2017).

Figura 64: Casa de Jo Takahashi, banheiro com Ofurô.



Fonte: Life by Lufe, 2017. Youtube.

¹⁰ *Shojin*: Divisória externa da casa japonesa, com portas de correr que normalmente são feitos de papel, madeira (ou bambu), para assim permitir a entrada da luz.

Figura 65: Casa de Jo Takahashi, terraço com gramado.



Fonte: Life by Lufe, 2017. Youtube.

A casa de Jo Takahashi possui um terraço no pavimento superior com gramado (Figura 65), para que ele possa fazer meditação em movimento, enquanto aprecia toda a vista do jardim (Life by Lufe, 2017)

Figura 66: Casa de Jo Takahashi, parede com escada.



Fonte: Life by Lufe, 2017. Youtube.

Figura 67: Casa de Jo Takahashi, sala de jantar.



Fonte: Life by Lufe, 2017. Youtube.

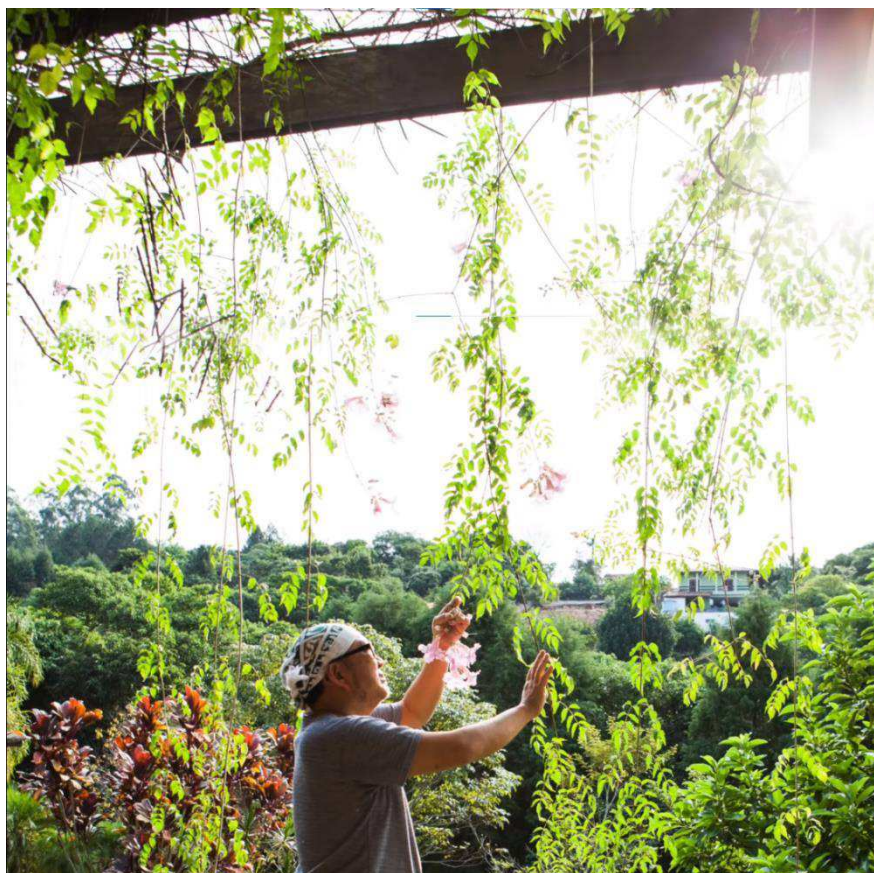
Logo sob as escadas, encontra-se a mesa da sala de jantar (Figura 67), a proposta desse mobiliário é ele ser baixo ressaltando o contato com o chão e abaixo dela tem uma abertura para as pernas, fazendo com que o chão se torne a própria cadeira (Life by Lufe, 2017).

Figura 68: Casa de Jo Takahashi, terraço.



Fonte: Life by Lufe, 2017. Youtube.

Figura 69: Casa de Jo Takahashi, Hisashi.



Fonte: Life by Lufe, 2017. Youtube.

A casa do produtor cultural, também é contemplada com a presença do *hisashi*¹¹ e do *engawa*¹² (Figura 68), a vista fornecida por essas estruturas é leve e harmoniosa, a natureza monta uma paisagem deslumbrante que pode ser vista de dentro da casa, o *hisashi* (Figura 69) complementa essa vista, com plantas que caem de sua estrutura formando adornos florais (Life by Lufe, 2017).

¹¹ *Hisashi*: Cobertura do Engawa.

¹² *Engawa*: Patamar elevado que fica na área externa na casa e transita entre o interno e o externo, pode ser considerado tanto um terraço como um corredor.

Figura 70: Casa de Jo Takahashi, escadaria externa.



Fonte: Life by Lufe, 2017. Youtube.

De modo geral, a casa de Jo Takahashi é uma experiência japonesa harmoniosa de uma construção residencial e da integração da natureza, a junção entre ambos consegue formar um espaço de calma e relaxamento, onde uma escadaria, como é a Figura 70, torna-se um ambiente transitório de meditação.

5 SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE

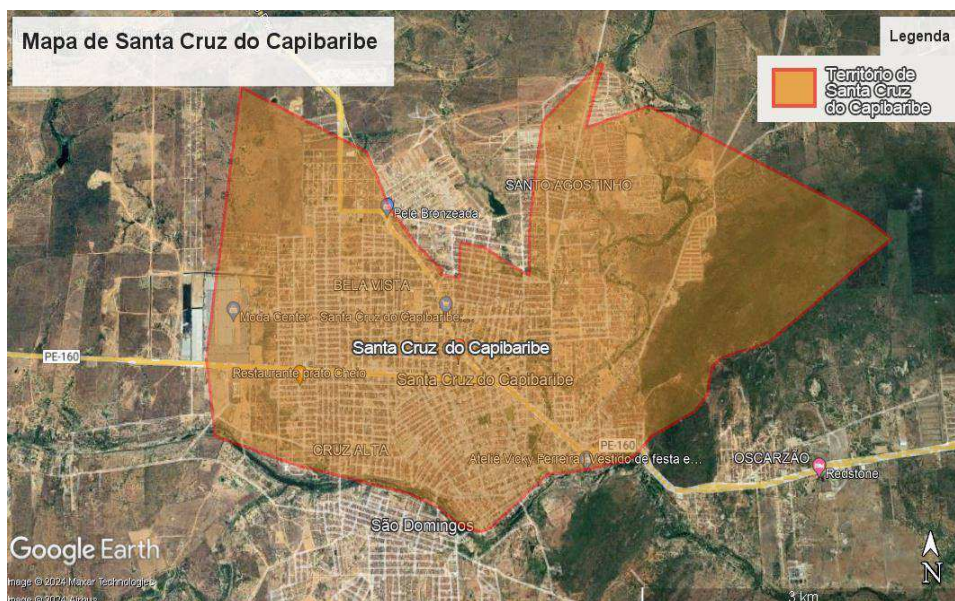
Santa Cruz do Capibaribe é um município brasileiro do estado de Pernambuco (Figura 71), considerado a terceira maior cidade do Agreste Pernambucano, localiza-se a quase 200km de Recife (Google Earth).

Figura 71: Mapa da distância de Santa Cruz do Capibaribe e Recife.



Fonte: Google Earth, 2024

Figura 72: Mapa Santa Cruz do Capibaribe.

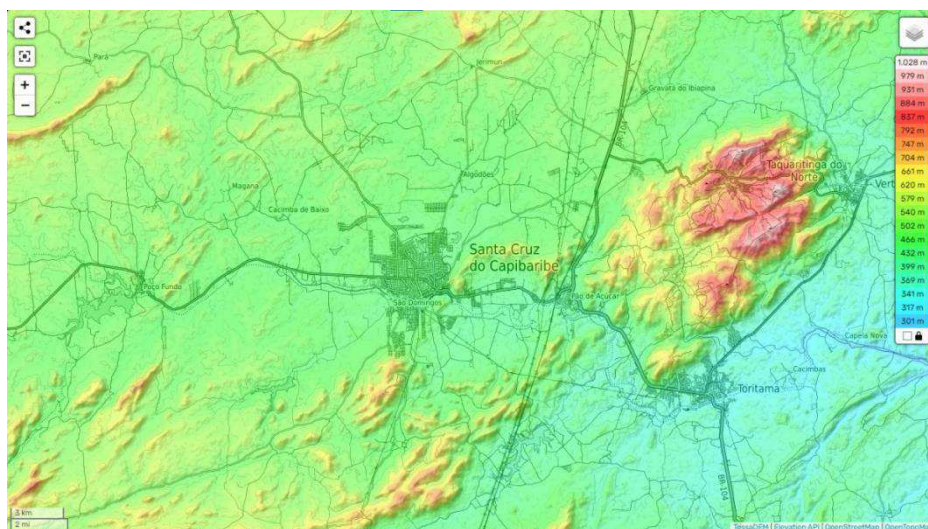


Fonte: Google Earth, 2024

5.1 Informações geográficas sobre Santa Cruz do Capibaribe

Santa Cruz do Capibaribe, localiza-se na Serra do Pará, desse modo sua altitude média é de 504m com a máxima de 809m e mínima de 345m (Figura 73) (Topographic map).

Figura 73: Mapa da topografia de Santa Cruz do Capibaribe.

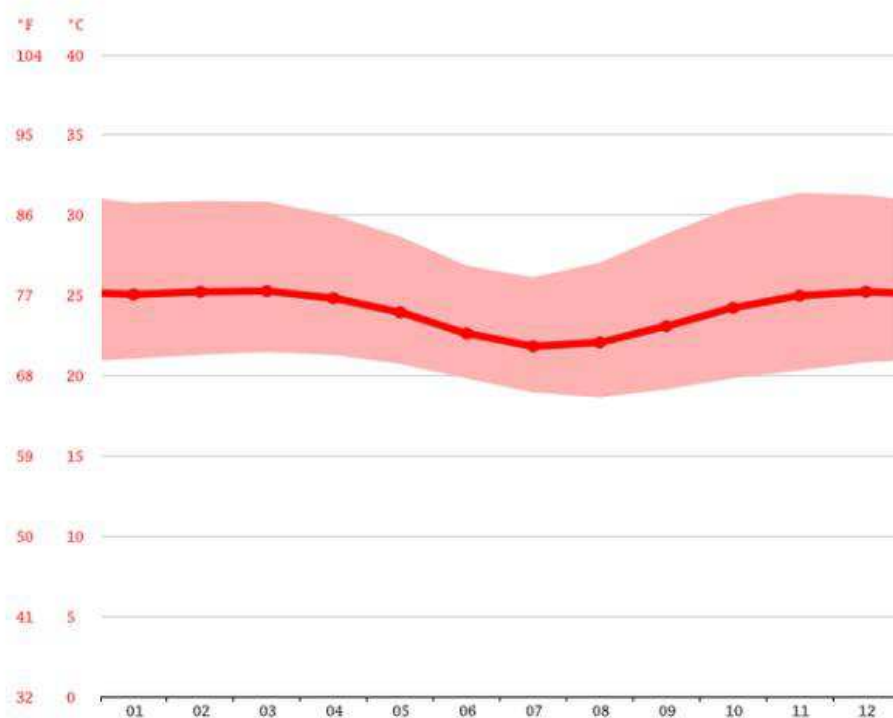


Fonte: Topographic map, 2024

O clima de estepe em Santa Cruz do Capibaribe, segundo a classificação de *Köppen e Geiger*, é de baixa pluviosidade anual, com a média de apenas 368 mm, sendo o mês mais seco do ano novembro com umidade de 11mm e março, com a maior umidade com média de 52 mm (Figura 75). (Climate data)

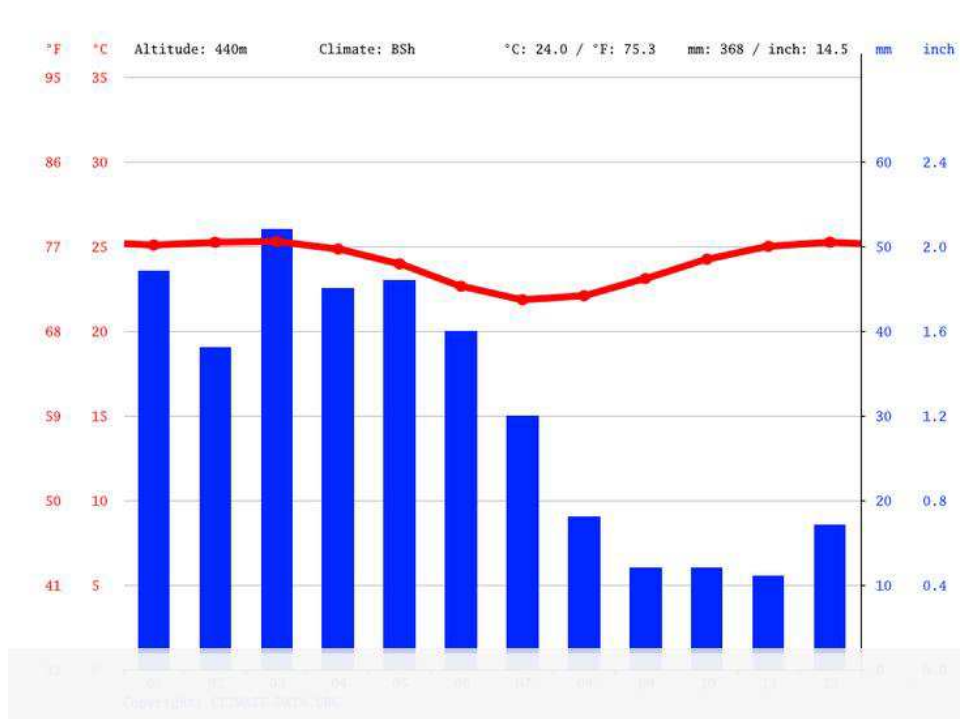
A temperatura média anual na cidade é de 24.0 °C (Figura 74), refletindo um clima geralmente quente, de acordo com o site *Climate data*. A direção do vento nesse município vem do Sudeste.

Figura 74: Gráfico de temperatura de Santa Cruz do Capibaribe no decorrer do ano.



Fonte: Climate data

Figura 75: Gráfico de temperaturas e umidade média.



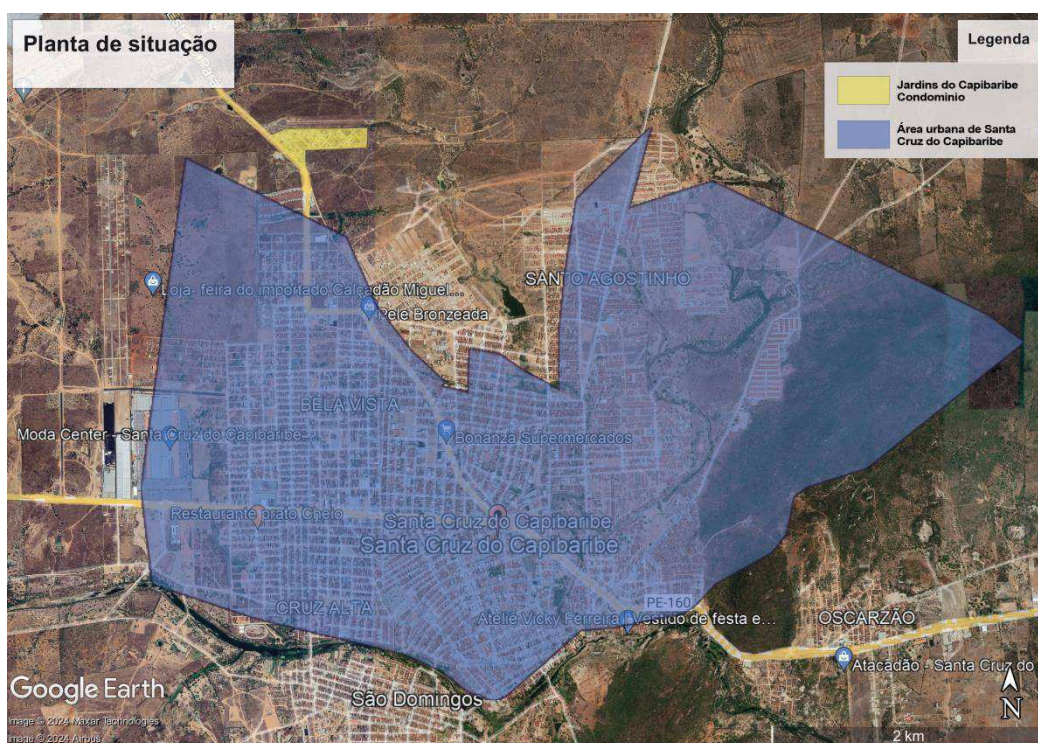
Fonte: Climate Data

5.2 A casa Hikaru

O intuito da casa Hikaru é fornecer um projeto residencial unifamiliar inspirado na arquitetura japonesa e adaptado para o cotidiano de Santa Cruz do Capibaribe, esse capítulo abordará a explicação do projeto e dos elementos nele presente.

O lote do projeto localiza-se dentro de um condomínio fechado chamado Jardins do Capibaribe Condomínio (Figura 77), que possui a área de 114.664m².

Figura 76: Planta de situação do condomínio Jardins do Capibaribe na cidade.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Como é possível perceber na Figura 76, toda a marcação de azul é a área urbana do município de Santa Cruz do Capibaribe, o condomínio em amarelo localiza-se um pouco mais afastado do centro, estando em uma área mais rural da cidade.

Figura 77: Planta de situação do lote no condomínio.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

A planta de situação acima nos permite localizar o lote em estudo, esse lote é irregular, possui 795,39m² de área (Figura 77).

5.3 Normas construtivas do Condomínio de Jardins Capibaribe

I. É expressamente proibido a construção de cerca viva com altura superior a 1.00m (um metro);

II. É expressamente proibido a construção de muros nas partes frontais dos terrenos, limítrofes com as calçadas, parques e ruas, permitindo-se apenas, entre os lotes, desde que limitados a uma distância a contar do limite do afastamento frontal do lote de 5,00m (cinco metros) e altura máxima de 2.20m (dois e vinte metros);

III. Será permitido a construção de muros, entre os lotes, no limite do afastamento frontal do lote de 5,00 (cinco metros), com altura máxima de 1.00m;

IV. Será permitido a construção de portas, em um dos afastamentos laterais, apenas com a finalidade de dividir e privatizar a exposição dos ambientes internos para com o externo;

V. É expressamente proibido a construção de coberturas adjacentes aos muros (fora dos limites de recuos estabelecidos), independentes da técnica construtiva;

VI. Os chuveiros, duchas ou churrasqueiras podem ser instalados junto aos muros de divisa lateral ou de fundos. Esses elementos podem ter altura máxima de 2,30m e se estenderem no muro da divisa por, no máximo 2,20m;

VII. É expressamente proibido a execução de construção ou obra de qualquer natureza que extrapole o limite correspondente a 9,00m (nove metros) acima do nível no meio fio, correspondente ao terreno do lote;

VIII. O Coeficiente de utilização do terreno deverá ser de no máximo 3 (três), ou seja, a área total construída (ATC) não poderá ser superior à 3 vezes o tamanho da área do terreno.

5.4 Afastamento da construção do lote no condomínio Jardim Capibaribe

I. Afastamento frontal: 5,00m (cinco metros), não sendo permitido qualquer avanço, salvo por meio de beiral, marquise, cobogós ou platibanda, limitado a 1,00m (um metro) sem intenção de uso ocupacional, apenas com a finalidade estética;

II. Afastamento lateral: 1,50m (um metro e cinquenta centímetros), não sendo permitido qualquer avanço, salvo por meio de beiral, marquise, cobogós ou platibanda, limitado a 1,00m (um metro), sem intenção de uso ocupacional, apenas com a finalidade estética;

III. Afastamento fundos: 2,00m (dois metros), não sendo permitido qualquer avanço, salvo por meio de beiral, marquise, cobogós ou platibanda, limitado a 1,00m (um metro), sem intenção de uso ocupacional, apenas com a finalidade estética.

5.5 Programa de necessidade

Os membros da casa são compostos por duas pessoas, Fernanda (30) e Thaís (27), ambas são solteiras e sem filhos. As duas juntas possuem uma marca de roupa, e gerenciam a fábrica produtora.

Para ambas a casa deve ser um ambiente confortável, que aproveite ao máximo a iluminação natural e traga traços da arquitetura japonesa, que harmonize com o espaço e ainda seja funcional para o dia a dia. Apesar de não terem filhos,

solicitaram que a casa tivesse dois quartos de hóspedes, pois, a visitação de familiares e amigos de fora são constantes. Não poderia faltar, um jardim bem vasto, que contorne totalmente a casa, e forneça vistas naturais para a residência. Os espaços internos devem ser integrados e a cozinha deve ficar próxima da área de lazer.

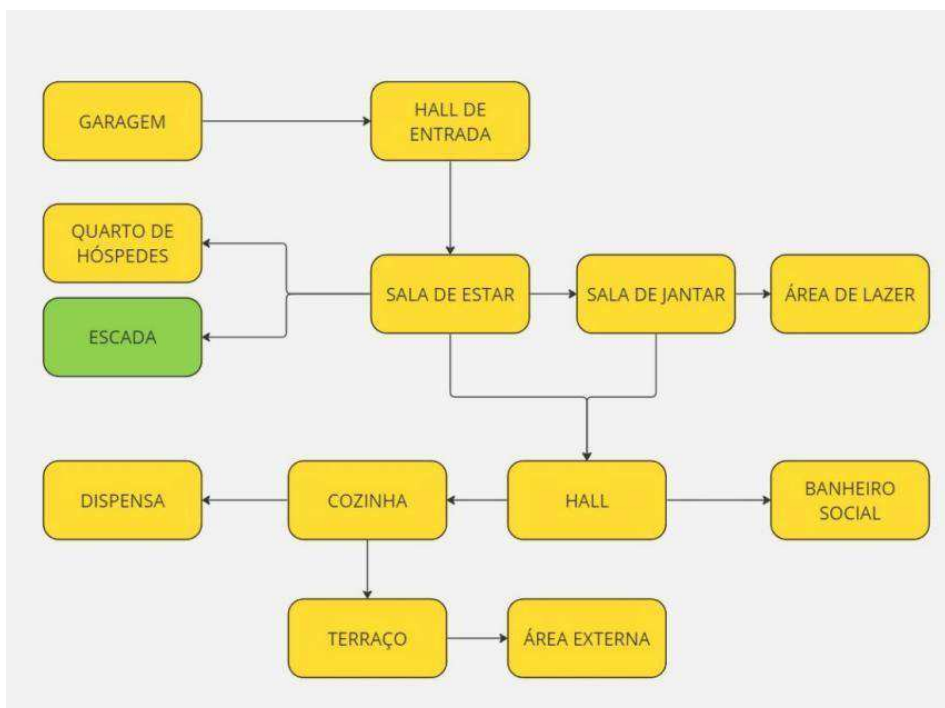
O perfil de Fernanda (30) é descrito da seguinte maneira: Fernanda é uma pessoa com muita energia e muito criativa, gosta muito de decorações com pontos de cor, além de empresária é musicista e é formada em Textil e moda na USP. Ela solicitou que o quarto tivesse bastante privacidade e tivesse cama de casal, com um amplo armário e uma varanda, sobre o banheiro, o pedido foi que este tivesse iluminação natural e uma banheira, como se fosse um ofurô. Para ela, a casa deve ter um jardim central e a cozinha ser um espaço agradável de se estar.

O perfil de Thaís (27) é descrito da seguinte maneira: Thaís é uma pessoa bem mais introvertida que Fernanda, gosta de montar quebra cabeças e de montar objetos, como pequenos móveis, não possui muitas preferências decorativas, mas gosta de praticidade no dia a dia, formada em engenharia na UEMA. Ela não fez solicitações específicas sobre o quarto, mas comentou que gostou da estrutura do quarto de Fernanda, como relatou que normalmente durante o banho ela sente muito frio, pediu que houvesse a opção de fechar todas as esquadrias dessa área. Sobre a casa, Thaís reforçou a ideia de um jardim amplo com bastante plantas, solicitou que a garagem da casa seja ampla para que ela possa montar caso necessário uma pequena oficina e por fim, ela pediu que os cômodos da casa fossem integrados.

5.6 Fluxograma, Plano de Mancha e Setorização

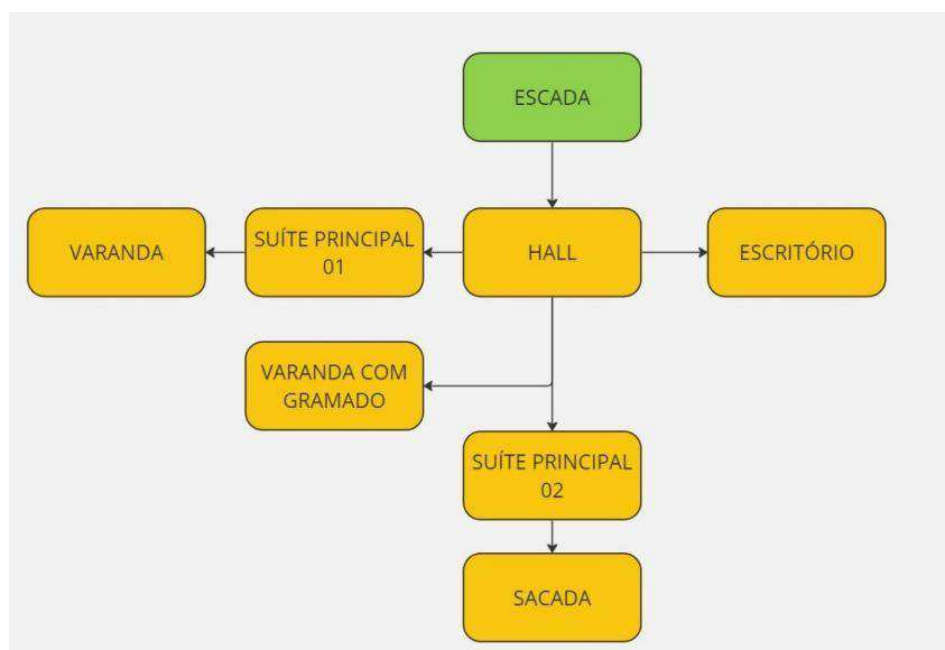
A partir do plano de necessidades foi elaborado o fluxograma dos pavimentos (Figura 78 e 79), sendo o primeiro do pavimento inferior e o segundo do pavimento superior. Assim como, a partir do fluxograma, foi possível marcar o plano de manchas da casa (Figura 80, 81 e 82)

Figura 78: Fluxograma primeiro pavimento.



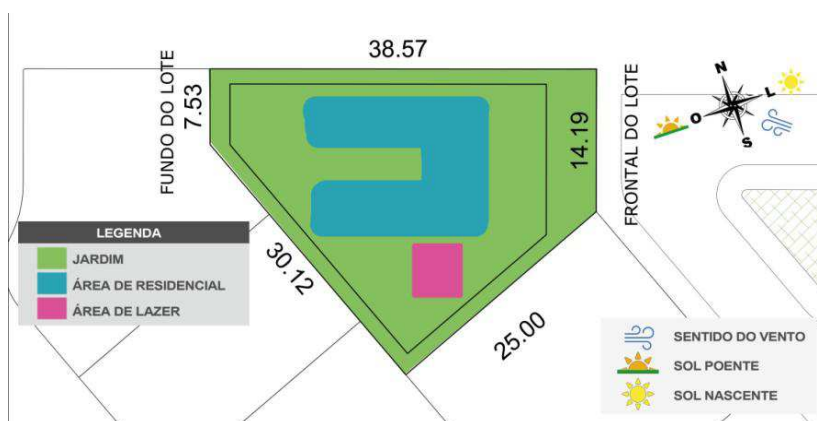
Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Figura 79: Fluxograma segundo pavimento



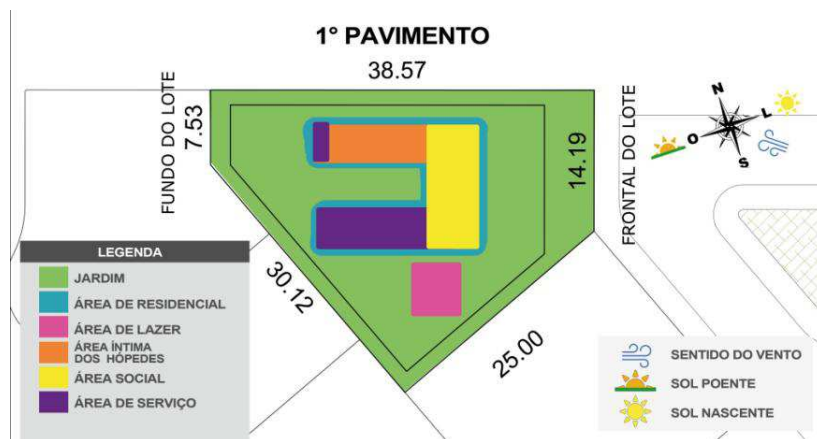
Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Figura 80: Plano de manchas.



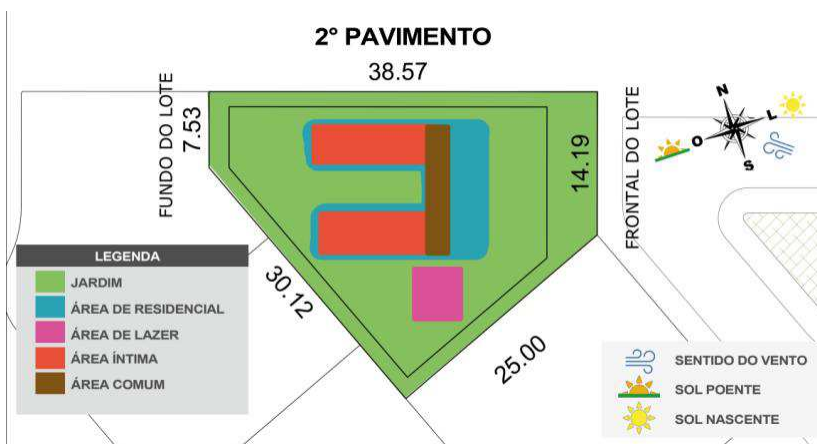
Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Figura 81: Plano de manchas e setorização do primeiro pavimento.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Figura 82: Plano de manchas e setorização do segundo pavimento.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

5.7 Memorial Justificativo

O projeto da Casa Hikaru localiza-se em um lote no condomínio Jardim Capibaribe (Figura 77), localizado na área mais afastada do centro (Figura 76), dentro da cidade de Santa Cruz do Capibaribe, interior de Pernambuco (Figura 71).

Por se tratar de um projeto vindo de uma demanda real, a escolha do terreno foi a partir de um investimento feito nesse lote.

Após uma conversa com as irmãs proprietárias, o projeto foi pensado para que a edificação fosse no formato de um “U”, essa configuração foi projetada para que haja um jardim central no meio dessa letra, assim como esse formato auxilia a ventilação para diversas partes da casa, contudo foi necessário a assimetria da construção para que ambos os lados sejam privilegiados, desse modo um dos lados da casa prolonga-se mais pelo terreno. A casa possui uma proposta de aproveitar ao máximo a iluminação natural, desta forma a presença de grandes janelas de vidro, de claraboias e de portas de vidros são marcantes (Figura 83). Todas as portas que levam para a área externa, são representações modernas de *Shojin*¹³ (Figura 84). Os cômodos são integrados e todo restante do lote fora da casa é ocupado pelo jardim, inspirados no modelo *Roji*¹⁴ e *Tsukiyama*¹⁵ (Figura 83), detalhes de natureza estão presentes no projeto, tanto dentro quanto fora da casa. É possível reparar também no destaque de elementos espaciais japoneses como o uso do *Engawa*¹⁶, *Hisashi*¹⁷ e o *Genkan*¹⁸ (Figura 84) e o uso da madeira nos pisos da paginação interna.

¹³ *Shojin*: Divisória externa da casa japonesa, com portas de correr que normalmente são feitos de papel, madeira (ou bambu), para assim permitir a entrada da luz

¹⁴ *Roji*: Jardim japonês associada a casa de chá.

¹⁵ *Tsukiyama*: Jardim japonês, assemelha-se ao *Roji*, contudo não está associado a casa de chá.

¹⁶ *Engawa*: Patamar elevado que fica na área externa na casa e transita entre o interno e o externo, pode ser considerado tanto um terraço como um corredor.

¹⁷ *Hisashi*: Cobertura do *Engawa*.

¹⁸ *Genkan*: Hall de entrada das casas japonesas.

Figura 83: Planta de cobertura com exemplos de estruturas.

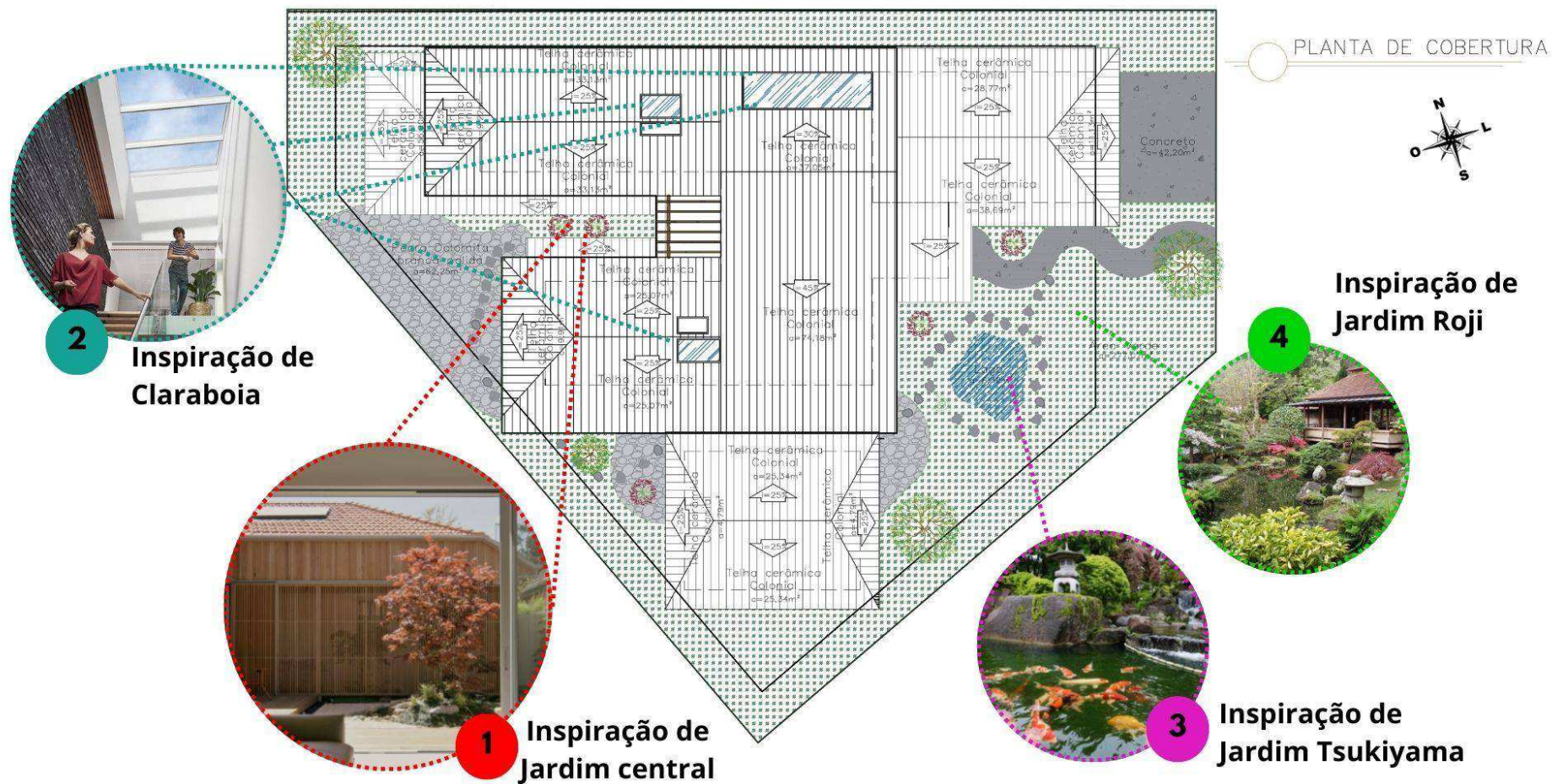
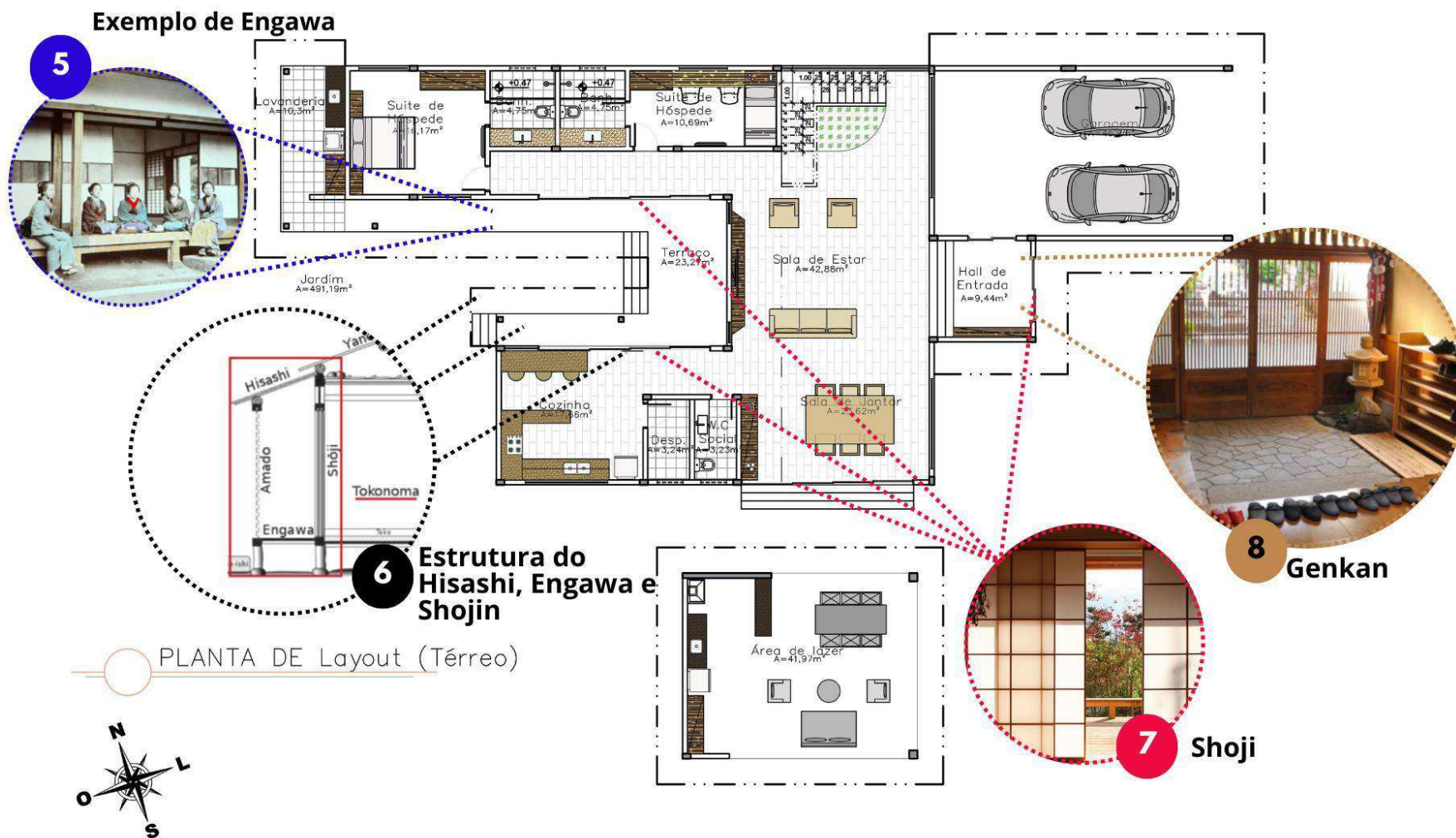


Figura 84: Planta de Layout com exemplos de estruturas.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Logo na entrada do lote é fácil se depara com uma fachada que lembra o minimalismo japonês, mas com traçados mais modernos, o estacionamento é aberto com espaço para dois carros na parte coberta, mas possui capacidade de até 4 carros (Figura 85), por se tratar de um condomínio fechado, não possui necessidade de portão na garagem. Ao lado do acesso dos carros, existe o acesso aos pedestres, nesse caminho tem a trilha principal de concreto que leva até o interior da casa (Figura 85), ou um caminho alternativo localizado à esquerda, feito de pedras de granito que fazem um passeio por todo o jardim (Figura 85), passando pelo lago, pela área de lazer até chegar no jardim central dos fundos.

O jardim foi projetado para ser um ambiente de meditação e tranquilidade. O uso das pedras no jardim é estratégico, para que o visitante faça um passeio mais devagar pelo ambiente, no qual o visitante estará imerso de sensações, como é explicado no Conceito *Ma*, podendo contemplar o lago de carpas, apreciar o jardim e sentir o aroma dele. Em meio ao caminho, será possível encontrar uma escultura de pedra de tartaruga na margem do lago (Figura 86), para o simbolismo desse animal trazer sabedoria e longevidade para o ambiente. O paisagismo do jardim é inspirado no modelo *Tsukiyama* e no modelo *Roji*, os quais trazem uma presença marcante de plantas, água e cascalho no espaço.

Nesse jardim há um espaço reservado para o lazer (Figura 87), esse espaço localiza-se separado da casa e presente no jardim frontal, foi elaborado para ser um ambiente receptível e ventilado. A área de lazer possui churrasqueira, uma bancada, mesa para refeições, poltronas para descanso e uma geladeira para auxiliar na cozinha. O banheiro social da casa, localiza-se próximo a essa área facilitando o acesso caso necessário.

Figura 85: Fachada

Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Figura 86: Tartaruga de pedra na margem do lago.

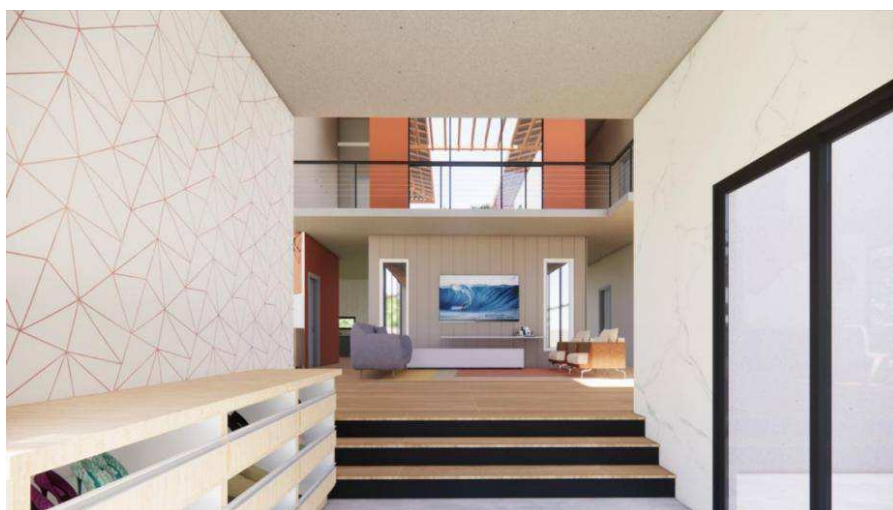
Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Figura 87: Área de lazer



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Figura 88: Hall de entrada (Genkan)



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Figura 89: Sala de estar

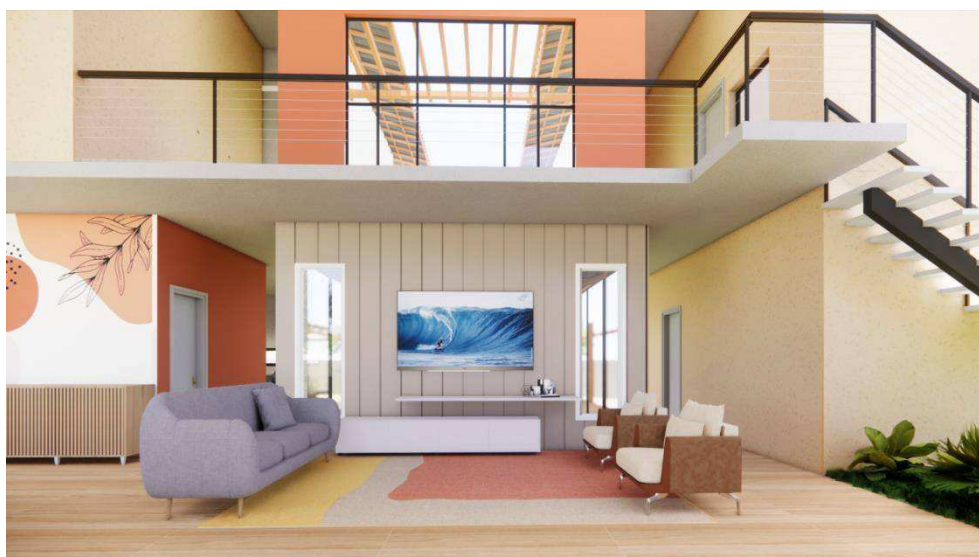


Fonte: Elaborado pela autora, 2024

A entrada casa foi inspirada nos *Genkas* (Figura 88) japoneses, que consiste em um *hall* de entrada no térreo, no qual permite o ritual de retirada dos calçados e assim dar acesso à casa. Esse *hall* possui uma diferença de altura de 50cm com as demais partes da casa, desse modo ao adentrar na casa, é necessário subir três degraus para se chegar na sala.

A sala de estar por sua vez, possui um pé direito duplo de 6 metros, com seteiras em sua parede principal (Figura 89 e 90), que permite a entrada de luz e a visualização do jardim.

Figura 90: Sala de estar



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

A sala de estar é integrada com a sala de jantar, na qual possui uma capacidade para 6 pessoas (Figura 91), próximo a mesa há uma enorme janela que permite a ventilação e a iluminação do espaço, um pouco mais a frente, tem uma porta de correr de vidro, que permite a passagem de iluminação e conecta o jardim e a área externa a casa.

Logo ao lado da sala de jantar, existe um corredor que dá acesso ao banheiro social (Figura 92), que se localiza em um ambiente estratégico para atender a demanda da sala de estar, da sala de jantar e das áreas externas. Todas as portas da casa, em uma homenagem ao uso de estratégico do ouro como um Led, as maçanetas da casa são douradas, para representar uma releitura desse aspecto estético.

Figura 91: Sala de jantar

Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Figura 92: Corredor

Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Seguindo esse *hall* do banheiro encontra-se a cozinha (Figura 93), que possui bastante iluminação natural e é bem ventilada, na cozinha adotada uma

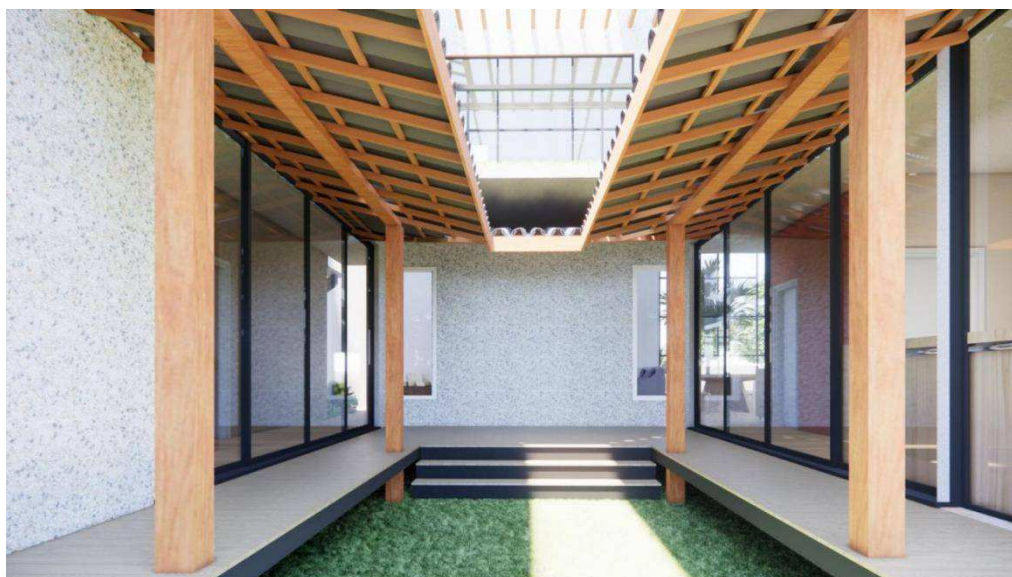
bancada, a possibilidade para o morador ou o visitante, sentar-se próximo a janela, apreciando a vista do jardim e podendo conversar com o cozinheiro. A cozinha possui uma dispensa a disposição para guardar alimentos e dispõe de armários superiores e inferiores, desse modo foi aplicado o uso de janelas entre os mobiliários, para que a luz e o vento entrem, mas o espaço útil não seja perdido.

Figura 93: Cozinha



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Figura 94: Terraço, composto pelo *Hisashi* e pelo *Engawa*.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Saindo da cozinha pela porta de vidro de correr do jardim dos fundos, depara-se o Engawa e o Hisashi (Figura 94), o primeiro é um terraço externo, esse espaço mistura uma sensação entre interior e exterior da casa transformando esse ambiente em um “*gap*”, ou seja, um ambiente de transição entre o interior da casa e o exterior no jardim (conceito espacial do termo *Ma*), tudo isso é reforçado pelo *Hisashi*, que fornece a sensação como se fosse a continuação da cozinha. Além do mais essa estrutura é uma das responsáveis pelo conforto térmico dentro da casa, pois essa cobertura impede a incidência direta de raios solares dentro da residência.

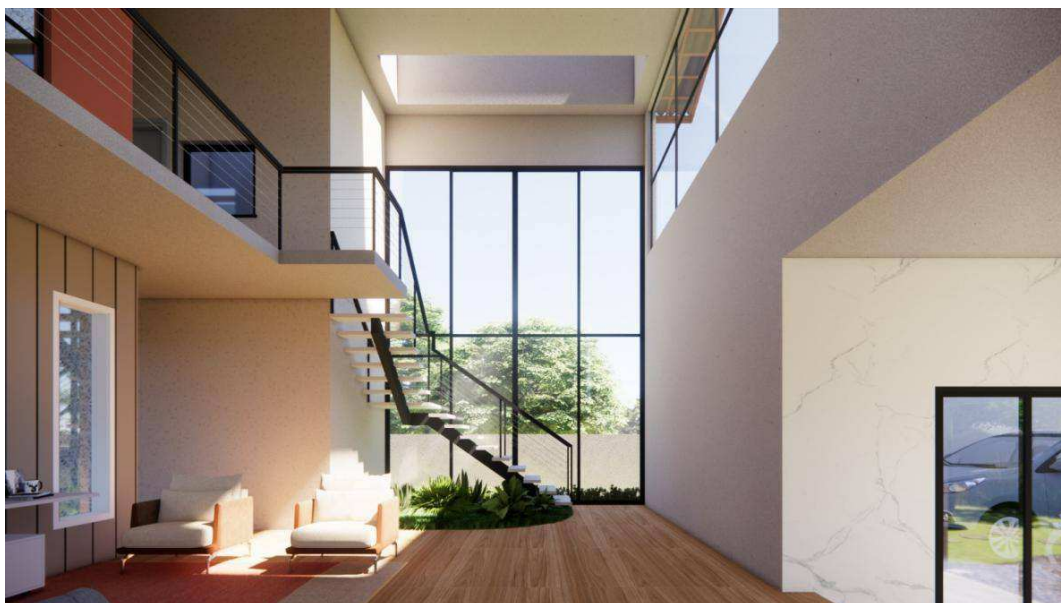
Figura 95: Fachada dos fundos demonstrando o *Hisashi* e o *Engawa*.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Na Figura 95, é possível perceber a estrutura do *Hisashi* e *Engawa* de uma outra expectativa e ver a lavanderia, que se encontra nos fundos da casa e separado com uma parede de cobogó para permitir a ventilação do espaço.

Atravessando esse terraço, é possível chegar à área de visita, no qual ambos os quartos são suítes com a capacidade para 2 pessoas cada, o primeiro com uma cama de casal, e o segundo com um beliche. Logo a direita encontra-se a escada com um jardim de inverno. A escada é iluminada a partir de uma claraboia (Figura 96) e uma janela em toda a dimensão de sua parede que vai do piso acabado até o forro.

Figura 96: Escada

Fonte: Elaborado pela autora, 2024

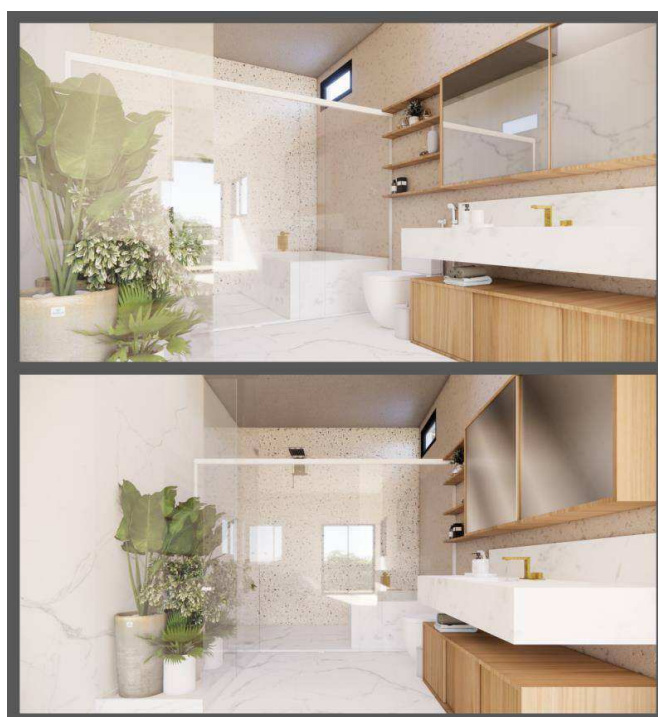
O primeiro andar é reservado para a área íntima, no qual encontra-se as duas suítes principais, como o intuito do projeto é fornecer a maior privacidade possível para cada uma das irmãs, cada suíte localizou-se em um lado da casa. Os quartos são completos, um com varanda e o outro com uma sacada (Figura 97).

Figura 97: Vista da casa

Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Figura 98: Suíte 02

Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Figura 99: Banheiro

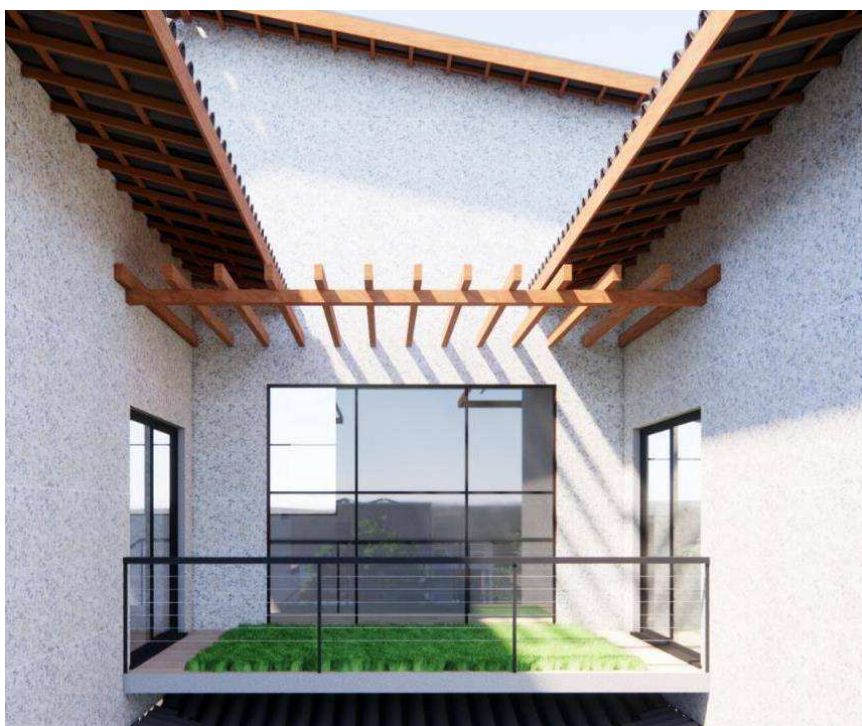
Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Os banheiros possuem uma iluminação natural através de uma claraboia e um jardim de inverno, no qual permite a apreciação da natureza em um momento de relaxamento no banho, além da presença de uma banheira para banhos quentes como se fossem *ofurô* (Figura 99). A suíte principal 01 possui uma janela no teto, que permite a melhor captação de ventos e uma cortina para fechar durante a noite. Logo

ao lado dessa suíte, há um escritório para duas pessoas e a sua frente há uma varanda com gramado (Figura 100).

A varanda (Figura 100) com o gramado é uma proposta de trazer um ambiente em contato com a natureza, porém localizada no segundo andar, esse espaço possibilita atividade ao ar livre, ou até estender uma rede para descanso, essa varanda permite a contemplação do jardim de um ponto de vista superior, trazendo novas sensações e propostas para o dia a dia. O gramado será plantado sob a areia, pois esse material permite a fixação do gramado, e por se estéril evita o surgimento de ervas daninhas.

Figura 100: Varanda com gramado



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

O intuito do projeto no primeiro andar, é aproximar ao máximo a natureza do cotidiano, pois normalmente quanto mais alto a edificação, menor é o contato com a natureza, contudo no caso da casa Hikaru, a casa convida o indivíduo a entrar em contato com a natureza, nos mínimos detalhes.

A Casa Hikaru é um projeto que propõe conforto as moradoras, aproximando elementos da natureza e elementos e da arquitetura japonesa para o cotidiano dessa família, com o intuito de fornecer o bem estar com ambiente que fornece relaxamento e calma.

6 CONCLUSÃO

Em suma, este estudo possibilitou uma profunda compreensão da arquitetura japonesa, destacando as diferenças marcantes em relação ao design ocidental, especialmente no que tange à organização do espaço.

Diante disso, tornou-se imprescindível investigar a conjuntura histórica do Japão, bem como analisar a configuração espacial típica das residências japonesas. Desse modo, foi viável desenvolver o design arquitetônico da casa Hikaru, este projeto soube dialogar com as tradições arquitetônicas nipônicas, adaptando-as à vida diária de uma família brasileira que vive em Santa Cruz do Capibaribe.

O conceito por trás da casa Hikaru visa uma fusão com o ambiente natural, priorizando o uso intensivo da luminosidade solar, da ventilação e a incorporação de elementos paisagísticos naturais, não apenas nos espaços externos, como no jardim, mas também no interior da construção, com ênfase no segundo piso, ambientes pensados para possibilitar a contemplação. Buscando oferecer qualidade de vida e o máximo de conforto em meio a uma rotina intensa, o projeto aplica princípios espaciais japoneses para criar uma atmosfera propícia à reflexão e à meditação, principalmente no percurso entre os ambientes, promovendo assim um equilíbrio harmonioso diário mais profundo.

REFERÊNCIAS

- ABDEL, Hana. Casa Pátio / Ha Architecture. **ArchDaily Brasil**, 20 ago. 2022. Disponível em: www.archdaily.com.br/br/987434/casa-patio-ha-architecture. Acesso em: 22 fev. 2024.
- AKIYAMA, Heloisa Ikeda. **Jidai no nagare, o fluxo das eras**: encaixes japoneses em madeira. Tese (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 59. 2018.
- BARBOSA, Maria Renata da Silva. **A casa tradicional japonesa**: As modificações ocorridas no século XX no Brasil. Tese (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade Damas da Instrução Cristã. Recife, p. 130. 2019.
- BRAINER, Luiza Saraiva. **Arquitetura do entre-espaço**: Centro de difusão da cultura japonesa. Tese (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Universitário La Salle do Rio de Janeiro Unilasalle – RJ. Niterói, p. 217. 2022.
- BROWN, S. Azby. **The Genius of Japanese Joinery: An Account of a Temple's Construction**. Tokyo And New York: Kodansha International. p. 156. 1989.
- CARVALHO, Tiago Mesquita. O jardim japonês na estética da natureza contemporânea. **Philosophica: International Journal for the History of Philosophy**, v. 16, n. 32, p. 77-91, 2008.
- CIDADE Brasil. Santa Cruz Do Capibaribe - Informações Sobre O Município E a Prefeitura. Disponível em: www.cidade-brasil.com.br/municipio-santa-cruz-do-capibaribe.html. c2010. Acesso em: 23 fev. 2024.
- CIDADE, Escola da. Gabriel Kogan: Cultura Contemporânea Japonesa. Youtube, 9 mai. 2019. 1h11min43s. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=ht63V6bHUCg. Acesso em: 22 fev. 2024.
- CIDADE, Escola da. Heloisa Ikeda: Jidai no nagare, o fluxo das eras: encaixes japoneses em madeira. Youtube, 9 mai. 2019. 13min30s. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=tfHoKZD9gDk. Acesso em: 22 fev. 2024.
- CLIMATE Data. Dados climáticos para cidades mundiais. Santa Cruz Do Capibaribe. Disponível em: pt.climate-data.org/search/?q=santa+cruz+do+Capibaribe. c2013. Acesso em: 22 fev. 2024.
- COMELLI, Larissa Abreu. **Arquitetura japonesa**: Inventário do uso dos encaixes de madeira. Tese (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. São Paulo, p. 220. 2018.
- COUTINHO, Walkyria Tsutsumi Ferreira. **O conceito Ma**: o conceito Ma na conformação de espaços em Tadao Ando. Tese (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p. 233. 2015.

ENGEL, Heino. **Measure and construction of the Japanese house**. Tóquio: Charles E. Tuttle Company, p. 149. 1987.

GUITARRARA, Paloma. **Japão**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/japao>. Acesso em: 07 fev. 2024.

ITOH, Teiji. **A Arquitetura Do Japão**. São Paulo: Fundação Japão, 1983.

JAANUS. Dictionary of Japanese Architectural and Art Historical Terminology. Disponível em: www.aisf.or.jp/~jaanus/. Acesso em 27 dez. 2023.

JAPAN, NHK WORLD. Tanizaki Junichiro on Japanese Aesthetics [4K UHD] - In Praise of Shadows. Youtube, 17 mai. 2022. 59min06s. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=C42INHwTfDM. Acesso em: 22 fev. 2024.

KARPOUZAS, Helena. **A casa moderna ocidental e o Japão**: a influência da arquitetura tradicional japonesa na arquitetura das casas modernas ocidentais. 2003.

KOJIRO, Yuichiro. **Ma, nihon kenchiku no ishô** (Ma, o desenho da arquitetura japonesa). 2. ed. Tokyo: Kajima Shuppansha, 2001. (1. ed. 1999).

LAKES. Flock Finger. Quintessential JAPANESE GARDEN & ARCHITECTURE Tour: Shofuso — Ep. 088. Youtube, 19 abr. 2022. 43min41s. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=TJriJlkTPbg. Acesso em: 22 fev. 2024.

LUFE, Life by. DECORAÇÃO E PAZ INTERIOR - ELEMENTOS DA NATUREZA NO CONCEITO DA CASA EM ESTILO JAPONÊS. Youtube, 27 mar. 2017. 6min30s. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=UAqS08YFOHE. Acesso em: 22 fev. 2024.

MAIA, Rodrigo da Silva de Faria. **O Habitar Japonês**: Flexibilidade e Adaptabilidade na Habitação Tradicional Japonesa. Tese (Mestrado em Arquitetura) – Universidade de Lisboa. Portugal. p. 24. 2016.

MESQUITA, Larissa. Aspectos geográficos do Japão - Brasil Escola. Youtube, 5 mar. 2020. 5min37s. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=Hwcf0AkiDpk. Acesso em: 26 jan. 2024.

MESQUITA, Larissa. Demografia do Japão - Brasil Escola. Youtube, 3 abr. 2020. 6min07s. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=tPSj7evxL4w. Acesso em: 26 jan. 2024.

MESQUITA, Larissa. Japão - Brasil Escola. Youtube, 2 maio. 2020. 7min29s. Disponível em: [/www.youtube.com/watch?v=QHjbpzZ6YJY&t=0s](https://www.youtube.com/watch?v=QHjbpzZ6YJY&t=0s). Acesso em: 26 jan. 2024.

NITSCHKE, Gunther. **Ma – The Japanese Sense of Place, Revista Arquitetura AD – Architectural Desing, Londres**, vol. 36, 1966, pp. 116-156.

NOSTALGIA, Canal. A HISTÓRIA DO JAPÃO - Nostalgia História. Youtube, 29 jul. 2022. 1h48min22s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rmkhVu7HA6c&t=5830s>. Acesso em: 22 fev. 2024.

NUMAZAWA, Camila Thiemy Dias. **Arquitetura japonesa no Pará**: estudo de caso em edificações de técnica construtiva que favoreceu uma maior durabilidade da arquitetura em madeira no município de Tomé-Açu. Tese (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 117. 2009.

OKANO, Michiko. **Ma**: entre-espço da arte e comunicação no Japão. Um estudo acerca dos diálogos entre Oriente e Ocidente. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC – SP. São Paulo, p. 195. 2007.

PASTANA, Rafaella Denise Lobo. A SOMBRA NAS OBRAS LITERÁRIAS DE JUN'ICHIRO TANIZAKI. **HON NO MUSHI-ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES JAPONESSES-ISSN 2526-3846**, v. 4, n. 7, p. 239-258, 2019.

PROJECT, The Local. Uma casa de inspiração japonesa centrada em um pátio tradicional japonês (passeio pela casa). Youtube, 20 nov. 2021. 8min50s. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=jeordAnK2Pw&t=344s. Acesso em 22 fev. 2024.

REBELLATO, Livia. **Arquitetura japonesa entre tradição e contemporaneidade**: o escritório Sanaa (1987-2015). Tese (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, p. 165. 2021.

SARARA, Yurara. [4K] 100 KYOTO GARDENS 京都の日本庭園 100. Youtube, 10 jul. 2021. 46min14s. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=c3uJUrvl2zc. Acesso em: 22 fev. 2024.

SOLANO, Carlos. Feng Shui-Kan Yu: Arquitetura ambiental chinesa. **São Paulo: Pensamento**, 2000.

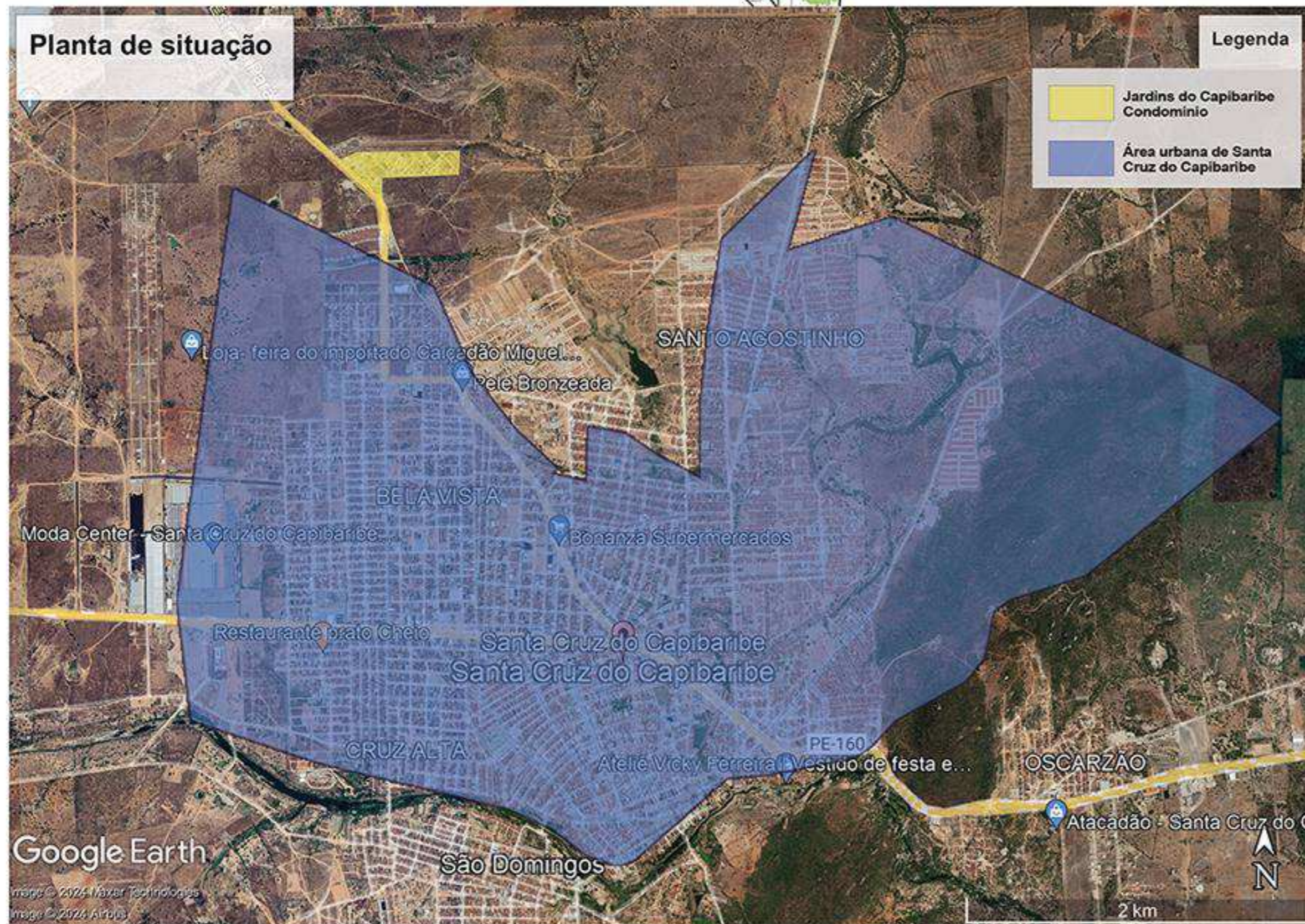
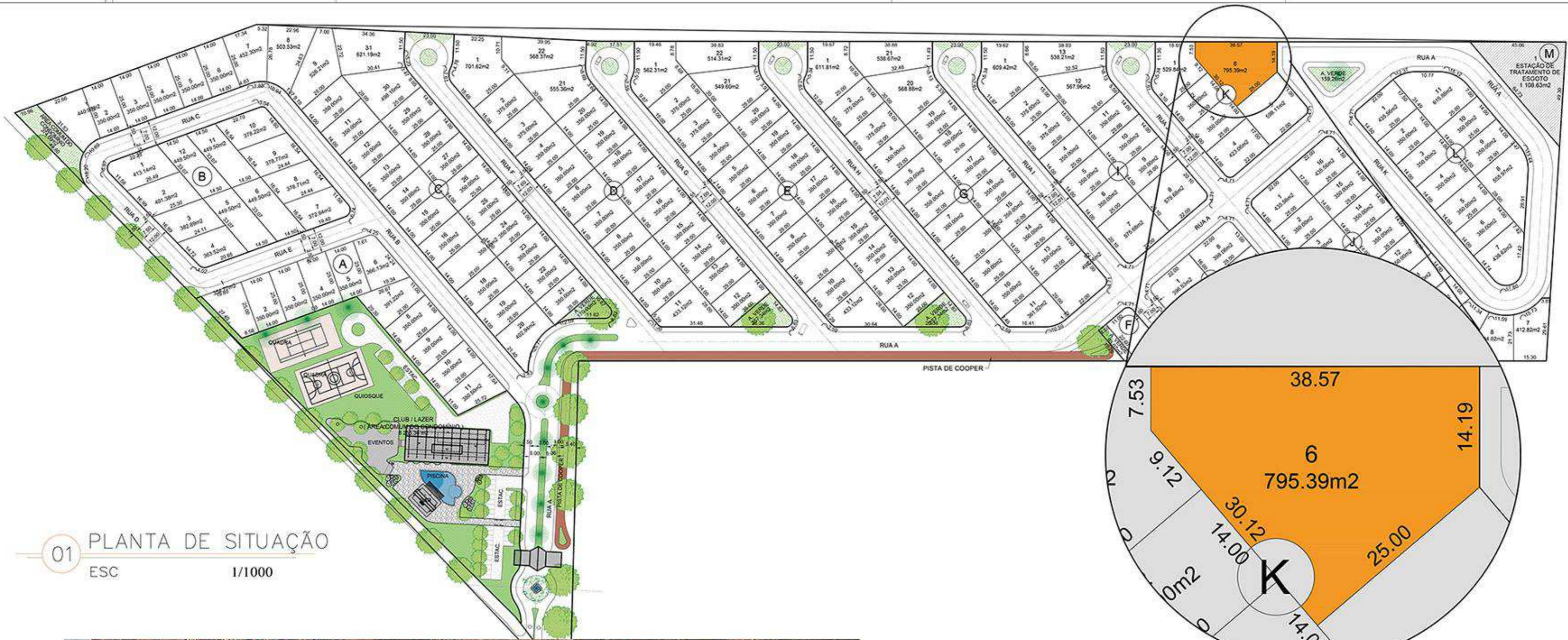
TAMBURELLO, Adolfo. Japon. In: Nervi, Pier Luigi. **Historia Universal de La Arquitectura Oriental**. Milano: Electa Editrice. p. 381. 1973

TAMBURELLO, Adolfo. Japon. In: Bussagli, Mario. **Arquitectura Oriental**. Madrid: Aguilar S. A. De Ediciones. 1974.

TAWATA, Cinthya Yukari. Arquitetura japonesa e seus reflexos no Brasil. **ArchDaily Brasil**, 18 jun. 2021. Disponível em: www.archdaily.com.br/br/958427/arquitetura-japonesa-e-seus-reflexos-no-brasil. Acesso em: 22 fev. 2024.

TOPOGRAPHIC Map. Mapas topográficos. Mapa Topográfico Santa Cruz Do Capibaribe, Altitude, Relevo. Disponível em: pt-br.topographic-map.com/map-tc4m2/Santa-Cruz-do-Capibaribe/?center=-8.37796%2C-37.12624&zoom=9. c2014. Acesso em: 22 fev. 2024.

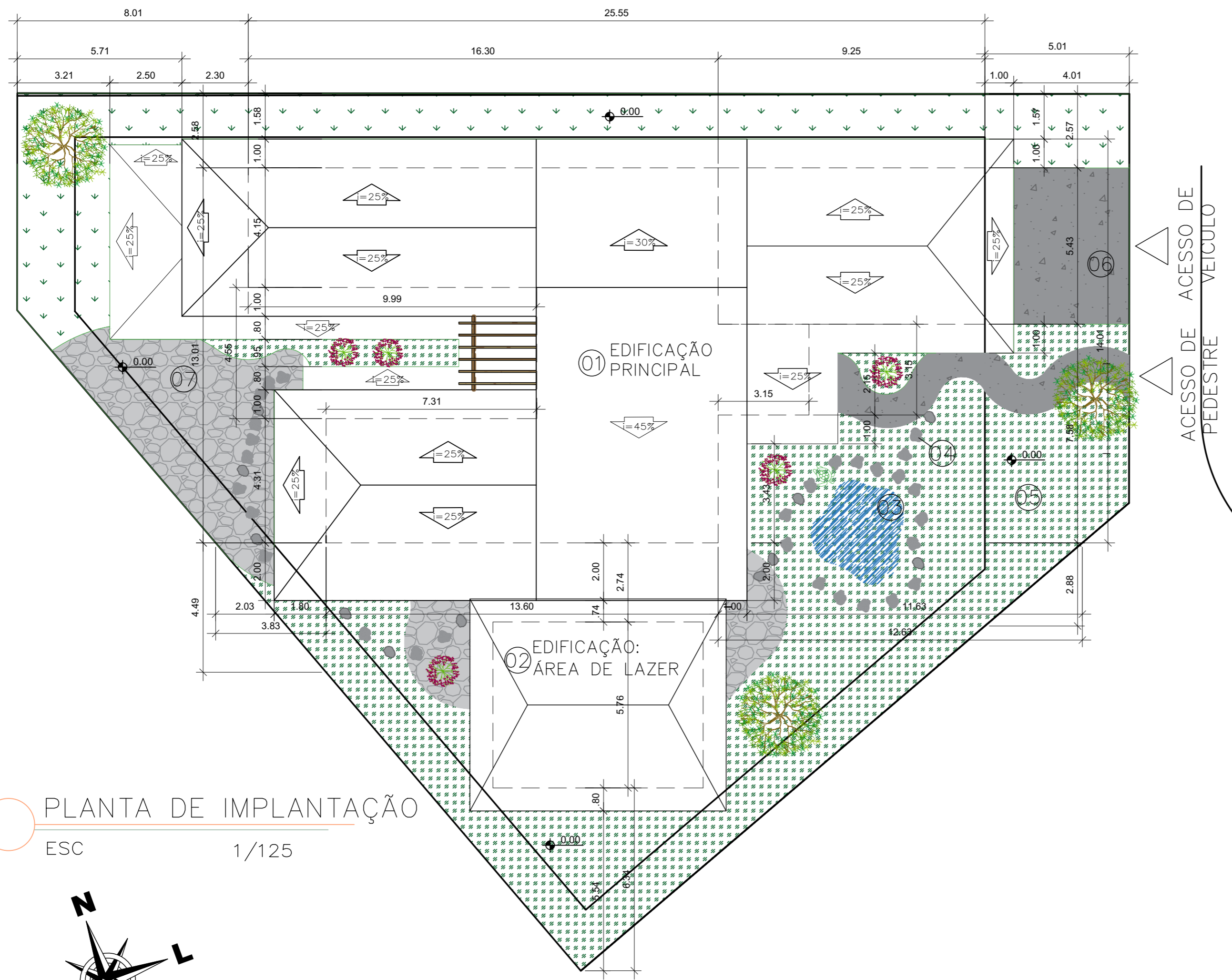
UENISHI, Jacqueline Yume. **O habitar no Japão**: a experiência em espaços reduzidos. Tese (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 149. 2021.



03 PLANTA DE SITUAÇÃO

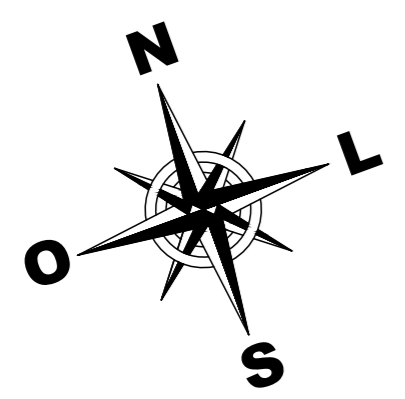


NOTA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	Universidade: UNIVERSIDADE ESTUDAL DO MARANHÃO	TIPO: Casa Hikaru	FRANCA: 01/15
	Centro de ciência tecnológicas curso de arquitetura e urbanismo	DISCIPLINA: Planta de Situação	
	Aluna: Wang Fe Lian	PROFESSOR: A1 (040mmx594mm)	DATA: MARÇO/2024
	Orientadora: Lucia Moreira do Nascimento	Coorientadora: Sanađa de Medeiros Souza	

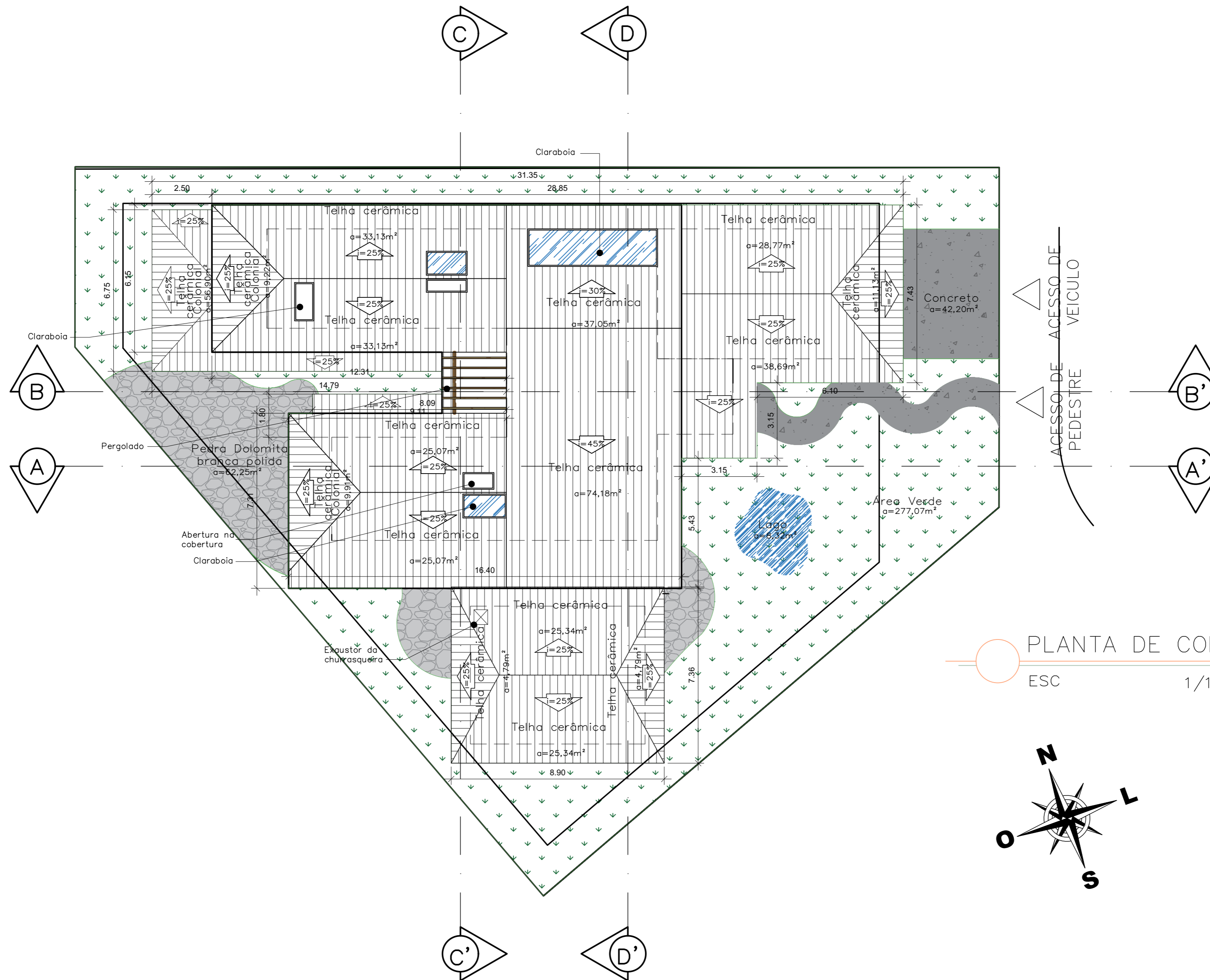


LEGENDA	
01	Edificação principal
02	Edificação: área de lazer
03	Lago
04	Granito
05	Grama
06	Concreto
07	Dolomita polida branca

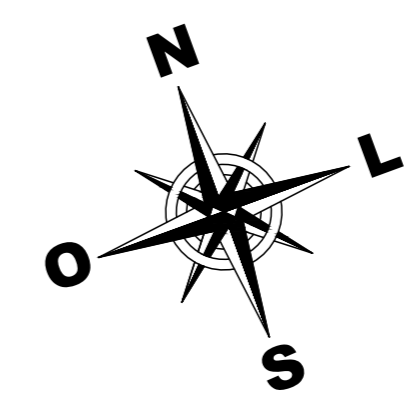
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO
ESC 1/125



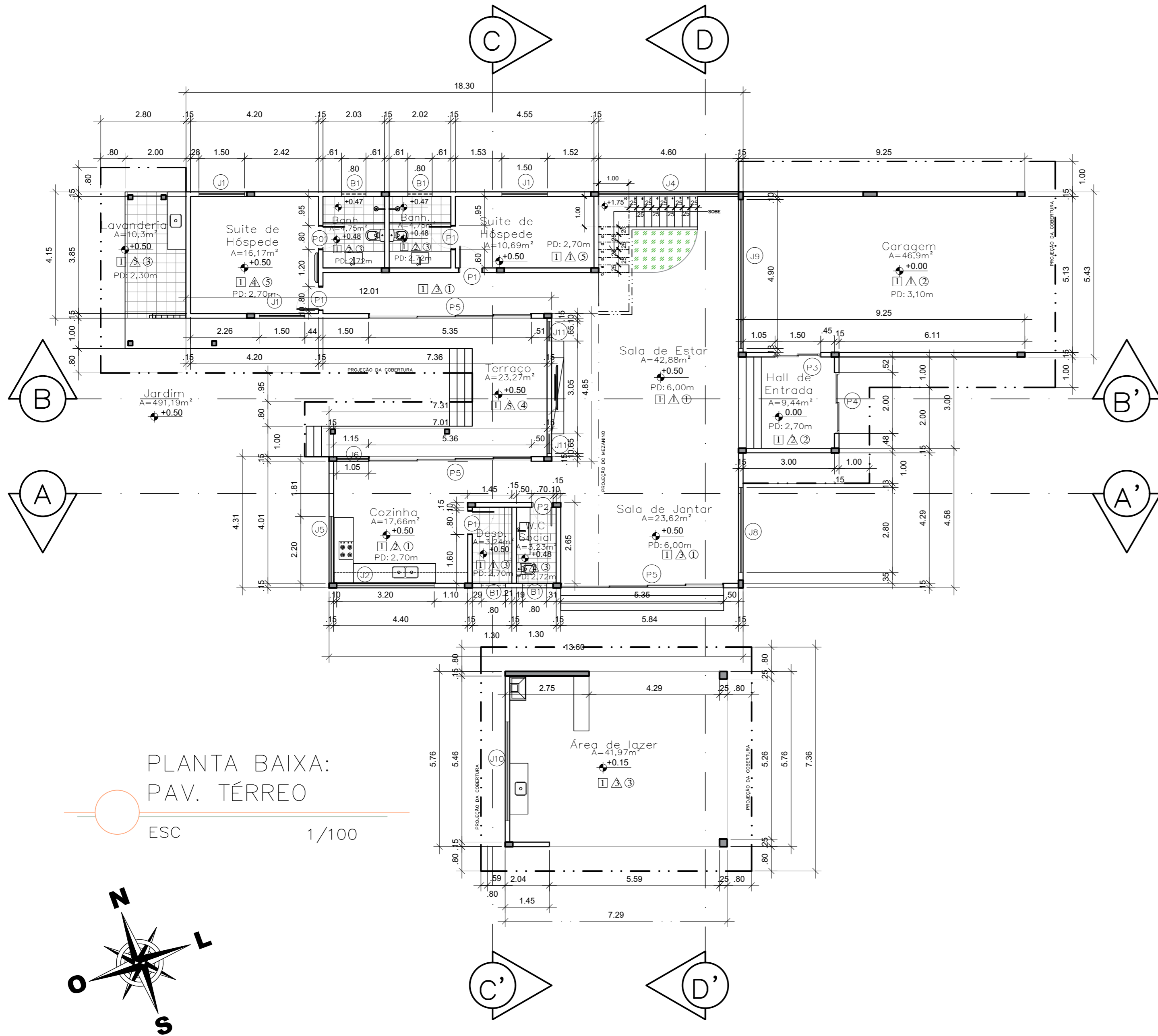
NOTAS: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-TCC		Universidade: Universidade Estadual do Maranhão		TÍTULO: CASA HIKARU	
		CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO/ARQUITETURA E URBANISMO		DISCRIMINAÇÃO: PLANTA DE IMPLANTAÇÃO	
ALUNA: WANG FE LIAN		ORIENTADORA: Lúcia Moreira do Nascimento		ESCALA DE PLOT.: 1/125	PROJETO: CASA HIKARU: Estudo Preliminar de Unidade Familiar inspirada na Arquitetura Tradicional Japonesa no município de Santa Cruz do Capibaribe-PE.
		CO-ORIENTADORA: Sanadja de Medeiros Souza		FORMATO: A2 (420mmX594mm)	DATA: MARÇO/2024
					FRANCHA: 02/15



PLANTA DE COBERTURA
ESC 1/125

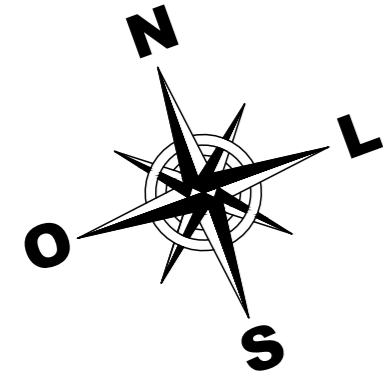


NOTAS: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-TCC	Universidade: Universidade Estadual do Maranhão	TÍTULO: CASA HIKARU		
	CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO/ARQUITETURA E URBANISMO	DISCRIMINAÇÃO: PLANTA DE COBERTURA		
	ALUNA: WANG FE LIAN	ESCALA DE PLOT.: 1/125	PROJETO: CASA HIKARU: Estudo Preliminar de Unidade Familiar inspirada na Arquitetura Tradicional Japonesa no município de Santa Cruz do Capibaribe-PE.	DATA: MARÇO/2024
	ORIENTADORA: Lúcia Moreira do Nascimento	CO-ORIENTADORA: Sanadja de Medeiros Souza	FORMATO: A2 (420mmX594mm)	FRANCHA: 03/15



PLANTA BAIXA:
PAV. TÉRREO

ESC 1/100



Legenda de esquadrias				
PORTAS				
NUM.	DIMENSÕES	PEITORIL	DESCRIÇÃO	QNT.
P1	0.80X2.10	0.00	Porta de giro em madeira	
P2	0.70X2.10	0.00	Porta de giro em madeira	
P3	1.50X2.10	0.00	Porta de correr de vidro com uma folha fixa e uma folha móvel	
P4	2.00X2.10	0.00	Porta de correr de vidro com uma folha fixa e uma folha móvel	
P5	5.35X2.70	0.00	Porta de correr de vidro com 4 folhas, sendo 3 móveis	

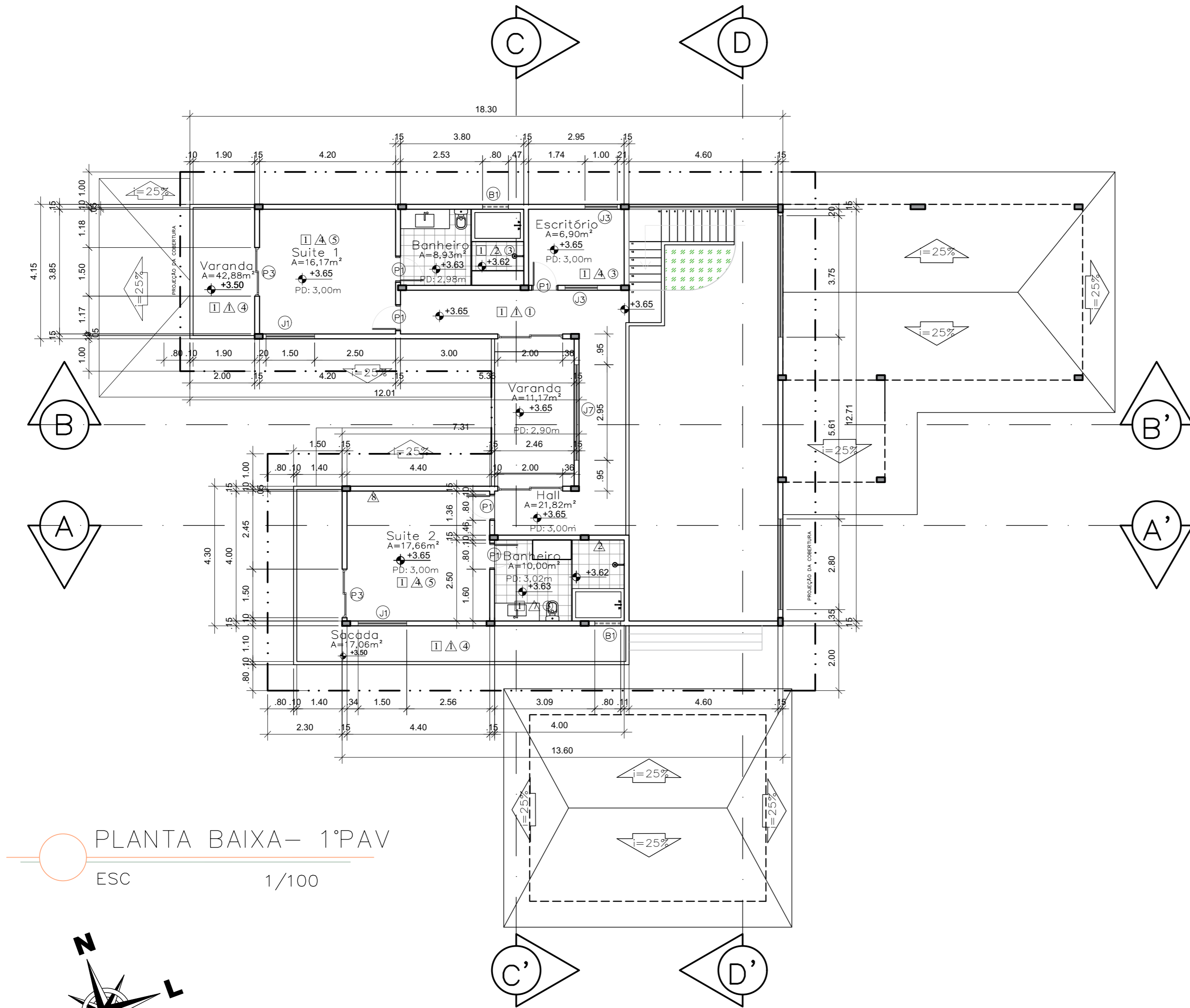
JANELA				
NUM.	DIMENSÕES	PEITORIL	DESCRIÇÃO	QNT.
J1	1.50X1.00	0.90	Janela de correr de vidro com duas folhas	
J2	3.20X0.50	1.05	Janela Basculante	
J3	1.00X1.00	0.90	Janela de correr de vidro com duas folhas	
J4	4.60X5.95	0.00	Janela de vidro, com folhas de giro	
J5	2.20X0.50	1.05	Janela Basculante	
J6	1.05X2.70	0.00	Janela de vidro, com folha fixa	
J7	2.95X2.60	0.00	Janela de vidro, com três folhas fixas	
J8	1.81X5.74	0.30	Janela de vidro, com folhas de giro	
J9	4.90X2.50	4.90	Janela de vidro fixos	
J10	3.25X1.00	1.10	Janela de vidro de correr com 3 folhas móveis	
J11	0.65X2,05	0.42	Seteira de vidro de giro	

BASCULANTE				
NUM.	DIMENSÕES	PEITORIL	DESCRIÇÃO	QNT.
B1	0.80X0.50	2.40	Baculante de vidro	

Legenda de materiais de acabamento	
NUM.	DESCRIÇÃO
○ Piso	
1	Piso laminado amadeirado no tom CARVALHO HANOVER a definir
2	Piso de cimento queimado
3	Piso Incenor branco 35cmx35cm a definir
4	Revestimento Porcelanato Laminado Madeira Escura a definir
5	Piso Laminado claro a definir – 46cmx46cm
△ Parede	
1	Tinta branca acrílica fosca, a definir
2	Porcelanato brilhante branco, a definir
3	Revestimento de pedras naturais trituradas arenito a definir
4	Papel de parede Basic a definir
5	Revestimento com pedras a definir
6	Revestimento com pedras trituradas brancas cristaline a definir
7	Porcelanato retificado confeti – 45cmx45cm a definir
8	Papel de parede azul a definir
□ Teto	
1	Forno em gesso com pintura latex branco gelo

Quadro de áreas	
Área do Lote:	795,39m²
PAVIMENTO TÉRREO:	262,22m²
1º PAVIMENTO:	113,75m²
Área de lazer:	41,97m²
Quantidade de pavimentos:	2

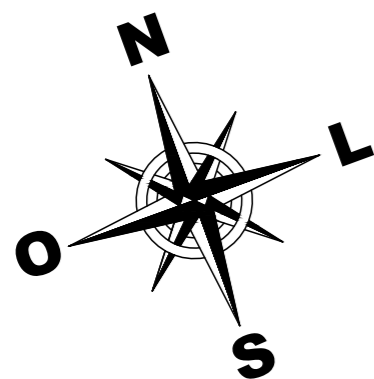
NOTAS: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-TCC	Universidade: Universidade Estadual do Maranhão	TÍTULO: CASA HIKARU		
	CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO/ARQUITETURA E URBANISMO	DISCRIMINAÇÃO: PLANTA BAIXA- PAVIMENTO TÉRREO		
	ALUNA: WANG FE LIAN	ESCALA DE PLOT.: 1/100	PROJETO: CASA HIKARU: Estudo Preliminar de Unidade Familiar inspirada na Arquitetura Tradicional Japonesa no município de Santa Cruz do Capibaribe-PE.	DATA: MARÇO/2024
	ORIENTADORA: Lúcia Moreira do Nascimento	CO-ORIENTADORA: Sanadja de Medeiros Souza	FORMATO: A2 (420mmX594mm)	FRANCHA: 04/15



PLANTA BAIXA- 1ºPAV

ESC

1/100



Legenda de esquadrias				
PORTAS				
NUM.	DIMENSÕES	PEITORIL	DESCRIÇÃO	QNT.
P1	0.80X2.10	0.00	Porta de giro em madeira	
P2	0.70X2.10	0.00	Porta de giro em madeira	
P3	1.50X2.10	0.00	Porta de correr de vidro com uma folha fixa e uma folha móvel	
P4	2.00X2.10	0.00	Porta de correr de vidro com uma folha fixa e uma folha móvel	
P5	5.35X2.70	0.00	Porta de correr de vidro com 4 folhas, sendo 3 móveis	

JANELA				
NUM.	DIMENSÕES	PEITORIL	DESCRIÇÃO	QNT.
J1	1.50X1.00	0.90	Janela de correr de vidro com duas folhas	
J2	3.20X0.50	1.05	Janela Basculante	
J3	1.00X1.00	0.90	Janela de correr de vidro com duas folhas	
J4	4.60X5.95	0.00	Janela de vidro, com folhas de giro	
J5	2.20X0.50	1.05	Janela Basculante	
J6	1.05X2.70	0.00	Janela de vidro, com folha fixa	
J7	2.95X2.60	0.00	Janela de vidro, com três folhas fixas	
J8	1.81X5.74	0.30	Janela de vidro, com folhas de giro	
J9	4.90X2.50	4.90	Janela de vidro fixos	
J10	3.25X1.00	1.10	Janela de vidro de correr com 3 folhas móveis	
J11	0.65X2,05	0.42	Seteira de vidro de giro	

BASCULANTE				
NUM.	DIMENSÕES	PEITORIL	DESCRIÇÃO	QNT.
B1	0.80X0.50	2.40	Baculante de vidro	

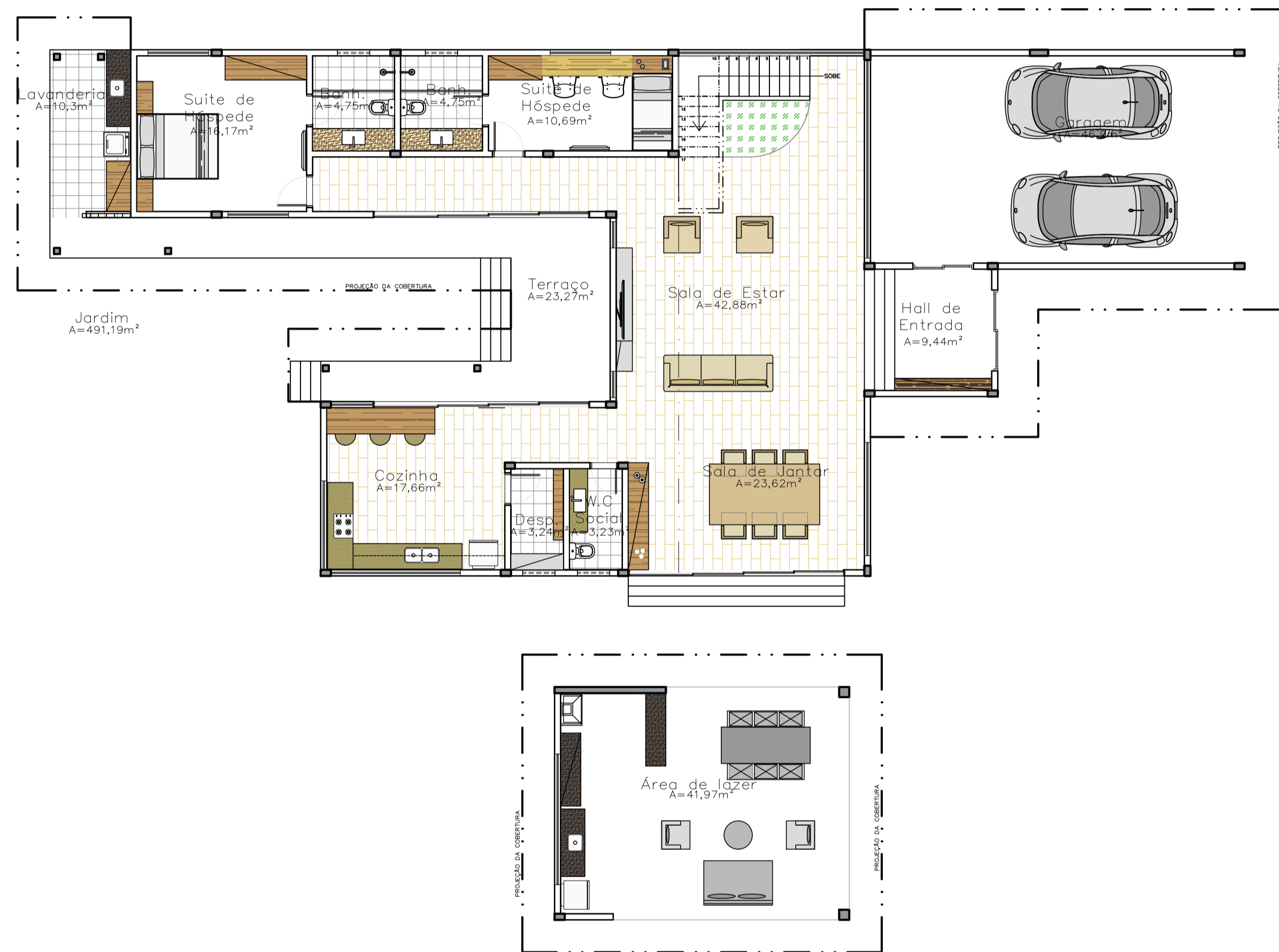
Legenda de materiais de acabamento	
NUM.	DESCRIÇÃO
○ Piso	
1	Piso laminado amadeirado no tom CARVALHO HANOVER a definir
2	Piso de cimento queimado
3	Piso Incenor branco 35cmx35cm a definir
4	Revestimento Porcelanato Laminado Madeira Escura a definir
5	Piso Laminado claro a definir - 46cmx46cm

△ Parede	
NUM.	DESCRIÇÃO
1	Tinta branca acrílica fosca, a definir
2	Porcelanato brilhante branco, a definir
3	Revestimento de pedras naturais trituradas arenito a definir
4	Papel de parede Basic a definir
5	Revestimento com pedras a definir
6	Revestimento com pedras trituradas brancas cristaline a definir
7	Porcelanato retificado confeti - 45cmx45cm a definir
8	Papel de parede azul a definir

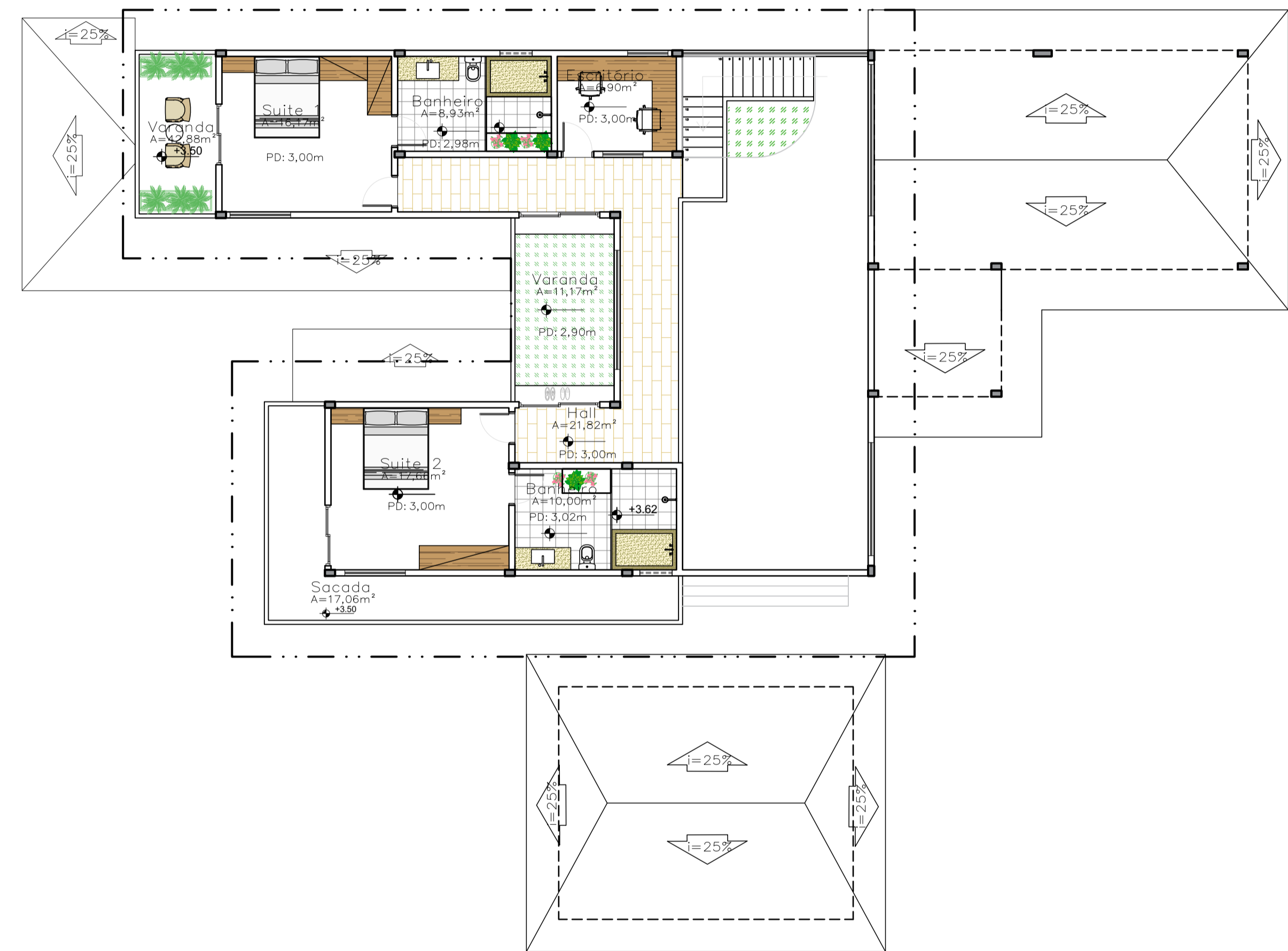
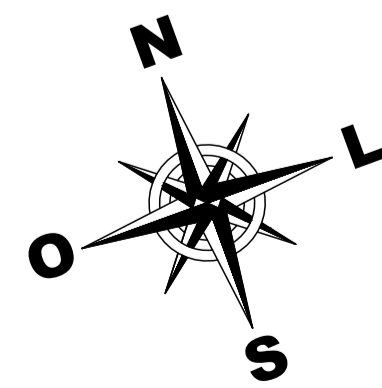
□ Teto	
NUM.	DESCRIÇÃO
1	Forno em gesso com pintura latex branco gelo

Quadro de áreas	
Área do Lote:	795,39m ²
PAVIMENTO TÉRREO:	262,22m ²
1º PAVIMENTO:	113,75m ²
Área de lazer:	41,97m ²
Quantidade de pavimentos:	2

NOTAS: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-TCC		Universidade: Universidade Estadual do Maranhão	TÍTULO: CASA HIKARU	
		CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO/ARQUITETURA E URBANISMO	DISCRIMINAÇÃO: PLANTA BAIXA- 1ºPAVIMENTO	
ALUNA: WANG FE LIAN		ESCALA DE PLOT.: 1/100	PROJETO: CASA HIKARU: Estudo Preliminar de Unidade Familiar inspirada na Arquitetura Tradicional Japonesa no município de Santa Cruz do Capibaribe-PE.	DATA: MARÇO/2024
ORIENTADORA: Lúcia Moreira do Nascimento	CO-ORIENTADORA: Sanadja de Medeiros Souza	FORMATO: A2 (420mmX594mm)	FRANCHA: 05/15	

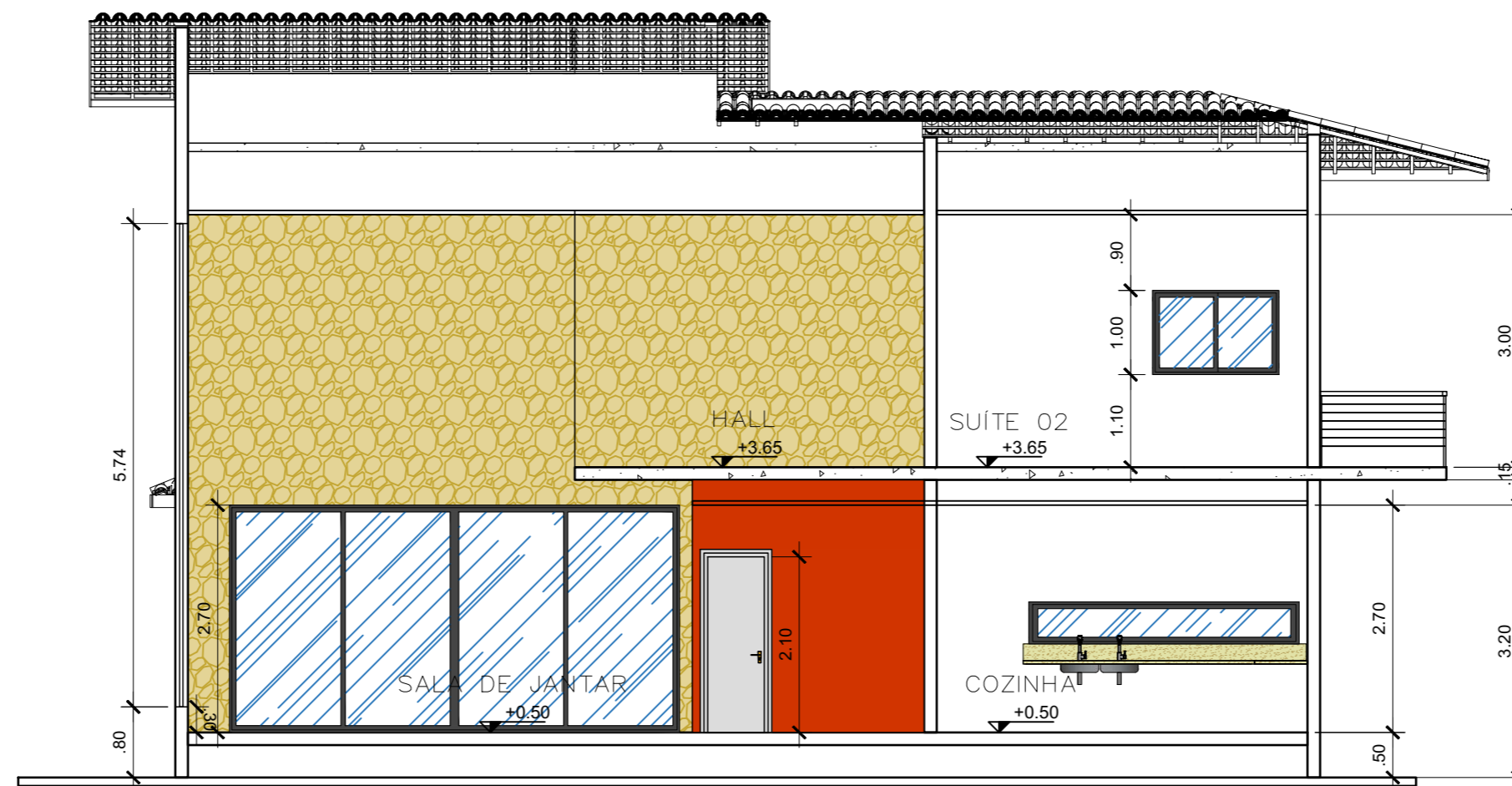


PLANTA TÉRREO
ESC 1/100



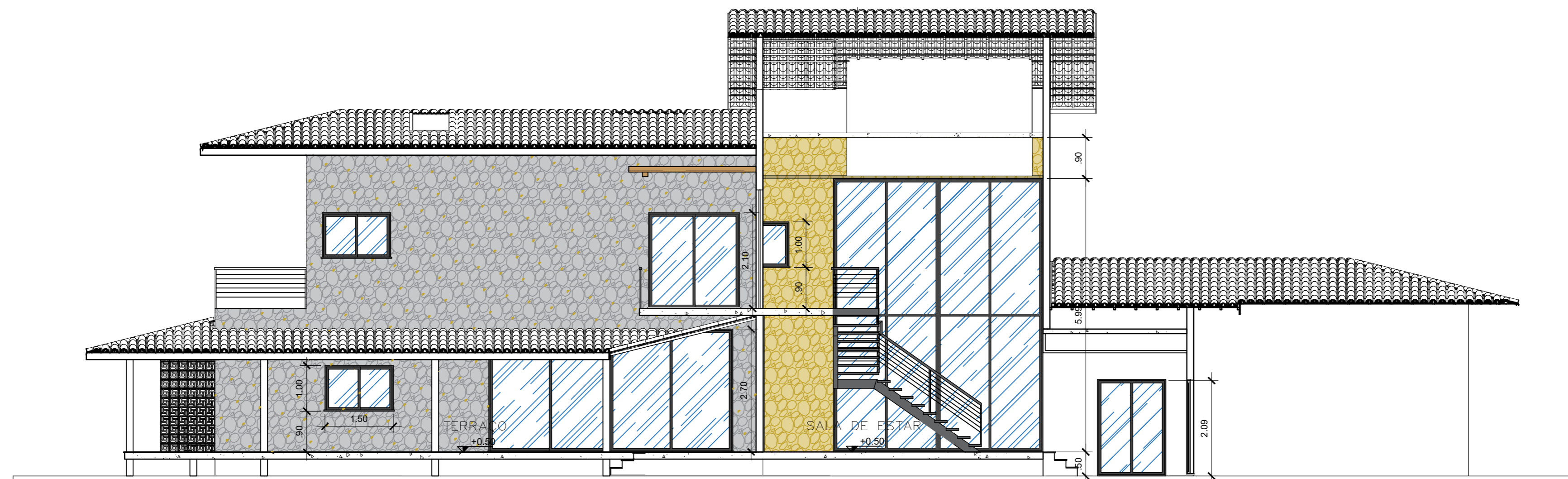
PLANTA DO 1º PAVIMENTO
ESC 1/100

NOTAS: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-TCC	Universidade: Universidade Estadual do Maranhão	TÍTULO: CASA HIKARU	FRANCHA: 06/15
	CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMOARQUITETURA E URBANISMO	DISCRIMINAÇÃO: PLANTA DE LAYOUT TÉRREO E 1º PAVIMENTO	
ALUNA: WANG FE LIAN	CO-ORIENTADORA: Sanadja de Medeiros Souza	ESCALA DE PLOT.: 1/100	PROJETO: CASA HIKARU: Estudo Preliminar de Unidade Familiar inspirada na Arquitetura Tradicional Japonesa no município de Santa Cruz do Capibaribe-PE.
ORIENTADORA: Lúcia Moreira do Nascimento		FORMATO: A1	



CORTE AA'
ESC

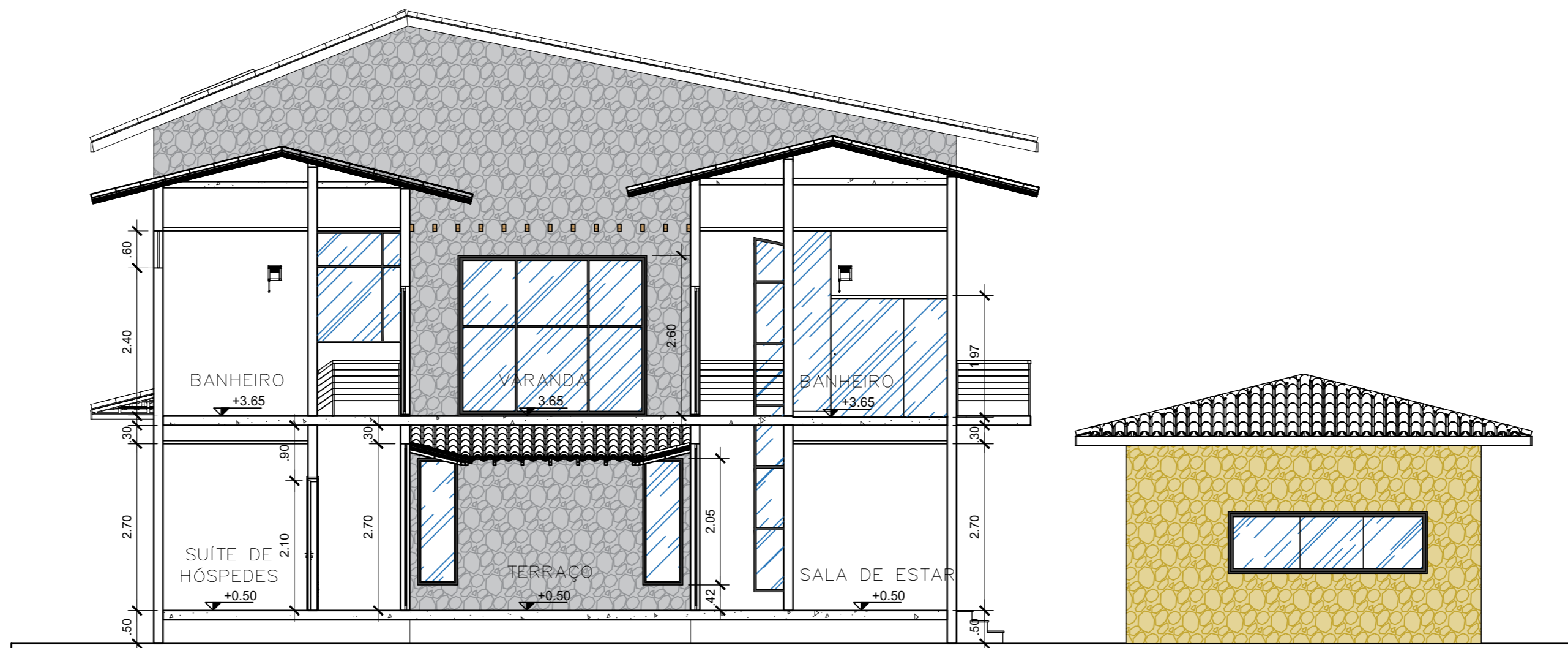
1/75



CORTE BB'
ESC

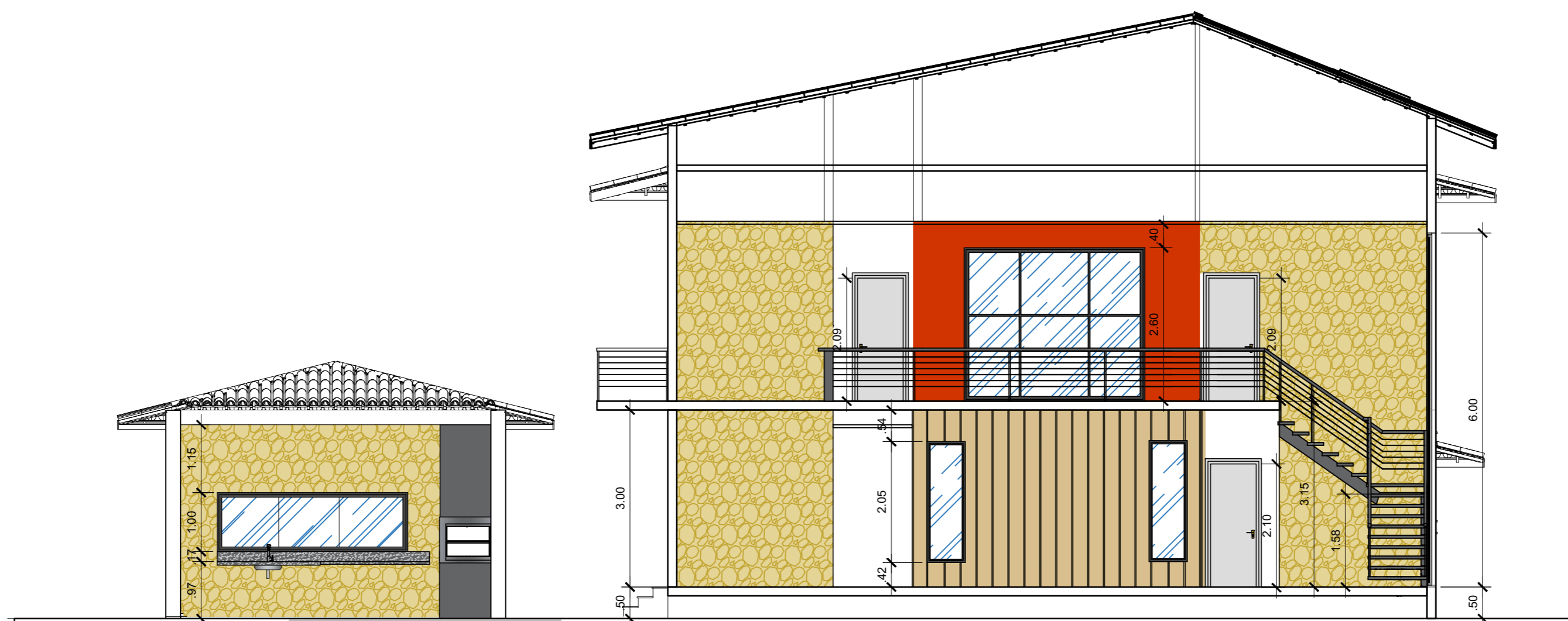
1/75

NOTAS: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-TCC	Universidade: Universidade Estadual do Maranhão	TÍTULO: CASA HIKARU		
	CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO/ARQUITETURA E URBANISMO	DISCRIMINAÇÃO: CORTE AA' E BB'		
	ALUNA: WANG FE LIAN	ESCALA DE PLOT.: 1/75	PROJETO: CASA HIKARU: Estudo Preliminar de Unidade Familiar inspirada na Arquitetura Tradicional Japonesa no município de Santa Cruz do Capibaribe-PE.	DATA: MARÇO/2024
	ORIENTADORA: Lúcia Moreira do Nascimento	CO-ORIENTADORA: Sanadja de Medeiros Souza	FORMATO: A2 (420mmX594mm)	FRANCHA: 07/15



CORTE CC'
ESC

1/75



CORTE DD'
ESC

1/75

NOTAS: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-TCC		Universidade: Universidade Estadual do Maranhão	TÍTULO: CASA HIKARU	
		CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO	DESENHO: IMAGEM 3D	
ALUNA: WANG FE LIAN		ORIENTADORA: Lúcia Moreira do Nascimento	ESCALA DE PLOT.: SEM ESCALA	PROJETO: CASA HIKARU: Estudo Preliminar de Unidade Familiar inspirada na Arquitetura Tradicional Japonesa no município de Santa Cruz do Capibaribe-PE.
CO-ORIENTADORA: Sanadja de Medeiros Souza		FORMATO: A2 (420mmX594mm)	DATA: MARÇO/2024	FRANCHA: 08/15



NOTAS:
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-TCC

Universidade:
Universidade Estadual do Maranhão

CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO/ARQUITETURA E URBANISMO

ALUNA:
WANG FE LIAN

ORIENTADORA:
Lúcia Moreira do Nascimento

CO-ORIENTADORA:
Sanadja de Medeiros Souza

TÍTULO: **CASA HIKARU**

DESENHO:
IMAGEM 3D

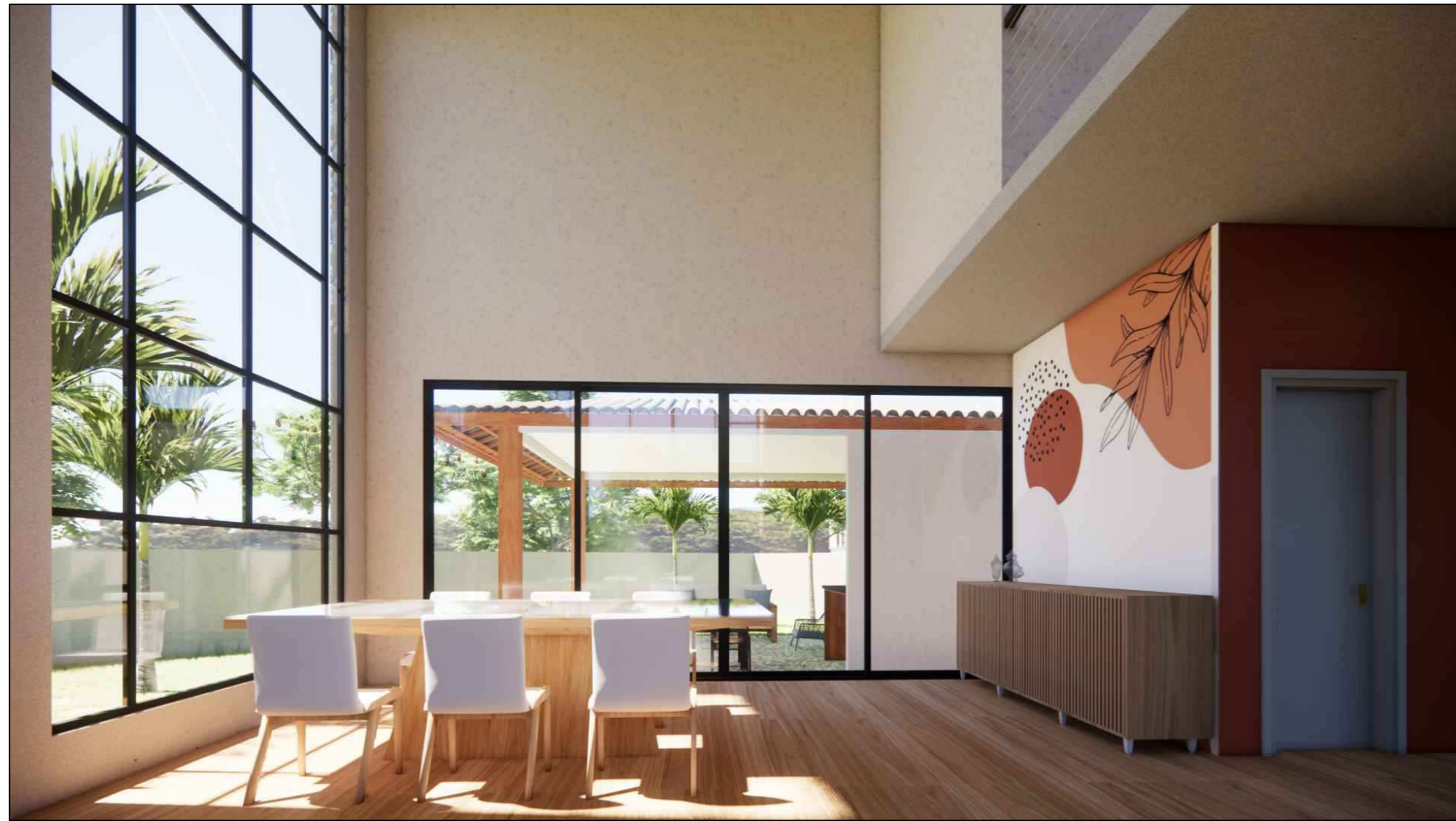
ESCALA DE PLOT.:
SEM ESCALA

FORMATO:
A2 (420mmX594mm)

PROJETO:
CASA HIKARU: Estudo Preliminar de Unidade Familiar inspirada na Arquitetura Tradicional Japonesa no município de Santa Cruz do Capibaribe-PE.

DATA:
MARÇO/2024

FRANCHA:
09/15



NOTAS:
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-TCC

Universidade:
Universidade Estadual do Maranhão

CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ALUNA:
WANG FE LIAN

ORIENTADORA:
Lúcia Moreira do Nascimento

CO-ORIENTADORA:
Sanadja de Medeiros Souza

TÍTULO: CASA HIKARU

DESENHO:
IMAGEM 3D

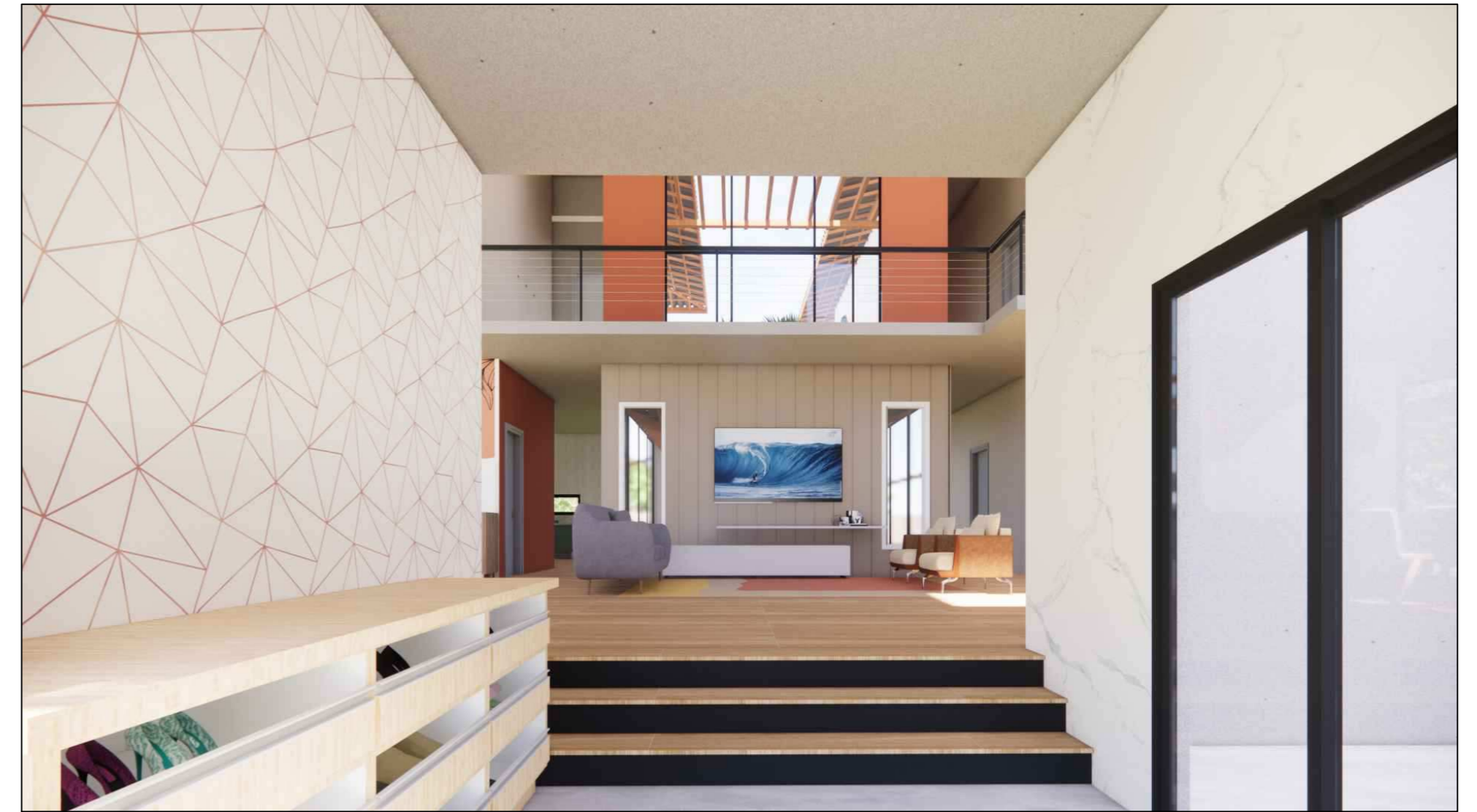
ESCALA DE PLOT.:
SEM ESCALA

FORMATO:
A2 (420mmX594mm)

PROJETO:
CASA HIKARU: Estudo Preliminar de Unidade Familiar inspirada na Arquitetura Tradicional Japonesa no município de Santa Cruz do Capibaribe-PE.

DATA:
MARÇO/2024

FRANCHA:
10/15



NOTAS:
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-TCC

Universidade:
Universidade Estadual do Maranhão

TÍTULO: **CASA HIKARU**

CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMOARQUITETURA E URBANISMO

DESENHO:
IMAGEM 3D

ALUNA:
WANG FE LIAN

ESCALA DE PLOT.:
SEM ESCALA

PROJETO:
CASA HIKARU: Estudo Preliminar de Unidade Familiar inspirada na Arquitetura Tradicional Japonesa no município de Santa Cruz do Capibaribe-PE.

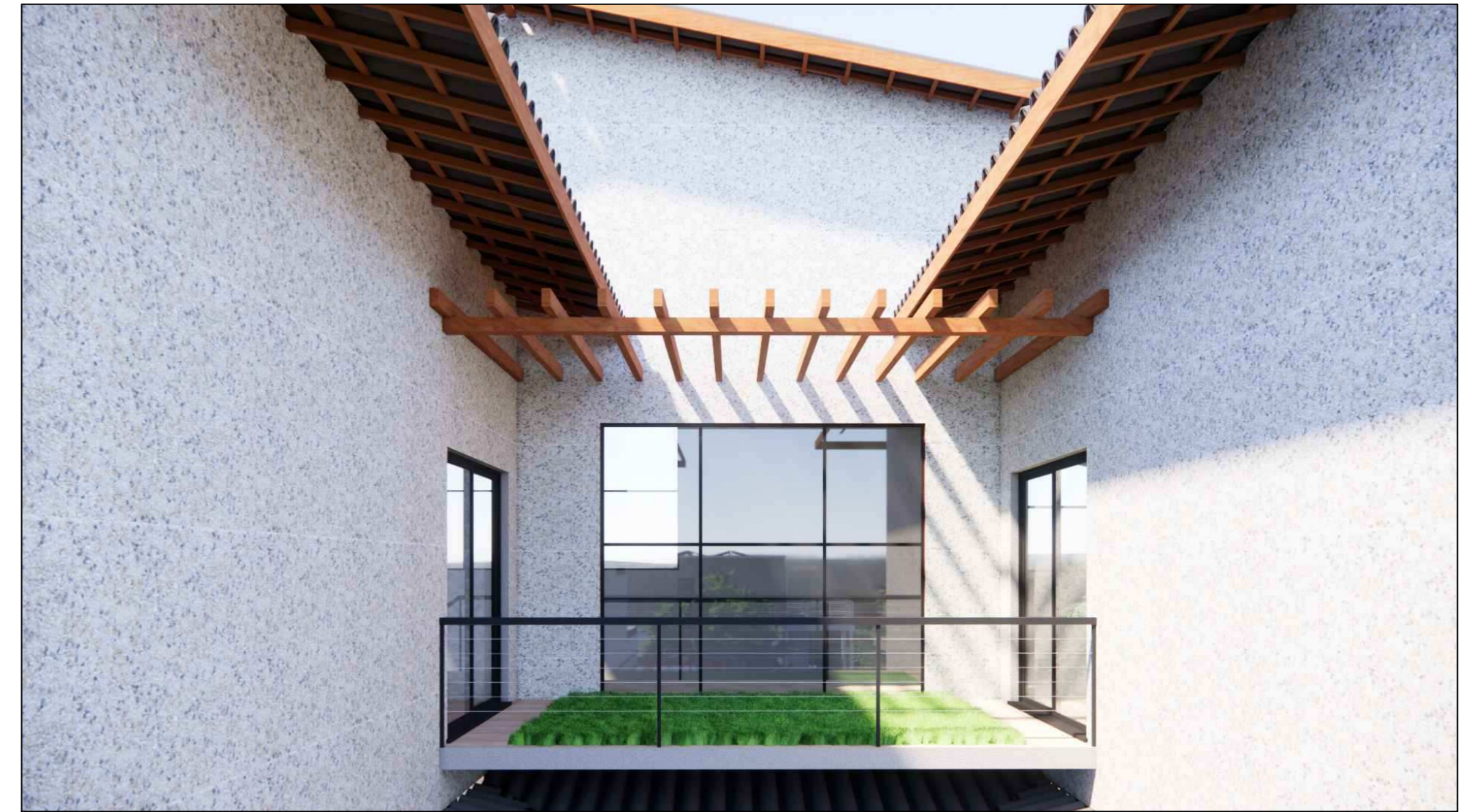
DATA:
MARÇO/2024

ORIENTADORA:
Lúcia Moreira do Nascimento

CO-ORIENTADORA:
Sanadja de Medeiros Souza

FORMATO:
A2 (420mmX594mm)

FRANCHA:
11/15



NOTAS:
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-TCC

Universidade:
Universidade Estadual do Maranhão

TÍTULO: CASA HIKARU

CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO/ARQUITETURA E URBANISMO

DESENHO:
IMAGEM 3D

ALUNA:
WANG FE LIAN

ESCALA DE PLOT.:
SEM ESCALA

PROJETO:
CASA HIKARU: Estudo Preliminar de Unidade Familiar inspirada na Arquitetura Tradicional Japonesa no município de Santa Cruz do Capibaribe-PE.

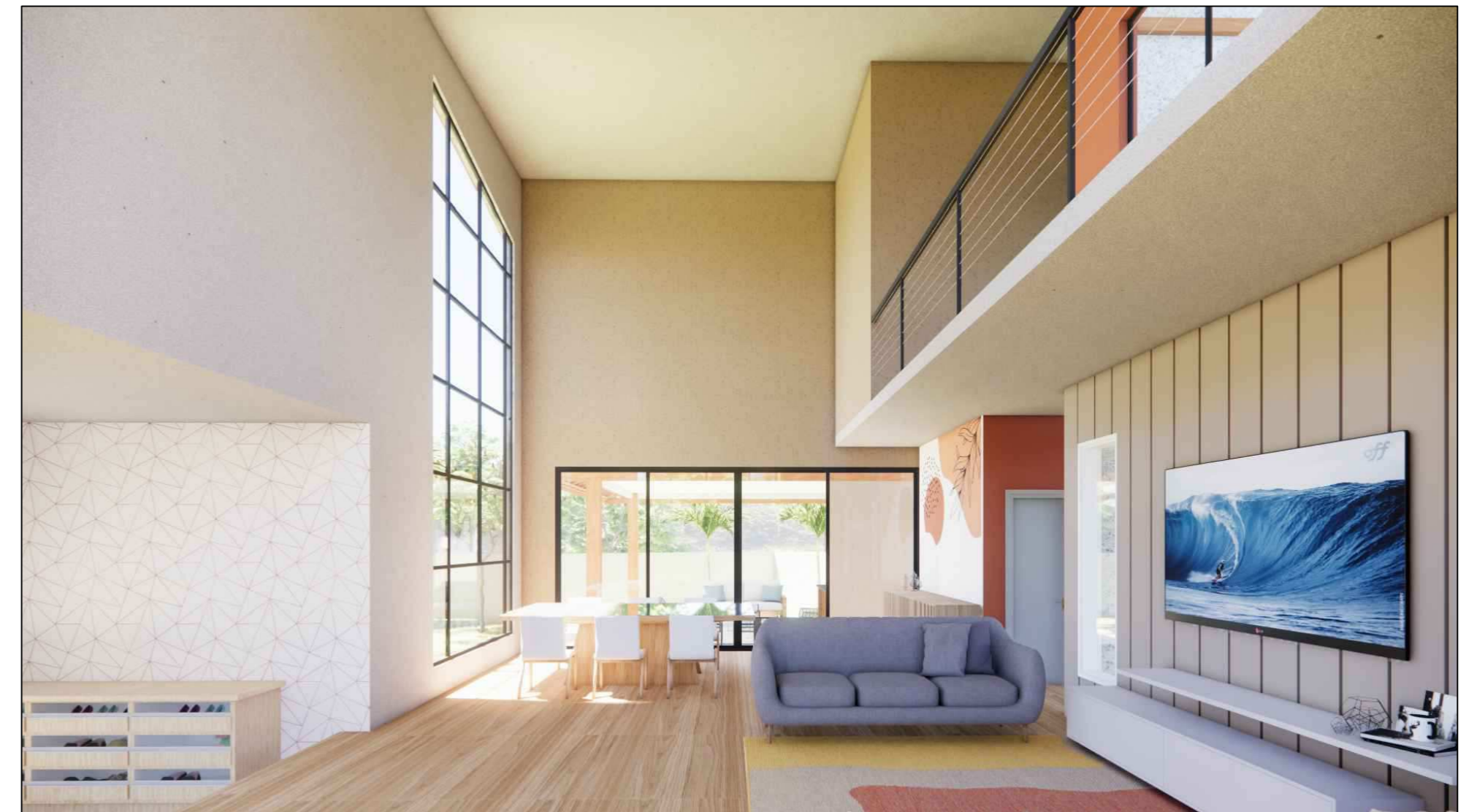
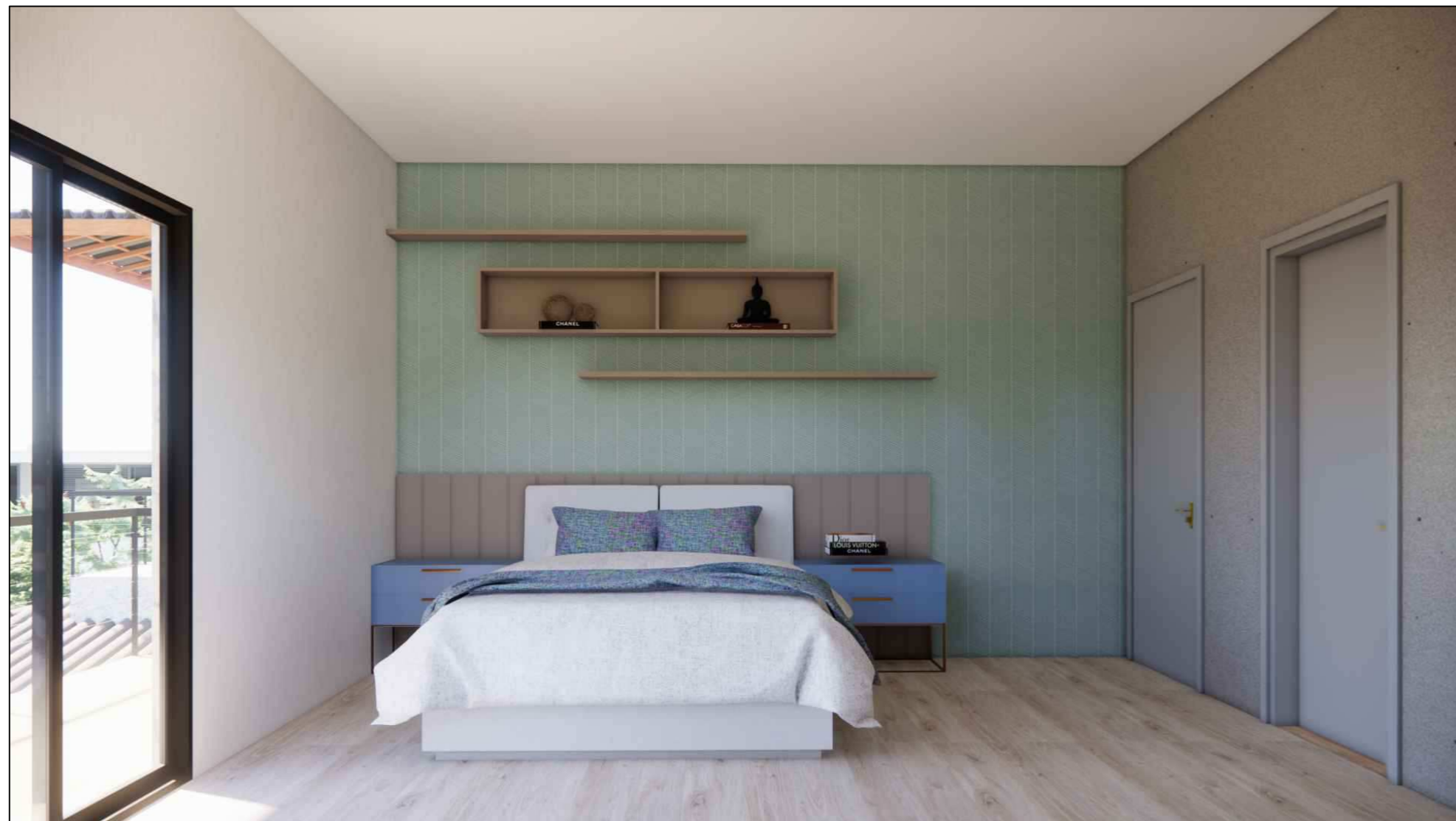
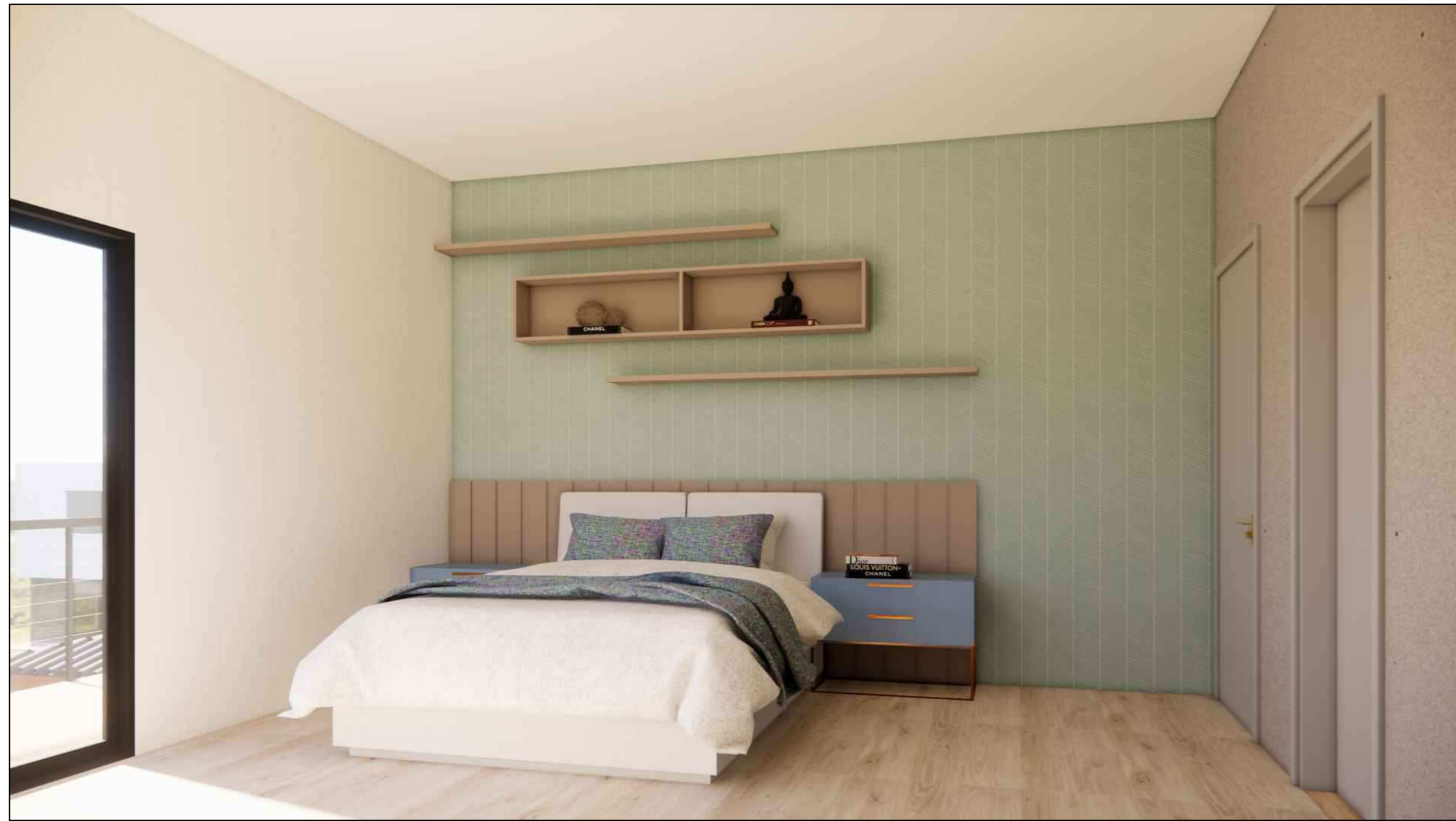
DATA:
MARÇO/2024

ORIENTADORA:
Lúcia Moreira do Nascimento

CO-ORIENTADORA:
Sanadja de Medeiros Souza

FORMATO:
A2 (420mmX594mm)

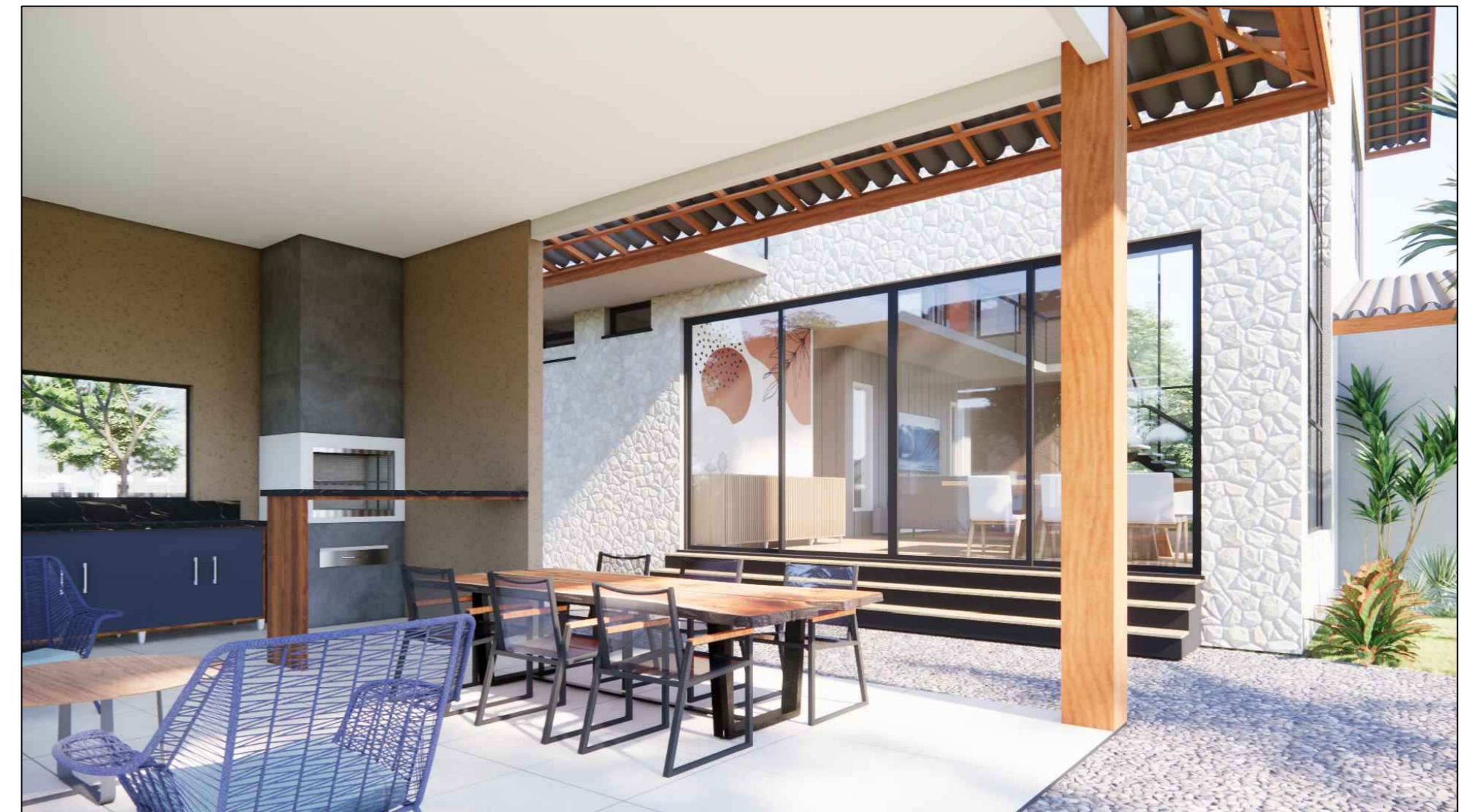
FRANCHA:
12/15



<p>NOTAS:</p> <p>TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-TCC</p>		<p>Universidade:</p> <p>Universidade Estadual do Maranhão</p> <p>CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO</p>		<p>TÍTULO: CASA HIKARU</p>	
<p>ALUNA:</p> <p>WANG FE LIAN</p>		<p>CO-ORIENTADORA:</p> <p>Sanadja de Medeiros Souza</p>		<p>DESENHO:</p> <p>IMAGEM 3D</p>	
<p>ORIENTADORA:</p> <p>Lúcia Moreira do Nascimento</p>		<p>ESCALA DE PLOT.:</p> <p>SEM ESCALA</p>		<p>PROJETO:</p> <p>CASA HIKARU: Estudo Preliminar de Unidade Familiar inspirada na Arquitetura Tradicional Japonesa no município de Santa Cruz do Capibaribe-PE.</p>	
		<p>FORMATO:</p> <p>A2 (420mmX594mm)</p>		<p>DATA:</p> <p>MARÇO/2024</p>	
				<p>FRANCHA:</p> <p>13/15</p>	



<p>NOTAS:</p> <p>TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-TCC</p>		<p>Universidade:</p> <p>Universidade Estadual do Maranhão</p>		<p>TÍTULO:</p> <p>CASA HIKARU</p>	
		<p>CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO</p>		<p>DESENHO:</p> <p>IMAGEM 3D</p>	
<p>ALUNA:</p> <p>WANG FE LIAN</p>		<p>ESCALA DE PLOT:</p> <p>SEM ESCALA</p>		<p>PROJETO:</p> <p>CASA HIKARU: Estudo Preliminar de Unidade Familiar inspirada na Arquitetura Tradicional Japonesa no município de Santa Cruz do Capibaribe-PE.</p>	
<p>ORIENTADORA:</p> <p>Lúcia Moreira do Nascimento</p>		<p>CO-ORIENTADORA:</p> <p>Sanadja de Medeiros Souza</p>		<p>FORMATO:</p> <p>A2 (420mmX594mm)</p>	
				<p>DATA:</p> <p>MARÇO/2024</p>	
				<p>FRANCHA:</p> <p>14/15</p>	



NOTAS:
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-TCC

Universidade:
Universidade Estadual do Maranhão

CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO/ARQUITETURA E URBANISMO

ALUNA:
WANG FE LIAN

ORIENTADORA:
Lúcia Moreira do Nascimento

CO-ORIENTADORA:
Sanadja de Medeiros Souza

TÍTULO: CASA HIKARU

DESENHO:
IMAGEM 3D

ESCALA DE PLOT:
SEM ESCALA

FORMATO:
A2 (420mmX594mm)

PROJETO:
CASA HIKARU: Estudo Preliminar de Unidade Familiar inspirada na Arquitetura Tradicional Japonesa no município de Santa Cruz do Capibaribe-PE.

DATA:
MARÇO/2024

FRANCHA:
15/15